



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

LÚCIA DE FÁTIMA SOUTO PINHO

**CULPA E GRAÇA NA PERSPECTIVA DA IGREJA CATÓLICA:
UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

LÚCIA DE FÁTIMA SOUTO PINHO

**CULPA E GRAÇA NA PERSPECTIVA DA IGREJA CATÓLICA:
UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva

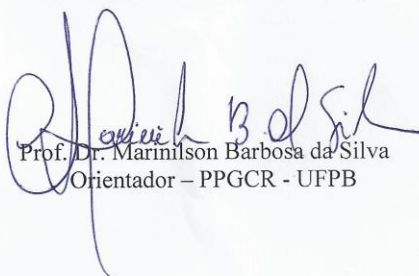
**João Pessoa – PB
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

“CULPA E GRAÇA NA PERSPECTIVA DA IGREJA CATÓLICA: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO”

Lúcia de Fátima Souto Pinho

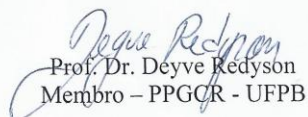
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Marimilson Barbosa da Silva
Orientador – PPGCR - UFPB



Prof.ª. Dra. Cristiane Galvão Ribeiro
Membro – Externo - UNIPÊ



Prof. Dr. Deyve Redyson
Membro – PPGCR - UFPB

P654c Pinho, Lúcia de Fátima Souto.

Culpa e graça na perspectiva da igreja católica: um estudo fenomenológico / Lúcia de Fátima Souto Pinho.-- João Pessoa, 2012. 118f.

*Orientador: Marínilson Barbosa da Silva
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE*

1. Ciências das religiões. 2. Igreja católica. 3. Cristianismo. 4. Catolicismo. 5. Culpa. 6. Graça.

UFPB/BC

CDU:

A meus pais, pelo incentivo e exemplos, bases da minha educação, que semearam e cuidaram com atenção e carinho do meu crescimento pessoal.

Aos mestres, que souberam ensinar e guiar a direção correta para que esse crescimento fosse possível e para que continuasse indeterminadamente.

Àqueles que nos inspiram e nos fazem sempre querer continuar e melhorar.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas, por me amparar nos momentos difíceis e dar-me força interior para superar as dificuldades, mostrando os caminhos nas horas incertas, suprimindo todas as minhas necessidades.
- Ao meu orientador, Prof. Dr. Marinilson Barbosa da Silva, uma excelência em ser mestre, agradeço pelo carinho e atenção que me foram dispensados, pela calma e tranquilidade que lhes são peculiares e que muito me ajudaram para que este momento tão especial não se tornasse uma tortura. Sua participação foi fundamental para realização deste trabalho.
- À professora Eunice Simões que também se faz excepcional na arte de ser mestre; de braços abertos me recebeu no grupo GEPAI – Grupo de Estudo e Pesquisas de Antropologia do Imaginário – acreditou e me incentivou para que entrasse no mestrado em Ciências das Religiões.
- À minha família, em especial o meu marido, Manfredo, a quem amo de todo coração, sobretudo, como homem apaixonado, mas também como marido grato, e que amo receber a qualidade de amor que dele me vem todos os dias, em cada pequenino gesto de carinho e cuidado verdadeiros. Pela sua imensa capacidade de amar e perdoar sem fazer qualquer barganha.
- Aos meus filhos (Manfrinni Souto e Angelina Souto) e aos meus netos que, com tanto carinho, entenderam as ausências, mesmo quando me fazia presente.
- A meu genro e à minha nora (Vitor de Farias Bronzeado e Milene Pontes da Rocha) pela atenção e carinho dispensados.
- A todas as amigas (os) do caminho, cujas amizades são sérias, verdadeiras e sólidas como uma rocha, por fazerem parte da minha vida nos momentos bons e ruins, por serem exemplos de mulheres e profissionais que sempre farão parte da minha vida.
- A todos aqueles que fizeram parte de forma direta e indireta, que me deram força e apoio, os meus agradecimentos.

“As religiões instituídas separam, enquanto a espiritualidade reúne.”

(Leonardo Boff)

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste na análise da culpa e da graça na perspectiva da igreja católica, tendo como base o Cristianismo, a Fenomenologia, seu método e o universo da Igreja Católica. A obra de Freud e suas implicações psicanalíticas servirão de base e subsídios no processo de análise dos dados obtidos na pesquisa em questão, assim como os mitos, sendo eles as representações do que existe de mais profundo no humano, símbolos, imagens e arquétipos que se encontram na psique e no “imaginário” do ser existencial. A pesquisa apreciará a repressão sofrida pelos cristãos, mais especificamente, os católicos ao longo da História. A influência do sentimento de culpa nas relações intra e interpessoal, bem como a subjetividade dos católicos. A culpa imposta pela Igreja Católica no sentido de monitorar os seus fieis. A falta de obediência como ponto de partida para o pecado e, como consequência, a culpa instalada no íntimo dos seguidores da religião em pauta.

Palavras-chave: Culpa. Graça. Cristianismo. Catolicismo.

ABSTRAC

The objective of this work is the analysis of guilt and grace from the perspective of the Catholic Church, based on Christianity, Phenomenology and its method and the universe of the Catholic Church. The work of Freud and psychoanalytic implications serve basis and subsidies in the process of data analysis in the research in question, as well as the myths, they are representations of what is deepest in human symbols, images and archetypes that are the psyche and the "imaginary" of existential being. The research will examine the repression suffered by Christians and most specifically Catholics throughout history. The influence of guilt on intra and interpersonal relationships, as well as the subjectivity of the Catholics. The guilt imposed by the Catholic Church in order to monitor their faithful. The lack of obedience as a starting point for the sin and guilt as a result installed on the inside of the followers of the religion in question.

Keywords: Guilt. Grace. Christianity. Catholicism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categoria I: Educação Religiosa -----	62
Quadro 2: Categoria II: Educação Repressora -----	65
Quadro 3: Categoria III: Culpa, minha máxima culpa -----	76
Quadro 4: Categoria IV: Graça sem graça -----	81
Quadro 5: Categoria V: Padre, representação de Deus na igreja -----	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I – ORIGEM HISTÓRICA DO CRISTIANISMO	15
1.1 Ideologias cristãs e o catolicismo brasileiro	15
1.2 Catolicismo, Culpa e Graça	21
1.3 Origem do sentimento de culpa no cristianismo	23
1.4 Perspectiva cristã da culpa	27
1.5 Sentimento da graça no cristianismo	31
1.6 Contribuições psicanalíticas	38
II A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO	57
2.1 Os caminhos da construção da pesquisa	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS	103

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a culpa e graça no imaginário judaico-cristão através das liturgias católicas consiste em uma proposta de estudo que venho desenvolvendo e que atende aos requisitos da linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas do curso de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. É possível afirmar que a religião e o tema da culpa e graça são categorias de análise intrínsecas e compõem um fecundo campo de estudo no universo das Ciências das Religiões, porquanto são passíveis de serem investigadas em diversas dimensões e a sua relevância é evidente pela extensão do fenômeno e seus impactos psicossociais e emocionais.

Eu fui criada em ambiente católico praticante, simplesmente obedecia e aceitava “cegamente”, sem argumentar nenhuma questão que chamasse atenção e, sem dúvida, uma das questões mais marcantes era o sentimento de culpa que sentia por violar alguma das regras impostas, não importava se as ações eram pequenas ou grandes. Só sei que o pecado ligado diretamente à culpa estava lá, era uma verdadeira sombra a me perseguir; a graça, para falar a verdade, não era presente, só em raríssimas ocasiões quando algo de bom acontecia e se utilizava a seguinte frase: “Graças a Deus”.

Porém, quando cheguei ao amadurecimento, a luz da razão falou mais alto, a racionalidade das coisas me fez argumentar e pesquisar; por essa razão, não aceitei mais as imposições ou colocações do tipo: “os mistérios de Deus”. Comecei, então, a buscar respostas. Os porquês eram inúmeros: Por que Deus castiga em quase tudo que fazemos e até pensamos? Por que quase tudo que fazia parte dos meus desejos e vontades me trazia o sentimento de culpa? Até nas pequenas situações ou, ainda, nas questões que independiam de mim ou que fazem parte das nossas lutas e conquistas, até o fato de possuir algo que o outro não possui, lá estava o sentimento de culpa, por quê? E onde fica a questão da graça nisso tudo, o que fazemos, ou ainda, o que devo fazer para obter a graça de Deus?

Em minhas indagações sobre a graça, pensei sobre a descrença, a crítica e a condenação que muitos fazem à esperança de uma vida feliz; indaguei a mim mesma: Será que a fé foi “sequestrada”? Será que o legalismo na Igreja, escondido por trás da máscara da ortodoxia ou da espiritualidade, roubava a fé, a crença e a esperança dos fiéis diante de tanta desgraça? Como sentir a graça, como fazer a fé ser maior que um grão de mostarda?

Frente a tal realidade, resolvi pesquisar sobre a culpa como também sobre a graça que aparece tão acanhada, apagada, “sem graça”, diante desse contexto. Quando Paulo escreve aos Romanos 12:6 que “temos diferentes dons de acordo com a graça que nos foi dada e que cada um

deve usá-los na proporção da sua fé”, essa passagem me remete a questionamentos diversos. E, aproveitando a oportunidade que agora tenho através da dissertação do mestrado, penso que pesquisar o tema em questão, saber sobre a expectativa dos fiéis no seio da Igreja Católica, se a Igreja ainda exerce um poder, opressão e repressão em torno dos seus adeptos me parece bastante apropriado.

Foi na prática profissional, já como psicóloga atuante na clínica de psicologia, que essas questões se tornaram mais intensas, pois o depoimento de muitos pacientes por mim atendidos parecia sempre carregado de culpa, em sua maioria inconsciente, algo que eles não percebem, mas que se faz presente em seus discursos. Haja vista a escuta analítica nos fazer penetrar em diversos aspectos da fé religiosa, os quais parecem demandar profundas reformulações e reflexões, foi assim que acabei empreendendo sobre temas fundamentais como a experiência de culpa, graça e da religião no discurso de muitos pacientes. Há uma associação entre ambas; elas estão estreitamente interligadas, quase inseparáveis. Na área analítica, procurarei transmitir a posição de diversos teóricos com objetividade e fidelidade, procurando evitar qualquer julgamento pessoal que venha interferir na elaboração desta dissertação.

As escutas psicológicas, bem como a fala dos pacientes possibilitam-me, enquanto psicóloga pesquisadora, perceber e criar um caminho de investigação para aquele que sofre com problemas de ordem psicológica e se encontra naquilo que dizem.

Posteriormente, fiz formação em Psicanálise e Psicopedagogia, entre outros cursos de especialização, procurando sempre em suas teorias uma base mais sólida para meu desempenho profissional e que me conduzisse ao entendimento do comportamento, do sofrimento, enfim, da dor humana, tendo encontrado no discurso religioso de muitos, como as diversas religiões, observando que o catolicismo é a mais atuante neste aspecto e exerce uma influência fortíssima no comportamento no que diz respeito à culpa, foco de minhas indagações. Eis aqui mais um motivo para que esta pesquisa fosse realizada com um foco na Igreja Católica.

Imbuída do desejo de entender o ser humano, sem me distanciar das questões religiosas, fiz diversas leituras, adentrei ao curso de Especialização em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e esses estudos me levaram a construir o meu problema de pesquisa. Procurando aprofundar na questão, adentrei ao grupo de pesquisa Gepai – Grupo de estudo e pesquisa em antropologia do imaginário, antes mesmo de entrar no mestrado. Esse grupo revelou-se mais uma opção para trabalhar o tema ora descrito nesta dissertação.

Pesquisar a culpa por esse viés psicológico, fenomenológico, assim como, algumas considerações psicanalíticas, é uma forma de ficar mais perto de uma solução da problemática aqui colocada.

Partindo do princípio de que a culpa se fez presente em toda a história do cristianismo e que ela é vista tanto em grandes como em pequenas ações, por exemplo: para sentir a culpa basta violar a consciência moral, ética, pessoal, para surgir o sentimento. Aceitar as imposições, os mistérios de Deus, o porquê Deus castiga em quase tudo que fazemos e até pensamos. Outro ponto a ser pesquisado é a graça, o que entendemos sobre ela e o que fazemos ou ainda o que devemos fazer para obtermos a graça de Deus, conforme a perspectiva católica.

O tema culpa e graça na perspectiva da Igreja Católica, foi demarcado, mais especificamente, por fazer parte da imaginação e do imaginário de uma das mais antigas e maiores religiões do ocidente e do nosso país. Desejo, aqui, levantar pontos relevantes sobre a questão da culpa e graça tratada pela Igreja Católica e como esse processo chega aos seus fiéis e quais as consequências no âmago de cada um.

Espero, com esta pesquisa, obter a evidência de que a religião de maior número de adeptos no nosso país (o catolicismo) faz associação da culpa e da graça com o pecado, e investigar como a Igreja Católica trabalha o tema culpa e graça em suas pregações através da narração dos próprios fiéis. Desejo pesquisar o que contém esse grupo religioso como pano de fundo, qual a influência dos mitos e o intenso sentimento de culpa inconsciente ou consciente, forjado na infância dessas pessoas e não trabalhado por elas, e quais as consequências nas relações interpessoais. Não será que os católicos já viveram muitos momentos sufocantes, já não foram controlados por tempo suficiente? O fardo imposto por sua própria consciência e reforçado pela Igreja de forma mais contundente ainda persiste?

A metodologia que será utilizada será da pesquisa científica de cunho fenomenológico, no intuito de dar suporte teórico-metodológico a este objeto de estudo, tornando-o claro, objetivo e útil para o meio acadêmico. O suporte fenomenológico servirá de apoio para as entrevistas por ser um tratado científico sobre a descrição e a classificação dos fenômenos, que se propõe a ser uma ciência do subjetivo, dos fenômenos e dos objetos como objetos.

Pesquisar-se-á, através de uma bibliografia referente ao objeto em questão, e serão adotados os critérios de entrevistas e revisão bibliográfica, para subsidiar nos recursos necessários à investigação. Numa primeira ótica, proponho realizar um tratamento dos dados, proveniente

das diretrizes para a leitura, análise e interpretação das entrevistas realizadas, análise interpretativa e problematização das questões coletadas.

Outra inquietação surge o estudo: desconfio que, nos extremos desse grupo religioso, possam existir mitos e um intenso sentimento de culpa inconsciente forjados na infância das pessoas adeptas, e que ainda não foram trabalhados por elas.

Tournier (1985) diz que não se pode, na verdade, abordar o problema da culpa sem levantar as questões religiosas que ele suscita. Mesmo pelo viés médico, psicológico, por exemplo, atualmente colocam em discussão a doutrina religiosa do pecado e a influência das igrejas. Assim, sob a pressão do progresso da medicina e da psicologia, as barreiras que se haviam erguido, um pouco artificialmente, entre a ciência e a filosofia, entre a medicina e a teologia, foram derrubadas.

A abordagem será de cunho quantitativo e qualitativo, descritivo porque será aquela em que iremos ‘observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos variáveis sem manipulá-los’. Qualitativa porque entendo que ela exige instrumentos de coleta de dados específicos, a definição corrente de observação participante (MINAYO, 1996, p. 135).

Essa técnica é essencial em pesquisa de natureza qualitativa, por permitir a captação de determinadas ordens de situações, fenômenos e especificações, que não seria possível através de outros mecanismos.

Já numa segunda fase, realizo na pesquisa, através do método fenomenológico, uma entrevista com dez (10) católicos, homens e mulheres e dentre eles um padre, pessoas que fazem parte da Igreja Católica a mais de dez (10) anos, que tenham sua educação e formação dentro desta religião, que tenham passado por todos os procedimentos exigidos pela igreja, como batismo, crisma, casamento, e que os pais também sejam católicos, que os valores absorvidos ao longo dos anos tenham sido obtidos através dos valores preconizados pela igreja católica. Os entrevistados são pessoas que adultas e que já têm ideias formadas. O intuito é buscar a subjetividade, como colocada por Schultz e Schultz (2002), ou seja, a noção da percepção é subjetiva. Esta noção – a da percepção, “Essa idéia, chamada fenomenologia, argumenta que a única realidade da qual podemos estar seguros é o nosso próprio mundo de experiências, a nossa percepção interna da realidade” (p. 318). Continuando dizem ainda que

A abordagem fenomenológica na filosofia refere-se a uma descrição imparcial de nossa percepção consciente do mundo, exatamente como ele ocorre, sem nenhuma tentativa de nossa parte de interpretação ou análise. Na visão de Rogers, o ponto de vista mais importante sobre o nosso mundo

experencial é que ele é particular e, dessa forma, pode ser completamente conhecido somente por nós (SCHULTZ E SCHULTZ, op.cit., p. 318).

A percepção interna que o indivíduo tem sobre é algo valorizado pela fenomenologia, através desta abordagem se tem a possibilidade de se perceber o que a pessoa trás em seu íntimo , exatamente como ele sente e vive, as suas experiências, a sua interação com o mundo externo á partir do seu próprio mundo, essa realidade é mais fala por si só, ela não chega mais perto da realidade, ela é a própria realidade.

I ORIGEM HISTÓRICA DO CRISTIANISMO

Neste capítulo são trabalhadas questões inerentes aos aspectos do cristianismo na Europa medieval e no Brasil; o crescimento, as dificuldades enfrentadas e a busca de soluções para as diversas problemáticas existentes. O objetivo aqui é para que se obtenha um entendimento histórico deste processo de construção, associando as possibilidades oferecidas pela Fenomenologia. Serão abordadas também questões inerentes à culpa e à graça; como a igreja católica trabalha esses assuntos junto aos seus fieis, como os padres abordam o tema nas liturgias, o que os católicos entendem sobre o tema e considerações da abordagem psicanalítica para elucidação de algumas questões inerentes à tese. Mesmo parecendo algo incomum fazer tais associações, contudo, esta relação me parece bastante saudável e pertinente, já que o pai da psicanálise trabalhou ao longo de sua obra teses que dizem respeito à culpa e este é um tema que a religião se apossou de forma bastante contundente junto aos fieis. A graça e a psicanálise me parecem cuidar daquilo que é desprezado pela maioria das pessoas e foi para aqueles que viviam na periferia de uma sociedade que Jesus trouxe de forma alegórica as mais significativas situações sobre a graça.

1.1 Ideologia cristã e o catolicismo brasileiro

No fim da idade média, a Europa vivenciou um período de crescimento, seguido de um período longo de recessão. Ambos os fenômenos se deram em três esferas: geográfica, comercial e demográfica. A consequência desse processo foi uma profunda crise econômica (inflação), política (revoltas dos camponeses) e cultural (reforma protestante). Causas da crise: 1. Esgotamento de um ciclo econômico; 2. Esgotamento do sistema feudal; 3. Questões climáticas. A intensidade da crise se deu pela convergência desses três fatores. Para a saída da crise três fatores foram fundamentais: 1. Expansão geográfica; 2. Desenvolvimento de novos métodos de controle do trabalho, adaptadas às peculiaridades de cada região; 3. O surgimento de Estados Nacionais relativamente fortes.

Dentre estes três, coube à expansão geográfica o papel fundamental, buscando-se novos horizontes para minimizar uma situação de dor e de conflitos de toda natureza, a exemplo da peste negra no séc. XIV, que invadiu a Europa, trazida pelos genoveses. Foram diversos os surtos da peste que duraram séculos. No início, foram exterminadas de 30 a 40% da população. Diante da tal fatalidade, a falta de perspectivas, o medo, enfim, se constituíram

num fenômeno psicossocial generalizado. As consequências desta situação são devastadoras, somando o individualismo intelectual, o egoísmo econômico, a perseguição a minorias, rituais de autoflagelo, erotismo, histerias coletivas, perda de racionalidade, negação a qualquer intercâmbio cultural, contatos orientados pelo saque. A segurança foi abalada, surge assim um senso comum dominado pelo militarismo. A base psicossocial da modernidade se caracteriza pela violência e pela perda da humanidade. A experiência do medo era generalizada e determinou mentalidades por gerações. O extermínio de minorias (antisemitismo), de crimes bárbaros, sepultamentos de pessoas vivas, mortes na fogueira, com ares de normalidade e com uma reinante impunidade que atemorizava a todos. É nesta época que se desenrolam as guerras de intensidade até então desconhecidas: Guerra dos cem anos (1339-1453) entre França e Inglaterra. O comércio de escravos adquire nesse ambiente sua base de legitimação psicológica.

Em Portugal, o movimento de unificação e reconquista iniciou em 1128, quando Afonso Henriques assumiu o governo do condado potucalense. Foi o primeiro príncipe a usar o título de rei de Portugal, em um documento de 1140. O surgimento do Estado português tem, assim, no combate aos mouros um de seus fundamentos constitutivos na primeira fase de sua história, os séculos XII a XIV. Esta é seguida por uma fase expansionista e universalista nos séculos XV e XVI (AZZI, 1987, p. 16).

De forma fatigante, Azzi (1987) comprova a transferência de um monarca para outro e essa formatação foi constitutiva do imaginário teológico português trazido para o Brasil. Em 1649, o Padre Antônio Vieira sofreu a ameaça de ser expulso da Ordem dos Jesuítas; no entanto, D. João IV fez oposição àquela sanção. Anos depois, o Padre Vieira regressou ao Brasil, estabelecendo-se no Maranhão, onde passou a dedicar-se à evangelização dos índios e à defesa destes contra os colonos. Tal conflito culminou com sua expulsão e com a de toda a Companhia no ano de 1661, quase dez anos depois do seu regresso ao Brasil. Retornando a Portugal, foi perseguido e processado pela Inquisição. Conseguiu livrar-se dos seus problemas com a Inquisição, que segundo Amora (2000), foi "conseguida por meios políticos" e assim "partiu para Roma, onde obteve a revisão de seu processo e voltou a conquistar (no Vaticano e nas reuniões literárias da rainha Cristina da Suécia), os antigos triunfos de excepcional pregador".

O Pe. Vieira é citado como exemplo de um dos eloquentes teólogos a andar em solo brasileiro durante o período colonial, referindo-se a D. João IV, restaurador da monarquia portuguesa, após a União Ibérica: "Assim prometem as nossas profecias, e confessam as nossas esperanças, fundadas no exemplo de tal rei e na liberdade de tais vassalos, para grande

aumento da fé, para grande glória da Igreja e para grande honra da nação portuguesa, ou ainda para grande opulência dos bens de fortuna, com maior abundância dos bens de graça” (Azzi, 1987, p. 54).

Não havia em Portugal uma sociedade homogênea no sec. XVI, apesar da maioria ser cristã, havia também na época relevantes minorias muçulmanas, judaicas e ciganas, etnias que foram hostilizadas e perseguidas em Portugal. Eles eram proibidos de seguir suas crenças e seus costumes, eram forçados a aderir ao cristianismo, eram costumeiramente acusados de ofenderem a Igreja Católica e de terem pacto com o demônio; todos esses fatos fizeram com que fugissem para o Brasil, de forma imposta ou não. Os interesses que ocorriam por trás de toda essa situação era também de ordem econômica, uma vez que os judeus tinham grande influência no comércio da Bahia e Pernambuco. Foi apenas em 1773, por decisão do Marquês de Pombal, que se proibiu a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos e no ano seguinte foi-se permitido o acesso de judeus e descendentes a cargos públicos e honrarias.

Esse fato ocorreu após a Reconquista Cristã, nessa fase os mouros já haviam sido aculturados e o seu entendimento com relação à sociedade portuguesa aconteceu sem problemas. De qualquer maneira, durante todo o período colonial, imperaram as restrições aos judeus e ciganos, seja de caráter social ou oficial. Ambos eram vistos como diferentes e ameaçadores, numa sociedade extremamente etnocêntrica e intolerante à convivência com valores e verdades heterogêneos. Pessoas sendo queimadas vivas na fogueira. As conversões forçadas foram abusivas e os horrores da Inquisição compeliram muitos portugueses a migrarem para o Brasil.

A predominância da imigração portuguesa para o Brasil era basicamente masculina, as portuguesas só vieram a desembarcar após um determinado período, pois no início não havia escolas, o que era visado era basicamente as questões que diziam respeito aos serviços domésticos, a instrução era tida como algo desnecessário e perigoso. As mulheres eram tidas como objetos, reprodutoras. O sexo era algo sujo e pecaminoso, era visto como um pecado, algo existente na cultura europeia, diferentemente da população indígena que era totalmente livre de preconceitos e das imposições da Igreja Católica, para a qual o sexo era algo natural.

Tal liberdade sexual era considerado um verdadeiro escândalo para os jesuítas, diante de tal situação, eles solicitaram ao rei de Portugal que encaminhasse mulheres, as orfãs e até meretrizes, para que se evitasse o pecado. Para Nóbrega, a falta de mulheres brancas na colônia é que acarretava no comportamento sexual desregrado dos colonos. A Igreja tentava "moralizar" os costumes dos colonos e o rei pretendia aumentar a população "branca

dominante". Homens e mulheres deviam ser casados, é a regra durante todo o período colonial.

Note-se a associação explícita entre feitiçaria e sexualidade, radicada na crença de que os feitiços fabricados pelas bruxas eram úteis sobretudo no campo afetivo. Pelo menos os legisladores civis pareciam acreditar nisso, visto que as ordenações do Reino vedavam as estas mulheres a preparação de beberagens para induzir qualquer indivíduo a “querer bem ou mal a outrem, ou outrem a ele”. A igreja não ficava atrás, e desde 1707 o sínodo diocesano reunido em salvador proibiu todo e qualquer tipo de feitiçaria destinado a influir no sentimento alheio, ressaltando as cartas de tocar, palavras e bebidas amatórias e veículos semelhantes de interferência nas vontades e desejos (ARAÚJO, 1997, p.45).

É perceptível o temor dos homens com relação às mulheres, principalmente na área afetiva, fazendo com que os teólogos acreditassem que elas realmente tinham parte com o diabo. A mulher era tida como símbolo da impureza e da desordem, era aquela que alimentava o pecado e tentava os homens. A mulher que não era considerada bruxa, carregava também o peso do *pecado original* e, por isso mesmo, a sua sexualidade tinha que ser vigiada de perto. Araújo (op. cit., p. 49) afirma que “Nos tempos coloniais, dizia-se que havia apenas três momentos em que a mulher podia sair de casa em toda sua vida: para se batizar, se casar e ser enterrada”.

A Igreja Católica Romana foi introduzida no Brasil por missionários que vieram acompanhando os colonizadores portugueses. Em 1549, seis jesuítas da Companhia de Jesus acompanharam o Governador geral Tomé de Souza, eles eram chefiados pelo Padre Manoel da Nóbrega. Os portugueses trouxeram a religião católica para o Brasil com a intenção de converter os índios. Mais tarde, também ensinaram a religião aos escravos negros. Em 1580, chega ao Brasil os carmelitos descalços e, em 1581, chega as missões dos beneditinos. Entre os séculos XVI e XVII, o governo português procurou manter uma aliança entre o Estado, representado pelos governadores e a Igreja Católica, diminuindo e administrando conflitos entre os missionários, colonos e índios. O estado era quem mantinha as igrejas e nomeava os bispos e, desta forma, mantinha um controle sobre a igreja, como também o reconhecimento e a obediência. Desse modo, o catolicismo tornou-se a maior religião e a mais ativa desde a colonização, e o Brasil é considerado o maior país do mundo em número de católicos nominais, com 73,8% da população brasileira declarando-se católica, de acordo com o Censo do IBGE de 2000.

A sua hegemonia é relativa, devido ao grande sincretismo religioso existente. Aspectos sociais, da cultura e da política sofrem grande influência da Igreja Católica. O poder

estabelecido no período colonial promoveu um modelo de catolicismo, conhecido como cristandade e essa conjuntura reflete a autoconsciência histórica da Igreja no Brasil. Nesse modelo, a igreja é uma instituição subordinada ao estado e a religião oficial funcionava como instrumento de dominação social, política e cultural.

De forma simbólica, em 1759, iniciou-se uma crise desse modelo, com a expulsão dos jesuítas e com a supremacia de uma nova mentalidade racionalista e iluminista. No segundo reinado, em 1840, começa um novo período na história da Igreja no Brasil, conhecido como romanização do Catolicismo, voltado à colocação da Igreja sob as ordens diretas do Papa e não mais como uma instituição vinculada à Coroa luso-brasileira.

Nesse segundo reinado, percebe-se a existência de três fases, que são: a primeira trata-se da reforma católica, aqui os bispos reformadores preocupam-se em imprimir ao Catolicismo brasileiro a disciplina do Catolicismo romano, investindo principalmente na formação do clero; a segunda da reorganização eclesiástica, ela foi marcada, na Igreja, pela nova experiência institucional, resultante da sua separação do Estado com a proclamação da República; e a terceira a da restauração católica, esta também conhecida como Neo Cristandade, inicia-se em 1922, no centenário da Independência e, nela, a Igreja opta por atuar, com toda visibilidade possível, na arena política. Essa opção implica a colaboração com o Estado. A Igreja passou a mobilizar seus intelectuais através de outras estruturas, a do Centro D. Vital e a Liga Eleitoral Católica. (AMOROSO, 2001)

Segundo Boaventura (1997), nas diversas constituições brasileiras, a educação é tema presente e de destaque e, apesar de a educação pertencer a responsabilidades dos pais e da sociedade civil, na época, era personificada, sobretudo, nas instituições de cunho religioso ligadas, em sua maioria, à Igreja Católica. Dentre muitas questões em torno da educação, um dado marcante na Constituição Imperial foi a obrigatoriedade do ensino religioso da doutrina católica em todos os estabelecimentos educacionais. Tal medida se justificava pelo fato do Estado imperial brasileiro possuir uma religião oficial a ser transmitida a todos os seus cidadãos. De acordo com os princípios que orientaram o conteúdo da Constituição Imperial, o Estado não era responsável pela educação; esta deveria caber, principalmente, à família e à Igreja.

Posteriormente, um dos maiores avanços da primeira Constituição republicana foi a determinação do ensino leigo em todas as instituições públicas. Inconcebível manter-se o ensino de uma única doutrina religiosa em um Estado oficialmente laico e, por isso, desprovido de religião oficial.

A educação foi tema presente, direta ou indiretamente, em todas as Constituições brasileiras. Ela era vista como interesse privado, o poder público não tinha que afiançar educação. A educação era privilégio de poucos, as famílias que eram abastadas eram que buscava a formação. A obrigação do Estado com a educação surge com a Revolução Francesa. Com o advento do Estado Moderno, a educação oferecida pelo estado é a de maior destaque na sociedade. Nesse período, a educação passar a ser direito de todos.

O Marquês de Pombal, em 1759, trata de retirar dos domínios portugueses a Companhia de Jesus. Com a expulsão da Companhia, predominou no Brasil uma educação com destaque religioso aplicada pelos jesuítas. Com as reformas realizadas pelo Marquês supracitado, a educação torna-se pública e estatal. Contudo, o período colonial foi caracterizado por falta de incentivo à educação. Os colonizadores não tinham interesse em oferecer condições para seu efetivo implemento. Esse modelo de uma educação ineficiente é próprio dos que desejam permanecer com o poder. A educação não permite que as pessoas sejam facilmente ludibriadas, por isso o interesse era de uma educação pobre.

Com a Constituição de 1934, a Igreja passa a registrar alguns pontos desse ataque, como fundar o ensino religioso nas escolas públicas, a presença de capelães militares nas Forças Armadas e a subvenção estatal para as atividades assistenciais ligadas à Igreja.

A partir dos anos de 1960 a Igreja ganha força com esse processo de mudança de modelos e ganha mais força com a influência do Concílio Vaticano II. Nas décadas de 1950 a 1960, a Igreja no Brasil começa a dar prioridade à questão do desenvolvimento.

No governo de Getúlio Vargas, a Igreja assumiu uma posição conciliatória diante do regime de exceção, a CNBB desempenha um papel chave na articulação da sociedade civil, em defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da redemocratização. Em 1964, durante o vaticano II, em Assembleia Geral realizada em Roma a CNBB, resolve tomar para si o Planejamento Pastoral como uma estrutura metodológica de renovação, nesse processo, a Igreja investe na integração com a sociedade civil e aos movimentos sociais e foram reforçadas por diversas Conferências Episcopais. Esse processo leva ainda a Igreja focalizar sua atuação na sociedade brasileira, a partir dos pobres e dos excluídos.

Dados fornecidos pelo IBGE, com análise de 2000. População residente por cor raça e religião, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que o Brasil permanece sendo o país com maior número de católicos. Entende-se então que é maioria no Brasil que seguem normas e regras impostas pela Igreja Católica.

De acordo com o pensamento de Boff (1976, p.40), ele afirma que “vivemos hoje uma outra época cultural, diferente daquela na qual se elaborou sistematicamente o tratado da graça”. No período medieval e na Bíblia, Deus era uma realidade socialmente estabelecida. A graça tinha uma dimensão bem maior, o que contraria a realidade contemporânea. O Deus de hoje parece diferenciar do Deus de outrora. Athayde (2007) comenta que o ateísmo passa a impressão de estar no meio do seio do cristianismo e, conseqüentemente, do catolicismo.

Leonardo Boff é um dos ícones da corrente progressista católica denominada Teologia da Libertação e, em 1984, foi punido pelo então cardeal Joseph Ratzinger em um processo de congregação para a Doutrina da Fé, a sucessora do Santo Ofício. Com suas ideias libertárias, Leonardo Boff critica o conservadorismo da Igreja Católica e o biólogo Dawkins. Sobre ele, Boff (1976, p. 35) comenta que “é um equívoco a maneira como ele coloca o problema de Deus no campo da razão, quando Ele está na dimensão do desejo, do utópico, do delírio”. O misticismo brasileiro é admirado por Boff, sobre essa questão, ele comenta: “e um dos traços mais belos da civilização brasileira”, acredita o autor que essa tolerância poderia contribuir e muito com a globalização. Acredita Boff que o ateísmo pode ser fruto de uma decepção profunda com a vida, o que faz com que o indivíduo não consiga acreditar em um Deus bom. Logo, o ponto culminante/divergente entre Leonardo Boff e a Igreja é quando ele fala sobre a interferência desta na vida cotidiana do País, fossilizando a visão do cristianismo e acrescenta, afirmando que “A Igreja Católica não tem sensibilidade para os dramas humanos”.

Quando se fala sobre graça Boff (1976, p. 40), diz que nos dias de hoje precisaria mudar a concepção do homem sobre a vida, sobre Deus, uma vez que existe uma mediação entre homem e Deus. A concepção da manifestação divina, não é mais vigente. Boff comenta que foi criado um mundo segundo os homens e não como obra de Deus. Então, ele argumenta: como falar da graça Divina? – somos secularizados e o mundo constitui o centro orientador de nossa compreensão. O mundo, para este autor, tem vida própria. Então, falar da graça no sentido que a teologia conhece, é algo complicado.

1.2 Catolicismo, Culpa e Graça

Desde a pré-história, o homem desenvolve a capacidade de imaginar. Posteriormente, cada civilização buscou a sua própria forma de representar o imaginário, transformando e criando novas ideias, mitos, crenças, imagens simbólicas. A vasta literatura sobre o assunto faz compreender essa caminhada evolutiva da humanidade nas diversas civilizações, com suas

representações, seus valores, dentro de estruturas complexas de significação, cada uma percebendo o mundo, a vida e a morte, de forma específica.

No Paleolítico, vários desenhos foram encontrados, repassando o potencial imaginativo sem igual. A forma de demonstrar, através da arte rupestre, pensamentos pré-lógicos, mágicos e primitivos, criou inscrições para mostrar seus medos diante das tempestades, trovões, bestas selvagens, dentre outras imagens. Seus temores eram pintados, revelados rusticamente, expressando o mundo imaginário do ser humano daquele tempo.

Como bem coloca Bierlein (2003, p. 341): “Ser humano é ter mitos. A visão de mundo mítica não pode ser eliminada.” O mito é, ainda,

uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares [...] o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos [...] o mito conta, graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, [...] é sempre, portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir (ELIADE, 1989, p. 12-13).

O Mito representa uma explicação sobre as origens do homem e do mundo em que vive, ele é traduzido por símbolos ricos de significado, mostrando o modo como um povo entende e interpreta a existência. O conjunto de narrativas desse tipo e o estudo das concepções mitológicas encaradas como um dos elementos integrantes da vida social são denominados mitologia. O mito apesar de ser um conceito não definido de modo preciso e unânime, constitui uma realidade antropológica fundamental.

Baschet (2002) diz que os fantasmas diabólicos lançam raízes no lugar mais profundo dos seres, a figura do diabo oferece soluções para conflitos íntimos e conscienciais; por outro lado, vai de encontro a todo o panteão cristão, agindo de forma negativa, participando da afirmação das modernas formas de estado e de sua violência necessária.

A consciência culpada é a constante da nossa vida. Toda a educação, em si mesma, constitui um cultivo intensivo do sentimento de culpa, principalmente a melhor educação, aquela de pais bastante preocupados quanto à formação moral de seus filhos e quanto ao sucesso deles na vida. A educação consiste, sobretudo, em repreensão; e toda repreensão, mesmo sendo uma reprovação discreta e silenciosa, sugere o sentimento de culpa (TOURNIER, 1985, p. 8).

As religiões viriam, desse modo, atenuar os medos impostos por muitas denominações religiosas tradicionalmente instituídas. É essa religião, conforme discute Durkheim (1983), um mecanismo auxiliar para o fortalecimento do indivíduo frente à vida. Por que os fiéis admitem que “sua máxima é a culpa” e se a culpa pode ter até mesmo um efeito curativo ou não, se funciona como um anticorpo psíquico, tudo isso fará parte da investigação.

As representações de ideias, de símbolos, de mitos, são englobadas, ao mesmo tempo, de acordo com cada cultura, cada época. Do ponto de vista da cultura, constituem sua memória, seus saberes, seus programas, suas crenças, seus valores, suas normas e regras.

Esse imaginário cultural não é só local, e sim de espaço/tempo concreto. O pensamento é permeado pela lógica da narratividade; por isso toda forma de linguagem traz consigo narrativas que foram organizadas através da sobrevivência, e são chamadas de mitos.

1.3 Origem do sentimento de culpa no cristianismo

No cristianismo, a culpa original se transmitiu de geração em geração, carregando junto consigo a perplexidade pelos séculos afora. O inferno deveria ser o destino normal de toda a humanidade, se não tivesse havido a redenção, graças à qual os eleitos escapam dos tormentos eternos. Teologia e pastoral decorrem dessa representação do primeiro pecado, sobretudo a afirmação de Santo Agostinho (354-430), o mais célebre dos padres da Igreja latina, para o qual a humanidade, pecadora desde Adão e Eva, constitui uma massa de condenação eterna.

Santo Agostinho (1984) aprofunda o problema do mal e da culpa na teologia católica. Inconformado por ter de crer “só porque era absurdo”, Agostinho (1984) aceitou sim os dogmas, mas não sem antes fazer todas as tentativas, com sua arguta inteligência, para compreendê-los à luz da razão, tentando conciliar o platonismo e o dogma cristão. Acabou ele por encontrar uma série de incoerências e impasses, que não hesitou em expor publicamente, com toda a honestidade. São exemplos de suas inquietações as seguintes perguntas feitas por ele: Sendo assim, onde estará a verdade e a misericórdia divina? Será que Deus vai privilegiar uns e outros? Deus usa de parcialidade? Santo Agostinho (1984) questionava, ainda, o fato de Deus ser soberanamente bom, justo e onipotente; no entanto, o mal se fazia presente entre os homens. Posteriormente, aceitou a existência do mal como princípio independente, mas isso lhe colocava um problema: implicaria uma limitação de Deus. E, como Deus não pode agir errado, e tudo o que fez é bom, nesse caso, o que parece ser um mal, de fato é um bem em si mesmo. Por fim, desiste de localizar a causa do mal em Deus e responsabiliza a criatura como a causadora do mal, sendo este, então, as consequências dos seus atos. Ele concluiu que o mal era prova da

bondade de Deus, uma vez que Ele nos dava o livre-arbítrio e a decisão era inteiramente do indivíduo, então o mal seria somente a ausência do bem, um nada.

Santo Agostinho considera que o pecado original não é evitável (exceção feita para a Virgem Maria), mas o pecado atual pode ser evitado. Se houvesse no homem a perfeição, o pecado seria evitável, porém, como a humanidade é imperfeita, viciada pelo pecado original, o pecado só pode ser evitado com a ajuda da graça divina. Agostinho argumenta, ainda, tentando localizar a origem do mal fora da espécie humana, atribuindo-a ao demônio. Afirma que todos os anjos tinham a mesma natureza quando foram criados. Segundo o autor, o pecado de Adão acabou afetando toda a humanidade, na transmissão pelo corpo ou pela alma. Acrescenta ele que, se o pecado vem da vontade, então ele tem sua origem na alma. Sendo a alma derivada da de Adão, então a humanidade carrega essa herança. Caso tenha sido pelo corpo, também assim carregamos a herança de Adão pela mudança física, por descendência natural.

Ranke-Heinemann (1999) relata que Santo Agostinho foi o grande criador da imagem cristã de Deus, do mundo e da humanidade amplamente aceita ainda hoje. Conta-nos que

Agostinho associou a transmissão do **pecado original**, que desempenha enorme papel em seu sistema de redenção, com o prazer da relação sexual. Para Santo Agostinho o **pecado original** significa morte eterna, a condenação para todos os que não forem redimidos pela **graça** de “**DEUS da massa damnata**” à qual todas as pessoas pertencem. Agostinho insiste em que nem todos serão redimidos, por exemplo: as crianças sem batismo estão perdidas. Era ele aferrado à condenação das crianças não batizadas (RANKE, 1999, p. 89, Grifo do autor).

A doutrina de Santo Agostinho era no mínimo desumana, porém, a sua doutrina se fortaleceu da dureza e permaneceu, até os dias de hoje, como a força espiritual determinante da Igreja que foi fazendo mudanças sutis e permitindo que as crianças não batizadas entrassem no reino dos céus. Os ensinamentos de Agostinho tiveram consequências devastadoras. A forma como foi passada a doutrina do pecado original foi, e é ainda, transmitida às crianças e adultos também de forma hostil, assegura Ranke-Heinemann (1999).

Sobre a colocação de Agostinho em relação ao fato de que Adão e Eva desobedeceram a Deus e comeram do fruto proibido no paraíso e que “sentiram vergonha e cobriram o sexo com folhas da figueira”, Ranke-Heinemann (op. cit., p. 90) afirma que Agostinho transferiu a queda no paraíso para a relação sexual, mais ainda, para que prazer sexual? Esse prazer seria o responsável pela transmissão do pecado original de geração em geração. A mesma autora

traz a reflexão sobre o elo entre o prazer e o pecado, que só foi definitivamente abandonado no século passado.

Juntamente com Agostinho a Igreja Católica aderiu à ideia de que o pecado original era transmitido pelo ato da concepção. Segundo Ranke-Heinemann (1999), Agostinho foi o pai da ansiedade de 1.500 anos diante do sexo e de uma hostilidade persistente a ele. Para Agostinho prazer e perdição estão intimamente interligados. A carga moral imposta por ele, no aspecto da sexualidade e do casamento, foi de uma intensidade tal, que os cristãos da época sentiram-se oprimidos. A carga moral foi tão opressora que criou um conflito entre as suas próprias consciências e essa moralidade sexual imposta pela Igreja Católica.

Em seu livro, Murano (1991) fala a respeito do pecado original e afirma que a culpa máxima, na Bíblia, é colocada no ato sexual, não apenas no prazer. Ela lembra que o arquétipo da antiga harmonia entre o ser humano e a natureza lembra o Jardim das Delícias.

É possível perceber que alguns cristãos consideravam a Bíblia como revestida de uma autoridade sagrada para impor um código moral, um conjunto de proibições e prescrições cuja estrita observância deveria nos assegurar uma existência isenta de culpa. Porém, Tournier (1985) diz que tudo isso é uma utopia e que a Bíblia não pode ser seguida literalmente, e este fato é gerador de desespero, angústia, enfim, de uma culpa que não encontra solução.

Este autor afirma também que o fato de se sentir culpado por um ato cometido, dito ou realizado, está associado ao tabu. E o tabu seria “uma proibição mágica: Isto é impuro, não toque, isto é proibido, não faça”. Tabus são proibições carregadas de angústia ameaçadora. “O moralismo procede disso, é a criação de um código rigoroso de proibições, de um código moral” (TOURNIER, 1985, p. 136).

Nesta passagem percebemos que o autor relembra que o poder dos tabus é algo imensurável e, por isso, se entende que tocar uma coisa santa pode ser uma causa de morte. O autor fala que as testemunhas de tal circunstância reconheceram aí uma punição de Deus que atingiu Uzá pelo pecado de que se tornou culpado, embora tivesse uma intenção tão louvável.

Apresentar o Sermão da Montanha como um esboço da ética de Jesus Cristo, como frequentemente se faz, parece não ser a forma correta, para não se incorrer em riscos de se colocar algo que não seja realizado, alcançado. O autor exemplifica o porquê de tal afirmação e mostra algumas passagens do Novo Testamento: “A ninguém julgueis” (Jo. 8. 12 a 20). Tournier diz que não se pode seguir esta máxima de forma absoluta, e acrescenta que o mesmo acontece com todas as ordens do Cristo, a exemplo do Sermão do Monte. Ele afirma que as exigências do Cristo são plenamente realizáveis e cita outro exemplo que é: “Dar aos outros não somente aquilo que eles nos pedem, mas o dobro (Mt. 5:41). O autor explica que

uma ética pretende justamente ser aplicável; mas, diante de Jesus Cristo e de seu apelo, está faltando sempre alguma coisa, em nossa justiça. Ele lembra que a lei mosaica, dos primeiros livros do Antigo Testamento, tem caráter moralista, aplicável. “Os meus estatutos e os meus juízos guardareis, cumprindo os quais, o homem viverá por eles.” (Lv. 18:5). O autor explica que, em consequência, esta lei é facilmente investida pelas características arcaicas, infantis e mágicas da moral, dos tabus, fonte de *culpas patológicas*. Acrescenta ele que a lei mosaica associa-se ao sentido formalista e mágico do tabu.

Levando-se em consideração os argumentos, o autor supracitado comenta também em seu livro que se pode cometer um pecado sem saber, sem que haja intenção, e o resultado disso é uma angústia neurótica. Ele nos leva a refletir através da mensagem contida em Lv. 5:2: “[...] quando alguém tocar em alguma coisa imunda seja corpo morto de besta-fera imunda [...] ainda que lhe fosse oculto, e tornar-se imundo, então será culpado.” (TOURNIER, 1985, p. 139). Com isso ele nos mostra que aquilo que poderia tranquilizar a consciência faz surgir uma nova culpa, de maior intensidade e muito mais angustiante, por ser ela inconsciente. Exemplo: “A arca de Deus tinha, aos olhos dos israelitas, este caráter mágico do tabu; não se podia tocá-la. Deus ordenou a Davi que a transplantasse à Jerusalém. Colocaram-na, para isso, em um carro de bois. Mas em Nacom o carro ameaçou tombar, e “Estendeu a mão Uzá à arca de Deus e a segurou porque os bois tropeçaram.” Uzá morreu na mesma hora (TOURNIER, 1985, p. 138).

Com este exemplo, Tournier relembra que o poder dos tabus é algo imensurável e por isto se entende que tocar em uma coisa tão Santa pode ser uma causa de morte. O autor fala que as testemunhas de tal circunstância reconheceram aí uma punição de Deus que atingiu Uzá pelo pecado de que se tornou culpado em uma intenção tão louvável.

No livro Totem e Tabu, ele faz alusão ao tema dizendo que

Os tabus, devemos supor, são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação (FREUD, 1905b, p. 48).

Portanto, é possível entender que Freud define como sendo uma expressão ambígua, ou seja, o termo ora é “sagrado”, ora tem o sentido de “proibido” e, ainda, de “perigoso”. Uma característica comum dos tabus é o temor de se ter contato com ele, por ele ter um significado demoníaco. Em seu texto, Freud destaca que essa ambiguidade existente nos tabus se deve a duas questões primordiais, que são: por que é proibido algo que é desejado, primeiro

o desejo de manter relações sexuais e segundo o de não matar o animal totêmico, questões essas que estão no nível do inconsciente. Esses desejos que estão nos membros da tribo são os mesmos que são encontrados nos neuróticos. Por esse motivo, sua violação precisa ser vingada, se assim não fosse, os outros ficariam tentados a agir da mesma forma que o transgressor.

Tournier (1985, p. 1) lembra que a Bíblia é um livro que mostra duas mentalidades: a primeira sendo infantil, formalista, moralista, a dos tabus; e a segunda mentalidade que é a profética. Ele reforça ao longo de sua narração que a primeira oferece uma moral limitada, definida, explícita, que localiza o pecado em uma ação, em algo impuro. Através desse caminho afirma que os ensinamentos oferecem ao homem, que se assegura em si mesmo, através da observância das leis, e esta condição leva as pessoas a uma angústia sem limite.

A mentalidade profética é aquela que vai localizar a culpa no coração e não nas coisas, na intenção, no ser e não no fazer. Nesta segunda alternativa se percebe o caráter ilimitado das exigências de Deus, se percebe a impossibilidade de as pessoas se livrarem dos pecados por si mesmas, pela perfeição de sua conduta moral. Sendo assim, percebemos que a resposta vem de Deus e não das pessoas; “no perdão que Deus dá precisamente àquele que confessa a sua culpa inevitável, em vez de justificá-la” (TOURNIER, 1985, p. 138).

1.4 Perspectivas cristãs da culpa

A violação do mandamento divino era considerada como um pecado para o judeu. A terminologia pecado, no judaísmo, significa ir de encontro às leis judaicas, apesar de não ser considerada propriamente uma falsa moral. O homem tem uma natureza fraca e uma tendência para o mal. Para arrepender-se, o homem tem a misericórdia de Deus, após o arrependimento.

A origem do pecado no judaísmo não está no pecado original, que é transmitido a todos os homens, sem culpa própria, devido à sua unidade de origem, que é Adão e Eva, porém, a culpa deles não recai sobre os outros homens.

De acordo com Cerqueira Filho (2005), nós fomos condicionados ao longo do tempo pelo pensamento judaico-cristão, tendo como resultado a culpa que arrastamos ao longo dos séculos. Diz ele que houve uma distorção do pensamento cristão com relação à culpa e à punição, ou seja, a relação entre ambas, o que acabou acontecendo posteriormente.

Por esse pensamento, tudo o que fazemos e que não está dentro dos padrões rígidos dessa pseudomoral instituída é um pecado e deve ser punido violentamente. O pensamento natural do

judaísmo, do “olho por olho, dente por dente”, manipulado e distorcido durante séculos pelas doutrinas cristãs e por interesses próprios, vem prevalecendo dentro da cultura ocidental.

Seguindo o pensamento de Cerqueira Filho (2005), ele comenta que o termo distorcido é utilizado para chamar a atenção do que tratam os Evangelhos, pois não há citação alguma colocando que o Cristo se referiu ao erro, da forma como é colocada por diversas religiões cristãs, como pecado e como punição.

Logo, para tal constatação, sejam analisadas as passagens da mulher adúltera, quando Jesus disse que atirasse a primeira pedra aquele que não tinha pecados, o momento de encontro com a mulher hemorroíssa (mulher que sofre de um fluxo de sangue), a Sua postura com Maria de Magdala, e perceberemos que Ele via o erro de uma maneira natural, fazendo parte das experiências de evolução do ser humano.

No Novo Testamento, a questão da culpa é tratada de forma a buscar solução para que as pessoas não percam a esperança de serem amparados por Deus, através do esforço próprio, através da observância de uma moral limitada por mais rigorosa que ela seja.

A “ética judaica descobriu a inveja”. Segundo Tournier (1985), a culpa era ilimitada, inevitável, existencial. Nesse momento vem à tona a questão do pecado camuflado, e os profetas começaram a ser menos rigorosos com os pecadores manifestos, que eram escanteados pelos pseudojustos.

Jesus vai proclamar muito mais rigorosamente ainda. O sentido do Sermão do Monte não será o de uma receita para se liberar da culpa por uma conduta meritória. Muito pelo contrário. É a palavra que abala, que sacode, que convence de morte aquele que não matou; de adultério aquele que não cometeu; de perjúrio aquele que não perjurou; de ódio aquele que se vangloriou de amor; de hipocrisia aquele que era conhecido por sua piedade. Como se vê, é totalmente o contrário de um código moral; pode-se muito mais compará-lo com um diálogo socrático sobre a impotência do homem em atender à virtude autêntica e assim se justificar por sua conduta impecável (TOURNIER, 1985, p. 139).

Os choques dessas mentalidades tratavam de debates entre Jesus e os fariseus, o que culminou com o drama de Jesus na cruz. Os fariseus se protegiam da culpa através de uma conduta extremamente moralista, caindo em uma culpa bem pior: a satisfação do ego e o recalque da consciência. Aqui vemos claramente que o autor fala da possibilidade de se coar o mosquito e engolir o camelo.

Não são os virtuosos que Deus acolhe de braços abertos, mas os desprezados, não os que negam a sua culpa, mas os que a confessam, os que tremem de arrependimento, de remorso e de impotência. Esta é a grande inversão bíblica de que falamos.

A história de um homem de profunda fé pessoal é contada por Tournier (1985): “Não consigo estudar com você este sério problema da culpa sem levantar o fato óbvio e trágico de que a religião – a minha própria, como a de todos os crentes – pode esmagar em vez de libertar.” Diz ele que os pacientes realmente buscam a graça, porém em algumas instituições religiosas, encontram a vergonha, a ameaça do castigo e um sentimento de julgamento.

De acordo com Tournier (1985), Jesus inicia o seu ministério terrestre através da máxima: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc. 1:15). Assim, o autor deduz que o arrependimento é a porta para a graça, e mais, que os que creem serão os primeiros.

Por possuírem uma posição socioeconômica mais favorável, enganam-se, pois fora do arrependimento, fora das luzes da sociedade, não entrarão no reino dos céus prometido por Jesus (Mt. 11:28). Jesus diz que os arrependidos, cansados e sobrecarregados serão os primeiros. Tournier (1985) lembra que este é o sentido das bem-aventuranças.

E Jesus reforça a questão da culpa nos moralistas e conscienciosos. Que a culpa é equânime a todas as pessoas e só confessando a culpa é que se recebe a graça. Ele nos fala ainda de duas culpas que contrastam entre si, que é a culpa infantil e a dos preconceituosos. Lembra Paulo, quando diz: “Todas as coisas, na verdade, são limpas” (Rm. 14:20) e “Todas as coisas são puras para os puros” (Tt. 1:15). Aos romanos, o apóstolo Paulo escreve:

Um crê que tudo pode comer, mas o débil come legumes; quem come não despreze o que não come; e o que não come, não julgue o que come, porque Deus o acolheu. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio o Senhor está em pé ou cai, mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o sustentar. Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente (Rm 14:2-5).

Ele acrescenta mais adiante: “Tudo o que não provém da fé é pecado” (Rm. 14:23). Através desta máxima de Paulo, citada no parágrafo acima, Tournier (1985) asseverava que a liberdade da culpa ecoou e que apenas os neuróticos ficaram apegados à questão dos tabus absorvidos pela educação. O sentimento de culpa foi deslocado do seu falso objeto infantil para o verdadeiro problema: “a dependência de Deus e de Deus somente.” Acrescenta ele que esta consciência adulta da responsabilidade diante de Deus liberta do moralismo e das falsas culpas e assegura que essa passagem da culpa infantil para a adulta é o que faz uma cura psicanalítica ter o seu efeito libertador.

Para que o indivíduo possa conhecer suas limitações, suas convicções reais, os valores que guarda ou renega, rejeitar o moralismo, o medo, ver-se livre do julgamento humano e dos tabus impostos pela sociedade, é importante essa harmonia consigo mesmo, é necessário essa superação da “neurose [que] não é simplesmente o efeito de uma falsa culpa, é complexa, é um conflito entre a falsa e a verdadeira” (TOURNIER, 1985, p. 141). A falsa culpa é uma sugestão humana que se opõe à vocação divina da qual todo homem tem uma intuição, uns mais, outros menos.

Com relação à Igreja Católica, Tournier (1985, p. 143) diz que ela proclama “a graça a Deus e ao moralismo, que é a negação dela, sempre se introduz em seu seio, particularmente, entre aqueles que têm o mais louvável desejo de testemunhar a sua fé, pela retidão da sua conduta moral”.

Ao longo da história vemos eclodir diversos movimentos religiosos, novas igrejas, ordens surgem, são vários os nomes que fundaram ou reergueram igrejas. O valor de Deus é descoberto, o amor e a caridade tornam-se mais evidenciados e os humanos parecem ser mais humanos. Aqui se descobre a submissão que deve ser voltada para Deus e se percebe também a ilimitação das suas exigências e a dimensão da busca de sua graça.

Nesse meio virtuoso, Tournier (1985) lembra que se instala um novo conformismo, a graça se torna condicional e o julgamento surge de forma austera, e quem não é de acordo com essas normas é infiel. Daí surge a hipocrisia, cada um quer se apresentar melhor do que é, os indivíduos se escondem atrás de suas próprias falhas, escondem a verdade sobre seus atos, as omissões são constantes e obrigam os filhos a fazerem o que eles não conseguem colocar em prática. A teoria se torna cada vez mais distante da realidade.

A obediência a Deus se dava de forma voluntária no que era resposta à graça. Esta passou a ser imposta, era uma obrigação meramente legalista. É dessa forma que o moralismo volta a atuar entre as pessoas e estas se colocam de forma passiva, obediente diante de uma nova moral limitada. O medo de ser julgado e a angústia patológica dos tabus reaparecem.

A deformação moralista não se deve às igrejas existentes da época, uma vez que ela se apresentava em todas as sociedades. Ele coloca que essa informação tem sua origem na revolta contra o conformismo sufocante, porém, ela se cristaliza de forma lenta, mas progressiva em um novo conformismo.

O autor diz que a origem de tudo isso se deu no “impulso libertador da revolução francesa, e que teve seu apogeu um século mais tarde na hipocrisia de uma sociedade que os psicanalistas, os comunistas e os existencialistas denunciaram”. Porém, ele reforça, dizendo que

esse conformismo foi absorvido posteriormente por essas abordagens citadas. A própria psicanálise não conseguiu escapar de tal conformismo e houve divisões e rivalidades de escolas, a ponto de aparecer nas discussões uma palavra de uso teológico, por excelência, a “*ortodoxia*” (TOURNIER, 1985, p.144, Grifo do autor).

A amplitude do desvio moralista é uma prova de que ele faz parte da natureza humana. Esses mecanismos de desvio têm mais aspectos psicológicos do que concepções dogmáticas; é que os homens têm necessidade de preservação moral. Isso porque o sentimento de culpa é tão aflorado que se torna intolerável e é neste ponto que entra o conformismo entre os homens com relação às regras e normas impostas pela sociedade, a quaisquer princípios de uma moral limitada.

1.5 Sentimento da graça no cristianismo

Em todas as épocas, todos os povos praticaram, a seu modo, atos de adoração a um Ente Supremo, o que demonstra ser a ideia de Deus inata e universal.

Apesar de todos reconhecerem suas fraquezas, mesmo que intimamente, e com isso a consequente necessidade de recorrer a alguém, um ser todo poderoso que lhe desse conforto e proteção é algo presente nos transe mais difíceis da existência terrena.

Tempos houve em que cada família, cada tribo, cada cidade e cada raça tinham os seus deuses particulares, em cujo louvor o fogo divino ardia constantemente na lareira ou nos altares dos templos que lhes eram dedicados.

Assim, acreditava-se em que os deuses lhes retribuía as homenagens, tudo faziam pelos adoradores, ajudando em guerra, batalhas e diversas conquistas. Em sua imensa ignorância, os homens sempre imaginaram que, tais quais os chefes tribais ou os reis e imperadores que os dominavam aqui na Terra, também os deuses fossem sensíveis às manifestações do culto exterior, e daí a pomposidade das cerimônias e dos ritos com que os consagravam. Imaginavam, por outro lado, ciosos de sua autenticidade ou de sua hegemonia e, vez por outra, adeptos de uma divindade entravam em conflito com os de outra, submetendo-a a provas, sendo então considerada vencedora aquela que conseguisse operar feito mais surpreendente.

A palavra graça, desde o século XV, equivale a agradecer. No século XIX o catolicismo adota uma visão que pertence à ordem da Trindade da graça, Boff (1976) coloca que nisso ocorre uma influência do romantismo, a se insistir no aspecto experiencial da fé.

Houve também uma releitura dos padres gregos. A graça é então o símbolo para a vida do Deus Trino, que se comunica na intimidade do homem. No início do século XX, existia um costume proveniente da Igreja Católica para se perguntar a uma pessoa como ela se chamava, falava-se: “qual é sua graça?”. Ainda hoje vemos pessoas guardarem esse costume. Esse termo “graça” tem sua origem no latim *gratiis*, que deriva de *gratus* (grato, agradecido) e que, em sua primeira acepção, designa a categoria ou conjunto de qualidades que fazem agradável a pessoa que as tem. Em Jo. 1:170, ele conclui em seus comentários introdutórios que a “Lei foi dada por intermédio de Moisés e a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus”. Apesar de que, em minhas pesquisas, verifiquei que Jesus não usou essa palavra.

O verbete gratidão vem do latim *gratia* que significa literalmente graça, ou *gratus* que se traduz como agradável, por extensão, significa reconhecimento agradável por tudo que se recebe ou lhe é concedido.

Para que seja grato tem que existir a graça e esse despertar ocorre através de uma forma de louvor a tudo e a todos. De acordo com Franco (2011), o Santo Seráfico de Assis ao atingir o estado numinoso, de imediato exaltou na sua volata a gratidão.

Este é um poema de gratidão recitado por Francisco de Assis, como ele nos fala através deste poema, a gratidão para ser legítima, exige do indivíduo um encanto pela vida, magia, compreensão do existir. Agradecer significa lucidez, consciência da realidade existencial, não apenas pelo que se recebe, contudo, pelo que se gostaria de conseguir e até pelo o que não se conseguiu. Para tal, se faz necessário humildade para se perceber o quanto se recebe, desde o ar que se respira aos nobres fenômenos automáticos do corpo.

Analisando a graça, apoiada em uma reflexão teológica, percebo que há um desenvolvimento do seu significado ao longo da história. As transformações culturais e as transformações cristãs ligadas a lugar, à sociedade, refletindo, assim, de forma inconsciente, na escolha de instrumentos linguísticos de expressão. Essas mudanças ocorrem por diversos fatores, onde podemos considerar a dimensão socioeconômica do poder exercido pelos elaboradores da Teologia. Sendo assim, creio que seja relevante traçarmos de forma sucinta os elementos de força que orientam as diversas reflexões.

Boff (1976) nos conduz a um caminho importantíssimo a cerca da graça para entendermos todo esse processo ao longo da história; ele mostra que, no Antigo testamento (AT), a fala sobre a graça, surge em termos históricos, a exemplo do caso da libertação do Egito, o fato da criação e dos bens da criação e da eleição de Israel. Já no Novo Testamento (NT), a graça é um comportamento que salva, é uma bondade e simpatia de Deus que se fez pessoalmente bondade e benignidade em Jesus Cristo. No NT, a graça foi e é Jesus Cristo,

como presente de Deus. Em seguida vemos que na Teologia grega, a graça é glória que se irradia da Divindade e transmuta o homem. “Essa transmutação ocorre ontologicamente aos homens pelo sacramento, eticamente através das virtudes, segundo as leis divinas e através da imitação na vivência do Cristo. Já na Teologia latina, a graça ocorre através do exemplo de Jesus e também através da Igreja no sentido de “libertação do pecado e da corrupção humana”. (BOFF, 1976, p.22).

Na alta-escolástica vemos que a graça se vive na vida virtuosa. Na pós-escolástica, ela vem explicar metafisicamente a graça, aqui se dão as: “famosas disputas entre Tomistas e Jesuítas acerca da predestinação para a glória e sobre a problemática da graça” (BOFF, op. cit., p. 21). Já a posição dos reformadores sobre a graça, era a atitude benevolente e misericordiosa de Deus, sendo assim, vemos que a maneira de ser, de agir é que salva o homem dos seus pecados.

Para entender o significado da graça (SWINDOLL, 2009), temos que voltar a um velho termo hebraico que significava “curvar-se, dobrar-se”, que com o tempo, passou a incorporar a ideia de “favor condescendente”. Este autor diz que

mostrar a graça é estender favor ou bondade a alguém que não a merece e que nunca poderá fazer nada para ganhá-la. Receber a aceitação de Deus pela graça sempre se coloca em fortíssimo contraste com base nas obras. Todas as vezes que surge o pensamento sobre a graça existe a ideia de ela ser imerecida. De modo algum o recipiente está recebendo aquilo que merece. O favor é entendido simplesmente em razão da bondade no coração do doador (SWINDOLL, 2009, p. 23).

A percepção aqui sobre a graça é que ela não é recebida por merecimento, não é através das obras ou atitudes e, por isso, parece estranho o indivíduo receber algo que não merece e o recebe apenas por misericórdia divina. A graça é absolutamente gratuita, não é necessário que se pague por ela, mesmo porque ela não é impagável. A graça que se recebe não é uma precondição, por isso, não se faz necessário se pagar a Deus por alguma coisa recebida. Na citação acima, vemos que não é necessário que haja esforço ou aceitação divina através das obras realizadas. A graça não funciona dessa forma.

A graça quer traduzir a experiência cristã mais originária e original, ou seja, essa interação entre criador e criatura transcende e o resultado desse encontro é a beleza, a bondade que se reflete em toda criação. Para o autor supracitado, a graça quer dizer a presença de Deus no mundo e no homem. E quando Deus se faz presente o estava doente fica bom, o que estava sem força se fortalece, o que era pecador fica justo, o homem constrói essa

capacidade de se relacionar com o Divino e estabelecer um diálogo e essa aproximação é premiada com a identificação mística com Deus. O autor afirma que a graça é uma extrapolação de Deus que se dá e do homem que se doa. Ele amplia o conceito ainda mais colocando que graça é muito mais, é encontro, é diálogo, abertura, saída, é história, é reconciliação entre Deus e a humanidade. A graça transcende, ela é amor de Deus em ação, doando gratuitamente, sem nada esperar e de forma inesperada. A graça é atemporal, ela é “o nome de para Deus”, porque “Deus não tem graça, Ele é a graça”. A graça é ameaçada pela desgraça, diz o autor citado parágrafo acima, ele coloca ainda de forma paradoxal que a graça e a desgraça são chances para a libertação e afirma que tudo isso é: “um mistério da criação”. Diz Boff (1976, p.16).

Ao longo do desenvolvimento em torno desta questão, o autor vai ampliando o conceito em torno da graça e é categórico ao afirmar que a graça é luz e a desgraça faz parte das trevas, e que a ameaça do homem vem da dor, da culpa, do mal, do feio, do violento, do cruel; com isso percebe-se, então, que a culpa é a própria desgraça. O homem vive nesse conflito, hora ele é agraciado e hora desgraçado e assim vive experienciando, vivenciando a graça e a desgraça.

[...] da graça, pode-se proceder de duas maneiras: pode-se falar da graça ao longo da experiência histórica cristã. Em outras palavras: Pode-se falar da graça conforme falam os manuais de teologia no tratado da graça. Nos manuais se historia a tematização feita por teólogos e pela igreja no confronto com doutrinas heterodoxas inaceitáveis pela comunidade eclesial (BOFF, 1976, p.17).

De acordo com a citação, percebemos que a teologia escolar criou todo um sistema sobre a graça, e a reunião dos ensinamentos sobre a graça está no aspecto doutrinário. A Teologia administra um pensar já organizado, estruturado e aprovado oficialmente. Com isso, a Teologia deixa de fundamentar o pensar e a experiência de fé perante os seus fiéis. Boff (1976) diz que a grande questão não está em falar sobre a graça e sim deixar que ela fale, se mostre, fazendo com que a comunidade de fé entenda o poder da graça. O autor nos traz com muita propriedade que a graça já existia em nossa vida, mesmo antes de falarmos sobre ela. Ele fala que experimentamos a graça sem sabermos que isto é graça e, vai mais longe, diz que o papel da Teologia vai além do falar, ou de criar realidades sobre as quais falamos, sobretudo, de falar das realidades, de acordo com as vivências e experiências humanas. Entendo, pelo o que o autor nos mostra, que a questão não é monopolizar a graça e sim a conscientização do homem sobre a sua existência.

Permitir que a Teologia monopolize a graça através de sua linguagem teológica é entrar em uma manifestação ilusória que é a de que só se salve pela igreja ou que a graça só chega ao mundo através da igreja. Aqui Boff (op. cit.) nos mostra que não podemos permitir ou reduzir a graça às dimensões do homem.

De acordo com Swindoll (2009), a graça é algo esplendoroso e que usamos para descrever várias coisas na vida, como a habilidade de atletas, dançarinas, o dom de saber colocar, de falar, ouvir, o cuidado que é dispensado a outras pessoas. Ele lembra como Jesus usou a graça em diversos momentos, a exemplo da mulher pega em adultério e de como os fariseus exigiam, cobravam o que a Lei dizia: “apedrejar as mulheres”, estes eram os assassinos da graça. Porém Jesus intervinha com a graça.

Este termo era utilizado também em cerimônias de batismo dos católicos, no qual o indivíduo se torna cristão e, segundo o catolicismo, a pessoa recebe a graça de Deus e, junto com a graça, o nome.

A palavra é também definida como um dom gratuito e sobrenatural dado pelo Supremo para conceder à humanidade todos os bens necessários à sua existência e à sua redenção. Na teologia, o conceito de graça é fortemente enraizado pelo cristianismo como também pelo judaísmo. A graça capacita o que ela manda fazer. Essa dádiva é motivada unicamente pelo perdão e pela graça de Deus à humanidade, logo, movida por Sua iniciativa própria, ainda que seja em resposta a algum pedido a Ele dirigido. E, também por essa razão, a Graça é um favor imerecido pelo homem, mas fruto da misericórdia e amor divinos.

Dependendo das diversas correntes da teologia cristã, existem aqueles que defendem que a graça é irresistível; outros, que a graça é somente para algumas pessoas escolhidas e eleitas por Deus; e há ainda aqueles que acreditam que a graça é universal (ou seja, predestinada para toda a humanidade), mas que pode ser recusada livremente pelo homem.

A lei mosaica trouxe as exigências, as regras e os regulamentos e, junto com isso, o aumento das expectativas incômodas dos fariseus que aproveitaram da ocasião para crescer a lista, intensificando a culpa e a vergonha de qualquer pessoa, como relata Swindoll (2009). Acrescenta o autor que os fariseus promoveram um sistema por demais exigente, retirando assim a alegria de viver, ocorrendo prejulgamentos inflexíveis e o sistema religioso promovido por eles girava em torno dos atos externos. A obediência passou a ser uma questão de compulsão amarga.

De acordo com Swindoll (2009), os ensinamentos de Jesus trouxeram esperança e com ela a graça e a verdade, libertando os religiosos de seus cativeiros. A culpa foi substituída por

sentimentos de renovação de motivação, as palavras de Jesus ecoaram nos corações e o desejo de segui-lo surgiu por profunda devoção e prazer.

Jesus enfatizou o amor, a fé, o perdão, e a longa lista de exigências para os pecadores foram substituídos por uma liberdade que exigia apenas mudança, transformação interior e a “religião rígida e estéril seria finalmente substituída por um relacionamento orientado pela graça” (SWINDOLL, 2009, p. 23). De acordo com esse autor, os primeiros assassinos da graça foram os fariseus.

Com relação a essa questão, Yancey (2007) diz que, quando as pessoas procuram graça em suas denominações religiosas, encontram a não graça. Acrescenta ele que “na verdade, uma pressão virulenta de falta de graça aparece em todas as religiões” (YANCEY, 2007, p. 36).

Yancey (2007) observa a graça divina e diz que a graça se encontra no nosso cotidiano, e compara o seu caráter com a horrenda “falta de graça”. Coloca, ainda, que a graça pode sobreviver no meio de crueldades, afirma que a graça pode sobreviver a brutalidades e que ela não justifica o pecado, mas resguarda o pecador. E acrescenta:

A graça não chegou até mim inicialmente nas formas ou nas palavras de fé. Fui criado em uma igreja que, com frequência, utilizava palavras, mas com significado diferente: A graça, assim como muitos termos religiosos, ficou desprovida de significado, de modo que eu já não podia mais confiar nela. Experimentei a graça, pela primeira vez, por meio da música, na faculdade cristã que frequentava, ou era considerado um desviado. As pessoas oravam por mim publicamente e perguntavam-me se eu não precisava de exorcismo. Eu me sentia embaraçado, perturbado, confuso [...] (YANCEY, 2007, p. 37).

De acordo com Swindoll (2009, p. 28), existe quatro expectativas para que se possa entender a graça. Primeiro: a pessoa pode esperar obter maior apreciação dos presentes de Deus, para si e para os outros, ele cita como exemplo destes presentes a salvação, o sorriso, a música, a beleza, a amizade, o perdão, entre outras. Em segundo lugar ele diz que: “você pode esperar passar menos tempo e gastar menos energia preocupando-se com as escolhas dos outros”. Entendo que o autor mostra aqui que devemos nos preocupar mais com as nossas próprias dificuldades do que com a vida dos outros, pois se fizermos o contrário estamos apenas perdendo tempo, pois a vida do outro ou a história do outro só é resolvida por ele mesmo. Em terceiro lugar, o autor coloca que: “você pode esperar tornar-se mais tolerante e menos julgador, novamente a busca da libertação dos seus próprios males, se torna mais uma expectativa para entender a graça. Em último lugar, “você pode esperar dar um grande passo

rumo à maturidade”, aí o indivíduo para compreender mais a graça através da maturidade psicológica, espiritual, novas possibilidades fará parte desse leque de exposição e então não seremos mais os mesmos.

Sobre o dom gratuito, Swindoll (2009 p. 29) nos fala sobre a heresia; neste momento, ele faz vários questionamentos e diz que “ela alimenta nosso orgulho, dá combustível a nossa tendência de nos encontrarmos em nós mesmos, agrada nossa carne”. O autor afirma que aquilo que parece tão correto é de fato, uma heresia. Uma das mais perigosas heresias é a de que “a ênfase naquilo que fizemos por Deus, em vez de destacar aquilo que Deus faz por nós”. Swindoll (op. cit. p. 35) comenta que isto é que falar do assassinato da graça e coloca: “o fato é que Deus ajuda o desesperado, aquele que não merece, aquele que está fora das normas, aquele que está fora das normas, aquele que não consegue alcançar o padrão divino”. Ele afirma que a maioria dos seres humanos se vê como “senhores dos seus próprios destinos, comandantes da sua própria alma”.

Para exemplificar algumas questões, este autor faz analogia dos empregos e dos salários recebidos por quem trabalha, não recebido como um favor, mas como uma dívida; porém, com Deus a economia é diferente, primeiro não há vínculo empregatício e a única coisa que merecemos em termos espirituais é a morte e, queiramos ou não, estamos falidos e sem esperança para a eternidade. A ideia passada é que não temos nada que nos permita a obtenção de favor aos olhos de Deus, nem mesmo aquele que faz a vontade do Pai.

A nossa percepção acerca dos comentários de Swindoll neste aspecto é que ele não abre espaço para uma possível conversação; para ele não há outras possibilidades, o que torna a discussão inerte. Vejo aqui a condição de um Deus totalmente misericordioso em um Deus imparcial, porém, penso de que forma que se dá o destaque entre aquele que crê e é submisso às Leis Divinas, ao que não obedece as mesmas Leis. Aqui fica para mim uma questão para um possível debate em um outro momento. O autor em momento seguinte pede para que analisemos com cuidado as seguintes palavras: “tendo sido, pois, justificado pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5:1) e afirma ele que tendo sido justificados pela fé e não pelas obras, temos aquilo que tanto desejamos: “paz com Deus”, porém ele reafirma que não é por meio de nossos méritos e mostra esta posição subsidiada pelo versículo acima citado.

Jesus, segundo esse autor, foi quem pagou e morreu por nós, e acrescenta dizendo que o “pecado contra Deus” foi pago com a morte de Jesus e, como resultado de tudo isso, Deus concede o “dom gratuito da salvação” a todo aquele que crê em Jesus e acrescenta que isso é fundamental para entender a graça. Porém, estas colocações de Swindoll (2009, p. ??) me

fazem refletir, pensar sobre aqueles que não foram contemporâneos de Jesus, como fica a questão da salvação, da graça, são questionamentos que estão permeando a minha mente. Isso foi a razão da reforma protestante: obras x fé x salvação.

1.6 Contribuições psicanalíticas

É fato que Sigmund Freud manteve uma fé inquebrantável nos princípios da racionalidade científica e, desde o início, apresentou a psicanálise como saber científico. Para ele, não havia como contornar a realidade através de ilusões, de modo delirante. O homem não conseguiria alcançar um grau de bem-estar e controle racional de suas pulsões através da religião; o grau maior de felicidade, de equilíbrio só se daria através de um ajustamento em todas as suas condições, trazendo uma transformação real.

A religião, na perspectiva freudiana, foi considerada como uma tentativa frustrada de dominar o mundo dos sentidos por meio de aspirações que se desenvolveram a partir de uma série de necessidades biológicas ou psicológicas, uma vez que a religião da época era muito mais coercitiva que nos dias atuais.

Acredito que se faz necessário dedicar atenção às reflexões freudianas e sobre a inevitável polêmica que se estabelece, apesar de ser de forma mais sutil na atualidade, em torno da religião e da ciência. Essas questões, hoje, não são tão fortes como no tempo de Freud, uma vez que naquela época a razão ainda exercia o domínio imperialista que a ilustração havia desejado conceder-lhe.

Para Murano (2003) *apud* Freud, a religião pretende desempenhar uma série de funções sociais que são analisadas em *O Futuro de uma Ilusão*, de 1927, funções como: 1. a religião pretende espantar os terrores da natureza; 2. inculca a resignação; 3. tenta conciliar o homem com a crueldade do destino, especialmente com a morte; 4. promete também compensação para as dores e privações que a vida civilizada lhe impõe; 5. aspira satisfazer a sua ânsia de saber; 6. constitui-se como suporte fundamental da conduta moral.

Como relata Murano (2003, p. 72), Freud lutou para que sua teoria psicanalítica não fosse influenciada ou impregnada pela teoria mística de Jung, que começou a se revelar em 1914 com a teoria que despontava como “revelação” ou nova “cosmovisão”. Para alguns contemporâneos de Freud que tinham interesse em modificar a sua teoria, Freud comenta: “A intenção é nobre, mas nem por isso deixa de constituir uma violência à teoria psicanalítica.”

Não tenho aqui a intenção de trazer a biografia de Sigmund Freud, porém, de elucidar algumas questões inerentes à religião e à ciência, por acreditar na necessidade destas para o entendimento de algumas colocações.

Existe uma relação dinâmica entre religião e neurose e, mais particularmente, a neurose obsessiva. Murano *apud* Freud (2003, p. 43) diz que Freud coloca a neurose obsessiva como “caricatura da religião e esta, por sua vez, como uma neurose coletiva”. Este autor observa que a religião no texto freudiano aparece como uma das principais defesas que a cultura oferece diante da neurose. A religião aparece como uma necessidade decisiva de proteção e apoio, uma vez que oferece uma autoridade da qual depender. A sua perda implica um aumento importante na neurose. Para Murano (2003, p. 44 *apud* FREUD, 1910), estão aptos para a descrença e/ou para o ateísmo.

Por outro lado, observa-se que a religião também é importante na defesa contra a neurose, uma vez que ela colabora na renúncia pulsional que a vida traz consigo, arrastando uma considerável parcela de energia libidinal, canalizando pulsões sexuais não inibidas; e assim é contornada uma importante via para a neurose. Murano (2003 *apud* FREUD, 1910) afirma que “os que vivem sob amparo das ilusões amorosas próprias da religião encontram nela, portanto, a mais firme proteção contra a neurose”.

Sendo assim, de modo mais profundo, entendemos o que a religião, na condição de neurose coletiva, supõe de proteção contra a neurose individual. O discurso social proferido pelas religiões oferece apoio e tira o indivíduo do difícil conflito de ambivalência afetiva em face ao pai. A religião serve como pacificadora de conflitos entre pais e filhos, não permitindo que o sujeito entre em conflito. Neste sentido percebemos que a teoria freudiana guarda um sentido positivo da religião apesar de Freud a considerar como uma neurose, mas também como uma necessária neurose do crescimento.

O conceito de culpa perpassa praticamente toda a obra de Freud, já que sua teoria se baseia em uma concepção do psiquismo humano, onde o conflito, recalque, Édipo e inconsciente são peças fundamentais.

Em 1894, Freud faz pela primeira vez menção ao sentimento de culpa na seção II sobre seu trabalho sobre neuropsicoses de defesa. Freud utiliza estes conceitos em um caso clínico de uma moça que se dizia culpada de vários crimes que lia em jornais. A auto-obsessão era constante, para Freud, as autoacusações se davam por conta do sentimento de culpa que ela carregava por se masturbar de forma exagerada, fato este que era considerado por ela mesma como um desvio de comportamento.

Não sou certamente o primeiro a notar a semelhança existente entre os chamados atos obsessivos dos que sofrem de afecções venosas e as práticas pelas quais a crente expressa sua devoção. O termo ‘cerimonial’, que tem sido aplicado a alguns desses atos obsessivos, constitui uma evidência disso. Em minha opinião, entretanto, essa semelhança não é apenas superficial, de modo que a compreensão interna (insight) da origem do cerimonial neurótico pode, por analogia, estimular-nos a estabelecer inferências sobre os processos psicológicos da vida religiosa.

As pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, idéias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial, que comumente se denomina de ‘neurose obsessiva’ [Zwangsneurose]. Mas não devemos tentar inferir de tal denominação a natureza da enfermidade, pois, a rigor, também outras espécies de fenômenos mentais mórbidos podem possuir características ‘obsessivas’. Em lugar de uma definição, contentemo-nos no momento em obter um conhecimento minucioso desses estados, pois ainda não chegamos ao critério distintivo da neurose obsessiva, que provavelmente se encontra oculto em camadas muito profundas, embora pareça revelar sua presença em todas as manifestações da doença (FREUD, 1907, P. 67).

Na citação que acabamos de ler, Freud faz referências à culpa de forma mais contundente, em 1907, no artigo sobre “atos obsessivos e práticas religiosas”. Ele afirma que por trás dos rituais e cerimônias, nas igrejas, é próprio das práticas religiosas e das neuroses obsessivas, segundo o teórico existe aí um sentimento de culpa inconsciente. A pessoa sofre a cada desejo de realizar aquilo que lhe proporciona prazer e, como medida de segurança, de proteção psíquica, contra as ansiedades advindas das tentações. É visto neste ponto tanto para religiosos como para obsessivos a sensação de serem “eternamente pecadores”, ou seja, eternamente culpados. Neste mesmo seguimento da leitura de Freud, ele dar continuidade as suas pesquisas e afirma que

(...) É fácil perceber onde se encontram as semelhanças entre cerimoniais neuróticos e atos sagrados do ritual religioso: nos escrúpulos de consciência que a negligência dos mesmos acarreta, na completa exclusão de todos os outros atos (revelada na proibição de interrupções) e na extrema consciência com que são executados em todas as minúcias. Mas as diferenças são igualmente óbvias, e algumas tão gritantes que tornam qualquer comparação um sacrilégio: a grande diversidade individual dos atos cerimoniais [neuróticos] em oposição ao caráter estereotipado dos rituais (as orações, o curvar-se para o leste, etc.), o caráter privado dos primeiros em oposição ao caráter público e comunitário das práticas religiosas, e acima de tudo o fato de que, enquanto todas as minúcias do cerimonial religioso são significativas e possuem um sentido simbólico, as dos neuróticos parecem tolas e absurdas. Sob esse aspecto a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular (...) (FREUD, 1907, p. 67).

Freud nos fala aqui que aquele que sofre das compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa de forma inconsciente. Sentimento este que se origina, segundo ele, de certos eventos mentais primitivos, mas que é repetido diante das repetidas tentações em novas provocações, seguido de ansiedade, ligado a uma ideia de punição. O ato do cerimonial surge como uma forma de defesa ou de segurança, uma medida protetora.

Freud relaciona a culpa não apenas a neurose obsessiva, ele volta a mencionar sobre a culpa em 1917, ligada agora ao masoquismo, onde a satisfação do sujeito está associada ao sofrimento e a humilhação. Já em 1923, Freud diz que o sentimento de culpa perpassa no trabalho intitulado “Id e Ego”, onde ele mostra que a origem do sentimento de culpa surge igualmente com o superego que, por sua vez, é herdeiro do complexo de Édipo, onde o convívio social e cultural vai desenvolver uma forte influência. Em 1924, Freud faz uma associação da culpa ao masoquismo moral, neste caso o indivíduo passa pela “síndrome de vitimização”, aqui o prazer sexual não tem vez, não é o que fala mais alto.

Para Freud, não foi tão fácil encontrar explicações para justificar a existência e o arrebatamento da culpa nas pessoas. Pouco convencido com o crime inconsciente de Édipo, que deve ter sentido a mesma perplexidade de Adão e Eva, o mestre cria o mito do assassinato consciente do pai da horda primitiva para ter um motivo concreto e palpável para a culpa. Na obra Totem e Tabu, Freud coloca que a cultura funda-se na culpa resultante do assassinato do pai primitivo e na consequente instauração dos dois tabus a ele associados, a submissão a autoridade do pai e a proibição ao incesto. A fúria assassina da irmandade da horda primitiva contracenava com sentimentos amorosos relativos ao mesmo pai que queriam matar, que representava um obstáculo a seus anseios de poder e a seus desejos sexuais. Depois que se livraram dele, aquietou-se seu ódio. Como acontecia na refeição totêmica, identificaram-se com ele e viram ressurgir a afeição por ele recalcada há tempo. Essa afeição vem sob a forma de remorso, de sentimento de culpa (FREUD, 1913).

Desta forma, a cultura nasceria da interiorização da repressão e ela se torna necessária para domar as pulsões sexuais e as de autoconservação ou do ego. O segundo momento seria no trabalho “Para além do princípio de prazer” de 1920, onde Freud reformula sua teoria pulsional e apresenta a ideia de pulsão de morte. Aqui ele remete o conflito psíquico até então direcionado ao sentimento de culpa para um confronto entre Eros e pulsão de morte. Freud (1930) define o mal-estar como sendo essencialmente sensação de culpa, e o caracteriza como o maior entrave ao projeto civilizatório. O que se delineia sob a análise freudiana do mal-estar é o impasse do

sujeito – sua impossível adequação ao ideal de universalidade que lhe é imposto pelo outro. Esse ideal seria o articulador do sentimento de culpa, na medida em que estabelecería um determinado critério para a satisfação do sujeito.

O sentimento de culpa inconsciente se localiza no campo do desejo. No caso clínico *O Homem dos Ratos* o sentimento de culpa é mais explícito. O trio: culpa (imaginária), dívida (simbólica) e morte (real) alimentam o sofrer da neurose obsessiva. O pai do paciente já se via às voltas com uma dívida impossível de pagar. Sabia a quem pagar, mas não sabia como fazê-lo. Seu filho, por sua vez, não consegue pagar os óculos que comprou, sabendo agora como pagar, mas sem saber a quem, e tomando o trem noutra direção (FREUD, 1909).

O homem primitivo não tinha as inibições neuróticas, segundo Freud; ele não fantasiava, simplesmente atuava. Conhecer o bem e o mal, ou simplesmente desejar, é uma promessa de prazer.

Confessar a própria culpa parece algo totalmente necessário para sentir a presença de Deus, e mais, a confissão dos pecados, de nossa pequenez, parece ser pré-requisito para que se estabeleça uma comunicação, afirma Murano (2003, p. 141). A autodepreciação e o descontentamento se instalam a partir do momento em que nos situarmos na “presença de Deus” ou na “casa de Deus”.

Um abatimento parece se instalar em nosso íntimo que nos empurra à confissão de nossa culpabilidade, o que Murano (2003, p. 142) chama de “movimento do tipo compulsivo”. Pergunto-me se essa postura é cristã; apesar de “parecer” de respeito, porém, penso: “O que concebe nossa maneira de se relacionar com Deus?” Para elucidar creio que seja importante apresentar um exemplo de Murano (2003, p. 142):

Imaginemos o encontro de um casal de namorados, de amigos, de pais e filhos, todos eles foram modelos escolhidos por Deus para nos ajudar a captar o modo pelo qual ele se situa em relação a nós. Sendo assim, o que pensaríamos se essas pessoas quando se encontrassem conosco, iniciassem seu discurso confessando sua culpa e uma petição de perdão, até mesmo antes de nos cumprimentarem? Seria estranho, não é? Confessar culpas e pedir perdão em algum momento da vida constitui um traço de maturidade nas relações interpessoais.

De acordo com a teoria psicanalítica, Morano (2003) lembra que situar a confissão no início de todo encontro seria a manifestação de uma autêntica perversão do sentido da relação que assim se estabelece, neste sentido entendo que a confissão por vezes pode ocorrer de forma patológica.

Murano (2003, p. 143) questiona se Deus está real e permanentemente interessado em que reconheçamos nossos desvios pessoais como requisito primordial para o nosso encontro com ele, ou será nossa consciência – seria melhor dizer nosso inconsciente.

A pedagogia de Jesus parece que entra em desacordo com as questões acima tratadas, pois seus ensinamentos não tinham como princípio maior forçar a confissão da culpa. As diversas narrações evangélicas nos levam a pensar de forma diferenciada, pois Jesus com certeza pretendeu modificar os termos pelos quais a humanidade religiosa, de um modo geral, tende a situar seu encontro com Deus.

E Jesus disse através da parábola do filho pródigo:

Certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcatas nos pés. E trouxe o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos. Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se. E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou, e não queria entrar. E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo nos alegrarmos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se (Lc. 15,11-32).

Percebemos através da passagem acima citada que não foi a confissão da culpa que o pai exigiu do filho pródigo como condição primeira para iniciar a festa pelo seu regresso. Lembramos aqui que, ao lermos a Bíblia no Novo Testamento, vemos que, na época de Jesus,

os seus seguidores se escandalizavam pelo fato de Ele se hospedar na casa de um pecador; para eles a culpa vinha em primeiro lugar, por isso o juízo e a condenação. Jesus traz consigo uma mudança, porém, não podemos pensar que Jesus era condescendente com o mal. Suas exigências éticas e religiosas superam em muito as dos escribas e fariseus. Jesus não adotou atitude complacente ao pecado, nem foi cúmplice do pecador.

De acordo com Murano (2003, p. 144), a culpa constitui uma das experiências humanas mais antigas, arcaicas e primitivas de todas as que possam nos acompanhar. Penso que falar de culpa é falar da ambivalência afetiva, ou seja, falar de amor e ódio que se faz presente no seio da humanidade desde as épocas mais remotas, antes mesmo que despertássemos para questões morais, éticas e religiosas; antes do saber sobre o bem e o mal ela já estava lá presente. Sendo assim, a culpa não é fruto de uma transgressão. A culpa parece estar ligada intimamente à autodestruição, à morte.

Parece que a culpa nos conhece “antes do nosso nascimento”, diz Murano (2003, p. 145), para quem o ódio e a agressão são sentidos como ameaça e o seio da mãe é convertido em bondade; porém, esse seio ora se faz presente e ora se afasta, nos abandona e nessa situação sem controle o seio se converte em bom, e mais, em protetor e perseguidor. Murano (2003, p. 145) diz que

Esse seio bom que é a mãe não seja onipresente, nos gratificando sempre, como exigiria nossa onipotência infantil. Se não está, não é por ausência, mas por maldade. Desta encruzilhada de pulsões de vida e de morte, a culpa emerge nos protegendo de tanto ódio, evitando e recalcando tanta agressividade e destruição. [...] Desde os primeiros dias de nossa vida, pois o amor e o ódio dão lugar à culpa persecutória e culpa depressiva, culpa que o outro autodestrói e culpa que repara. Ali habitam no reino do desconhecido.

A distância que é colocada pelos leigos entre a psicanálise e a teologia parece ter como ideia comum a oposição entre ambas. Tournier (1985) faz algumas críticas em torno do moralismo, porém, assegura que tal crítica não se estende à revelação cristã. Conta-nos ele que frequentemente os teólogos acusam os psicólogos de negar o pecado e a culpa e de solapar as bases da moral e da doutrina cristã.

O tratamento psicanalítico é mencionado por Tournier (1985), como também a prática de alguns religiosos que por vezes entram em contradição com as suas teorias, exemplo da psicanálise, aqui em questão, que recomenda a abstenção de todo conselho moral e da orientação de alguns padres e pastores como lamentável e estranhos. Porém, ele afirma que a

experiência e o discurso de um paciente da psicanálise, como também daquele que recebe conselhos de um religioso, pode ser totalmente confuso, não sendo fidedigno ao ocorrido.

Um exemplo para melhor compreensão: “Um doente pode contar que seu psicanalista tenha lhe aconselhado a fazer uma experiência sexual” (TOURNIER, 1985 p. 147), quando na verdade, foi ele mesmo, no curso da análise, que chegou a reconhecer que o que o havia segurado até agora não era como pensava, seu ideal moral, mas um medo das responsabilidades, hipocritamente camuflado.

As condutas enganosas e até doentias existem em qualquer área, seja médica ou religiosa, encontramos pessoas carregando suas dificuldades psicológicas pessoais; normalmente, essas pessoas têm um ávido interesse por problemas humanos, o que por vezes culmina com a sua entrada na área de psiquiatria ou no campo eclesiástico. Pertencer a essas áreas pode ter para essas pessoas um valor terapêutico.

A terapia psicanalítica se caracteriza pela análise sistemática e completa das resistências. É trabalho do analista, descobrir como o paciente resiste, a que está resistindo e por que age assim. A causa imediata de uma resistência é sempre evitar algum afeto doloroso como a ansiedade, culpa ou vergonha. Por trás desse motivo iremos encontrar o impulso instintual que disparou o afeto doloroso. No final das contas, descobrir-se-á que é o medo de um estado traumático que a resistência está tentando evitar.

Tournier (1985, p. 148) diz que “o verdadeiro problema é saber se a psicanálise, por ela mesma, enfraquece o senso moral, o senso de culpa autêntico, ou se ao contrário ela o torna mais agudo”. Ele narra em seu livro parte de uma carta que recebera de um colega psicanalista, onde ele diz o seguinte: “Precisamos eliminar a culpa”.

São dois os tipos de culpa tratada por Tournier (1985), o qual fala dessas duas formas e dos conflitos existentes entre ambas: a primeira diz respeito à grande vergonha, a lembrança ou o sentimento a expressar; o que leva o indivíduo a calar, fugir; e a segunda que parece ser mais difícil que a primeira, a cura começa o seu ponto de retorno decisivo. A visão de Tournier é a de que a extinção da culpa está longe; e mais:

Pode-se ver como estamos longe de uma “eliminação” da culpa. Ao contrário, é um aprimoramento da consciência. É o fim de um mito simplista que encarava o problema do mal de uma maneira infantil e ainda bem inofensiva; que cria, como em um conto de fadas, dois campos bem distintos, os justos e os maus; os justos que praticam as virtudes e os maus que se dedicam ao mal. O grande drama do mal é que não pode ser localizado. Ele penetra até nas virtudes. Há mal no bem, pois ficamos orgulhosos de nossas virtudes. Assim nos mais sinceros esforços para

obedecer a Deus, misturam-se motivos muitos diferentes: de um lado nosso amor por ele, mas também a nossa vaidade (TOURNIER, 1985, p. 149).

A localização do mal é o grande problema, diz Tournier (1985), uma vez que o mal penetra até no bem, a exemplo do orgulho que sentimos de nossas virtudes. Vivemos em conflito com nós mesmos na maior parte do tempo e o autor exemplifica a ambivalência desses sentimentos quando lembra os nossos esforços para obedecer a Deus e, por outro lado, a nossa vaidade.

Desejamos despertar naqueles que convivem conosco uma admiração, ao mesmo tempo em que tememos perder o amor de Deus, ou ainda, ser julgados por outro. Tournier (op. cit.) mostra que tais sentimentos ou desejos são totalmente infantis. De acordo com ele, as descobertas que o indivíduo faz sobre si mesmo no processo psicanalítico e do seu encontro com Deus, por vezes, podem ser assombrosas; o que sobra de autêntico na nossa vida é o que vem de Deus e não de nós mesmos; de sua graça e não de nossos próprios méritos.

A noção de pecado na visão psicanalítica vai além do pecado pregado pela igreja cristã; a dimensão do mal penetra em tudo, nas atitudes e até nas boas intenções. Uma paciente evangélica, após cura através de um processo psicanalítico, diz que a graça parece ser uma caixa pequena para caber a culpa humana.

Mas Tournier (1985) mostra que é necessário alargar a visão infinita da graça, para que ela seja na mesma proporção da culpa como apresenta a psicanálise. De acordo com ele, os psicanalistas fazem analogia da:

Alma com um iceberg, onde a maior parte se encontra submersa, escondida, abaixo do nível da consciência. Essa influência faz com que o conceito de personalidade se amplie pela dimensão do inconsciente. Na mesma proporção também cresce o nosso senso de culpa (op. cit., p. 151).

A culpa consciente de que falam os moralistas é localizada e tratada, porém, existe uma culpa inconsciente, não se sabe ao certo que culpa e nem por que, mas a graça de Deus já nos precedeu em todos os abismos nos quais a análise psicológica pode nos levar.

A Bíblia, bem antes dos psicanalistas, já informava que os sonhos têm um sentido divino e que facilitam aprofundar uma investigação. Na psicoterapia, às mais das vezes, um sonho vem ajudando a elucidar outro sonho. Sobre os sonhos na Bíblia, cito como exemplo, o sonho de Daniel, onde ele “descobre o segredo do sonho de Nabucodonosor, atribuindo esta revelação a Deus: “Por que dele é a sabedoria e o poder”, exclama Daniel. “Ele revela o

profundo e o escondido”; “conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz” (Dn. 2:30, 22).

Tournier (1985, p. 152) afirma que “pertencemos à mesma família moral, por esta impiedosa severidade conosco mesmos.” O autor nos lembra da honestidade que a psicanálise impõe consigo mesma, o que coaduna com a Bíblia nos traz sobre a culpa que é o nosso sensor de moralidade.

Como se vê no Sermão do Monte (Mt. 5:7), há um deslocamento da culpa dos atos manifestos para os motivos secretos que os inspiram. O Cristo mais uma vez é lembrado como libertador desses moralismos, porém, em contrapartida, ele coloca a culpa não nos comportamentos manifestos, mas no âmago do ser, no coração de cada um.

Através das pesquisas, percebemos que os justos a que Jesus se referia são os que creem que como tais se mostram como se assim o fossem e que lançam a culpa para fora do campo de suas consciências. A convivência com a culpa não é suportável; os momentos que se tem com ela são esporádicos e logo nos utilizamos de mecanismos para nos livrarmos dela e então caímos nas falsas soluções da repressão da consciência. A maquiagem, o disfarce, para nos escondermos de nós mesmos são inerentes ao ser humano, pois o peso da culpa é grande.

A resistência implica todas as forças dentro do paciente, que se opõem aos procedimentos e processos do trabalho psicanalítico. Em maior ou menor grau, ela está presente desde o começo até o fim do tratamento. As resistências defendem o *status quo* da neurose do paciente. As resistências se opõem ao analista, ao trabalho analítico e ao ego racional do paciente. A resistência é um conceito operacional, não foi inventada recentemente pela análise. A situação analítica se transforma na arena em que as resistências se acabam revelando.

As resistências são repetições de todas as operações defensivas utilizadas pelo paciente em sua vida passada. Todas as variações de fenômenos psíquicos podem ser utilizadas, objetivando a resistência; mas, qualquer que seja sua fonte, a resistência age através do ego do paciente. Embora alguns aspectos de uma resistência possam ser conscientes, uma parte fundamental é realizada pelo ego inconsciente. Sendo assim, para se adquirir saúde, teria que se recalcar a culpa; diz ele que não encontra uma resposta concreta para tal questão e afirma que é um mistério de Deus. Ele traz uma proposta, onde ele propõe encarar a neurose como sendo “a falha em exonerar-se da culpa”. “A boa saúde seria, então, o sucesso visível do processo de desculpas, a vigilância perfeita do reflexo da justificativa de si mesmo”. Tournier (1985, p. 162)

Projetar a raiva nas pessoas é uma possibilidade colocada por Tournier (1985) em categorias de homens vistos como responsáveis por todos os males da humanidade, a exemplo dos judeus, capitalistas, ateus, projetamos também essa responsabilidade nos pais, patrões, amigos, sociedade, regime econômico ou, ainda, na hereditariedade, e não nos contentando com todas essas possibilidades a projetamos em Deus. Diz ele que para muitos isso é algo inconfessável, mas a raiva contra Deus esta lá no seu íntimo. Raiva por seus sofrimentos, por suas faltas e por seus fracassos. E mais uma vez o autor se remete ao exemplo de Adão e Eva e traz a resposta de Adão a Deus: “A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore e eu comi” (Gn. 3:12). O que o autor mostra aqui é que Adão responsabilizou Deus pelo seu erro, que ele só comera do fruto por causa da mulher que Deus lhe dera.

As soluções que o indivíduo encontra para a culpa são: o recalque da consciência, jogar a culpa para outras pessoas. Essas situações são na realidade uma tentativa natural e automática de cura, porém, essas tentativas são em vão; além de não resolverem a problemática, podem até servir de obstáculo para uma saída. Segundo Tournier (1985), a única e verdadeira saída tanto do ponto de vista psicológico como à luz da Bíblia, é o de as pessoas não culparem os outros por seus próprios atos, assumir a sua responsabilidade é rogar e contar com o perdão de Deus. Esse processo é importante para conscientizar a pessoa de sua culpa e levá-la à submissão diante de Deus, abrindo-lhe assim o acesso à graça.

Para este mesmo autor (1985), a Bíblia, através das diversas religiões, busca a salvação do homem, enquanto que a Psicologia busca a cura; esta visão se dá pelo combate interior que ambas oferecem para conduzir o indivíduo a uma conscientização.

A Bíblia descreve a relação entre Deus e o homem como um combate, um conflito, onde Deus age tanto mais forte quanto mais o homem se endurece, para arrancá-lo deste endurecimento mau. Este é o sentido de todas as violentas pregações dos profetas que comparam, freqüentemente, o diálogo entre Deus e o seu povo com o conflito que surge entre marido e a mulher que lhe é infiel [p.ex. Jr. 3:20] (TOURNIER, 1985, p. 166-168).

Tournier (op. cit) ainda fala sobre o sentimento de culpa como algo que não pode ser menosprezado e, para elucidar, ele lembra a insônia por conta do remorso. O experiente médico recorda ainda que um profissional da área de saúde procura tratar a causa da doença e não apenas os sintomas desta. O autor aprofunda tal questão, falando sobre quando a culpa tem um papel patogênico e onde a sua solução contribui para a cura. Lembra, também, de profissionais da área de saúde que têm suas especialidades distintas e percebem a culpa em seus atendimentos; porém, apesar do amplo aspecto humano da culpa, ele afirma que “não se

pode, na verdade, abordar o problema da culpa sem levantar as questões religiosas que ele suscita” (TOURNIER, 1985, p. 8).

Ele coloca que a consciência culpada é a constante da nossa vida. Afirma ainda que a educação é uma forma de repreensão, constituindo assim um sentimento de culpa. Ele diz que quanto mais rígida for a educação, quanto mais os pais se preocupam com a formação moral e o desenvolvimento de seus filhos constitui um cultivo intensivo de sentimento de culpa, mesmo que a educação seja discreta: “No início deste século, esta educação tendia a fazer das crianças bonecos de vitrine, bem comportadas, silenciosas e bem escoladas em atitudes sociais” (TOURNIER, 1985, p. 9). O autor fala como quem tem a autoridade de um pesquisador, estudioso, e narra a influência de profissionais na área de psicologia e sobre a rigidez na formação e educação dos filhos por parte de pais que tiveram uma orientação rígida, dura, cheia de restrições em diversos aspectos do desenvolvimento sócio-moral. Porém, essa mudança é parcial e por vezes superficial, o que faz com que pais, professores, amigos e familiares tenham um olhar crítico e inflexível no que diz respeito à educação dispensada a terceiros e que os padrões de criança bem-educada tenham mudado. Contudo, a criança se sente culpada quando não consegue corresponder à expectativa de pais e mestres. Sente-se envergonhada se não conseguir atingir níveis esperados por outros. Isso é perceptível em crianças e jovens adolescentes na época escolar através das notas e dos boletins.

Os ombros desses estudantes e filhos são frágeis por demais para suportarem tão grande culpa e fica a pergunta: “O que é que vão pensar de mim?” Neste ponto o que ocorre é que as crianças começam a mentir, a ocultar e, conseqüentemente, a se sentirem culpadas.

Os pais e mestres projetam os seus próprios preconceitos, problemas e culpas na educação das crianças. Os que têm mais remorsos dos próprios comportamentos sexuais dramatizam os conselhos que dão a seus filhos e despertam na alma deles uma verdadeira angústia em relação a sua sexualidade (TOURNIER, 1985, p. 10).

Na Bíblia, em Efésios 6:1, existe uma passagem que diz o seguinte: “Filhos, obedeei a vossos pais”. Esta passagem que é escrita por Paulo é utilizada por cristãos de forma a exigirem de seus filhos uma submissão servil, mesmo que não sejam mais crianças. Porém, logo à frente, em Efésios 6:4, esta submissão não é evocada pelos pais, pois a passagem diz: “Pais não provoqueis vossos filhos à ira”.

Tournier (1985) lembra que em conversa com alguns pais observa que muitos conservaram uma marca da educação dispensada a eles por seus próprios pais. Essa educação transparecia a marca do pecado, quando associava o prazer a essa ideia, o que se tornou quase

que um dogma implacável. Esses pais teriam internalizado que não se pode estar totalmente alegre, feliz ou sentir qualquer prazer sem que o sentimento de culpa não se faça presente.

É dessa crença que vem a antiga frase ainda hoje cultuada: “Está tudo tão bem que se melhorar estraga”. Ou ainda uma crença negativa tão conhecida quanto a primeira: “As coisas estão correndo tão bem, que tenho a impressão que algo ruim vai acontecer”. Tournier (1985) diz que os que assim se colocam perante a vida impõem a si mesmos tarefas muito pesadas ou sacrifícios inúteis para que assim não se sintam culpados.

A respeito da distância que é colocada pelos leigos entre a psicanálise e a teologia, onde a ideia comum é de oposição entre ambas. E, na sequência, Tournier (1985), afirma que o seu interesse é o de trazer a luz no que se refere a este ponto, e lembra que suas críticas correm em torno do moralismo e não da revelação cristã. Conta-nos que frequentemente os teólogos acusam os psicólogos de negar o pecado e a culpa e de solapar as bases da moral e da doutrina cristã.

Na realidade o que Tournier (1985) diz é que condutas enganosas e até doentias existem em qualquer área, seja médica ou religiosa; encontramos pessoas carregando suas dificuldades psicológicas pessoais e, via de regra, estas pessoas têm um ávido interesse por problemas humanos, o que por vezes culmina com a sua entrada na área de psiquiatria ou no campo eclesiástico. Pertencer a essas áreas pode ter para essas pessoas um valor terapêutico.

Tournier (1985, p. 148) diz que “o verdadeiro problema é saber se a psicanálise, por ela mesma, enfraquece o senso moral, o senso de culpa autêntico, ou se ao contrário ela o torna mais agudo.” E ele narra em seu livro parte de uma carta que recebera de um colega psicanalista, onde ele diz que são dois os tipos de culpa. Ele nos fala dessas duas formas e dos conflitos existentes entre ambas: a primeira diz respeito à grande vergonha, a lembrança ou o sentimento a expressar; o que leva o indivíduo a calar, fugir; e na segunda que parece ser mais difícil que a primeira, a cura começa o seu ponto de retorno decisivo. A visão de Tournier é a de que a extinção da culpa está longe, concluindo que

Uma eliminação da culpa está longe, o que poderá ocorrer é um aprimoramento da consciência. É o fim de um mito simplista que encarava o problema do mal de uma maneira infantil e ainda bem inofensiva; que cria, como em um conto de fadas, dois campos bem distintos, os justos e os maus; os justos que praticam as virtudes e os maus que se dedicam ao mal (TOURNIER, 1985, p. 149).

A localização do mal é o grande problema, uma vez que o mal penetra até no bem, a exemplo do orgulho que sentimos de nossas virtudes. Vivemos em conflito com nós mesmos

na maior parte do tempo. No livro *Culpa e Graça*, vemos exemplos e percebemos a ambivalência desses sentimentos quando nos lembramos dos nossos esforços para obedecer a Deus e, por outro lado, à nossa vaidade. Desejamos despertar naqueles que convivem conosco uma admiração, ao mesmo tempo em que tememos perder o amor de Deus, ou ainda de ser julgados por outro. Tais sentimentos ou desejos são totalmente infantis. De acordo com o autor, as descobertas que o indivíduo faz sobre si mesmo no processo psicanalítico e do seu encontro com Deus, por vezes, podem ser assombrosas. Diz ele que o que sobra de autêntico na nossa vida é o que vem de Deus e não de nós mesmos; de sua graça e não de nossos próprios méritos.

A noção de pecado na visão psicanalítica vai além do pecado pregado pela igreja cristã, a dimensão do mal, que penetra, em tudo, nas atitudes e até nas boas intenções. Uma paciente evangélica, após cura através de um processo psicanalítico, diz que a graça parece ser uma caixa pequena para caber a culpa humana.

É necessário alargar a visão infinita da graça, para que ela seja na mesma proporção da culpa como apresenta a psicanálise.

Tournier (1985, p. 152) afirma que “pertencemos à mesma família moral, por esta impiedosa severidade conosco mesmos.” O autor lembra a honestidade que a psicanálise impõe, o que coaduna com o que a Bíblia nos traz sobre a culpa que é o nosso sensor de moralidade. Como se vê no Sermão do Monte (Mt. 5-7), um deslocamento da culpa dos atos manifestos para os motivos secretos que os inspiram. O Cristo mais uma vez é lembrado por Tournier como libertador destes dualismos, porém, em contrapartida ele coloca a culpa não nos comportamentos manifestos, mas no âmago do ser, no coração de cada um.

Em relação à repressão da consciência, Tournier (1985, p. 155) diz que pensar em um homem livre de culpa é ir de encontro a uma verdade incontestável. Ele afirma que apesar de, em muitos momentos, uma esposa recém-casada, no ápice de sua paixão, uma criança, possam imaginar o outro como perfeitos, cheio de qualidades, porém, tudo não passa de ilusão. É verdade que há pessoas generosas, corajosos atos de lealdade, de fidelidade, de belos atos de boa vontade, mas, segundo Tournier, estes se destacam sobre um “fundo de iniquidades inumeráveis de imoralidade escondida”.

Os justos a que Jesus se referia, Ele nos faz crer que são os que se creem como tais se mostram como se assim o fossem e que lançam a culpa para fora do campo de suas consciências. Ele afirma que a convivência com a culpa, não é suportável, os momentos que se tem com ela são esporádicos e logo utilizamos mecanismos para nos livrarmos dela e, então, caímos nas falsas soluções da repressão dessa consciência. A maquiagem, o disfarce

para nos escondermos de nós mesmos são inerentes ao ser humano, pois o peso da culpa é grande.

O mal parece ser o seu maior aliado, mesmo quando se esforça para que suas virtudes se revelem; as boas intenções, a boa vontade, nada parece ser o suficiente para livrar do mal. Jó 14:4 é categórico quando diz: “Quem da imundícia poderá tirar coisas puras? – Ninguém”, e já exclama que o mal está dentro de nós e não somente fora. Está no pensamento.

Não há nenhum justo, todos os homens são culpados, todos sabem disto e o sentem mais ou menos claramente. A culpa não é uma invenção da Bíblia ou da Igreja. Ela é uma presença universal da alma humana. A Psicologia moderna confirma sem reservas o dogma cristão. Nisso ela vem fazer justiça à Igreja: 'Mme. Choisy, psicanalista escreve: “Longe de cultivar a culpa, a Igreja, como a psicanálise, tornou-se consciente, o que uma maneira de se descarregar dela. [...] O peso desta culpa é tão intolerável que todos os homens apresentam este reflexo da autojustificação que a psicologia moderna descreve sob o termo científico de “repressão da consciência”, que quer dizer reprimir a culpa até a inconsciência”, fora do campo da consciência (TOURNIER, 1985, p. 156/157).

A habilidade para proteção, para que se seja indulgente para todos é algo que se fala diretamente ao âmago de cada um; mesmo que para isso utilizemos passagens bíblicas, de uma forma ou de outra o que se está querendo nosso atestado de inocência, de nos livrarmos da culpa. Porém, Tournier diz que o grande paradoxo é que o obstáculo à graça não é a culpa, mas a repressão da culpa.

Tournier argumenta, ainda, que para se adquirir saúde, teria que se recalcar a culpa. Diz ele que não encontra uma resposta concreta para tal questão e que é um mistério de Deus; e traz a proposta de Paul Ricoeur, na qual ele propõe encarar a neurose como sendo “a falha em exonerar-se da culpa”. “A boa saúde seria, então, o sucesso visível do processo de desculpas, a vigilância perfeita do reflexo da justificativa de si mesmo.” Tournier (1985, p. 158) afirma que a neurose perverte a consciência do pecado acrescentando à inquietação sadia uma angústia doentia, mas é necessário um esforço gigantesco para manter viva uma inquietude, sem a ajuda da angústia neurótica. E assim ele questiona se a neurose seria necessária à saúde e ele mesmo responde dizendo que, às vezes, porém, de uma forma geral nem sabemos. Toda essa questão sobre neurose, angústia, doença e saúde é de ordem delicada, uma vez que esses fatores doentios e sadios se misturam entre si, nos diversos comportamentos tanto das pessoas saudáveis como nas doentes. Tournier *apud* Knock (p. 159) diz que “todas as pessoas são doentes sem o saber”; o que acontece com os sadios é que neles a problemática aparece em menor escala.

O fato de responsabilizar terceiros por seus atos é um reflexo universal, é o que a psicanálise chama de “projetar a culpa sobre os outros”. Através de pesquisas, percebo que este fato é muito antigo: a Bíblia traz no Velho Testamento, no livro da Gênesis 3:11, a desobediência de Adão e a culpa que Adão atribui a Eva e, esta, por sua vez, atribui à serpente. Essa questão de jogar para outrem é algo inerente à natureza humana e está presente em todas as relações, em todos os conflitos.

Outro exemplo é o de conflito entre gerações, pais que são possessivos, que têm uma postura autoritária ou sentimental, diante de uma criança “forte” que se revolta e conquista sua autonomia; quando se dá o inverso, a criança se submete aos apelos dos genitores. A submissão é uma fachada, o que se encontra por trás disso é uma revolta recalcada.

Um exemplo citado por (TOURNIER, 1985, p. 161) é a seguinte; “Não é minha culpa!” e isto independe se é criança ou não; no campo do não fui eu ou não é culpa minha, os adultos não deixam de ser criança. O desejo de defesa está implícito em todas as pessoas e em todas as fases de desenvolvimento, justificar os atos é algo que faz das necessidades das pessoas.

Quando se projeta a raiva nas pessoas, categorias de homens vistos como responsáveis por todos os males da humanidade, a exemplo dos judeus, capitalistas, ateus projetamos também essa responsabilidade nos pais, patrões, amigos, sociedade, regime econômico ou ainda na hereditariedade e, não nos contentando com todas essas possibilidades, projetamos em Deus. Para muitos isto é algo inconfessável, mas a raiva contra Deus tá lá no seu íntimo. Raiva por seus sofrimentos, por suas faltas e por seus fracassos. Tournier (1985, p. 163) remete ao exemplo de Adão e Eva e traz a resposta de Adão a Deus: “A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore e eu comi” (Gn. 3:12). O que o autor mostra aqui é que Adão responsabilizou Deus pelo seu erro, que ele só comera do fruto por causa da mulher que Deus lhe dera.

O sentimento de culpa como algo que não pode ser menosprezado; e para elucidar ele lembra a insônia por conta do remorso. O autor recorda ainda que um profissional da área de saúde procura tratar a causa doença e não apenas os sintomas desta. A questão é aprofundada quando a culpa tem um papel patogênico e onde a sua solução contribui para a cura. Tournier (1985, p. 08/09) lembra profissionais da área de saúde que têm suas especialidades distintas e percebem a culpa em seus atendimentos, porém, diz que apesar do amplo aspecto humano da culpa, “não se pode, na verdade, abordar o problema da culpa sem levantar as questões religiosas que ele suscita”. Ele coloca que a consciência culpada é a constante da nossa vida. Afirma ainda que a educação é uma forma de repreensão, constituindo assim um sentimento

de culpa. E quanto mais rígida, quanto mais os pais se preocupam com a formação moral e o desenvolvimento de seus filhos, constitui um cultivo intensivo de sentimento de culpa, mesmo que esta educação seja discreta. “No início deste século, esta educação tendia a fazer das crianças bonecos de vitrine, bem comportadas, silenciosas e bem escoladas em atitudes sociais”.

Jung (2000) faz referências à sombra, afirmando que todo ser humano possui um lado sombra, um lado obscuro da sua existência, às vezes tido como negativo e essa sombra é responsável pelas dores, aflições que se culpam no ego atormentado pelo self. A sombra tem um caráter de valores que podem ser utilizados de maneira produtiva ou perturbadora, podendo se expressar de três formas: 1º) a de natureza pessoal; 2º) de natureza coletiva; 3º) de natureza arquetípica. Jung coloca que é necessário adquirir consciência desses conteúdos reprimidos, porque somente assim será possível alcançar a individuação, tendo como consequência o amadurecimento psicológico. A sombra pode ser vista como uma nuvem de fumaça que impede uma visão mais clara da realidade do existir.

Vamos retomar neste item a parábola contada por Jesus que já foi trabalhada no item acima, tratando da culpa e a psicanálise e agora retomamos tratando mais especificamente sobre a graça e a psicanálise “A história do filho pródigo” onde ele pede a seu pai o que lhe cabia de herança, diz assim a parábola:

Certo homem tinha dois filhos. O mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me toca. Repartiu-lhes, pois, os seus haveres. Poucos dias depois, o filho mais moço ajuntando tudo, partiu para um país distante, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. E, havendo ele dissipado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a passar necessidades. Então foi encontrar-se a um dos cidadãos daquele país, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. E desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam; e ninguém lhe dava nada. Caindo, porém, em si, disse: Quantos empregados de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados. Levantou-se, pois, e foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. Disse-lhe o filho: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho (BÍBLIA SAGRADA, 1995, p. 865)

Em Lucas 15.v.13 vamos encontrar esta parábola e ela nos fala claramente do desejo de um filho em sair de casa, deseja ele a liberdade; esse fato nos remete a Freud quando ele nos fala do sepultamento do complexo de Édipo que tem como consequência a formação do superego (Uberich) ou literalmente (Acima-do-Eu), que trata do Eu-ideal ou Imagem de

Perfeição. Franco (1995, p. 865) diz que “na experiência religiosa é quando, entre nosso inconsciente e Deus, às distâncias e as diferenças são apagadas, ou seja, entre o Self e a representação de Deus não há distinção”. Isso quer dizer que a imagem de um Deus antropomórfico criada pelo homem constitui sua identidade como se ele também fosse Deus, lembramos aqui a passagem onde Jesus disse: “Vos sois deuses.” E mesmo antes de Jesus, vemos no mito da criação onde Eva come do fruto proibido para ser igual a “Deus”.

Retomando a parábola contada por Lucas 15, v. 13 vemos que o filho gasta tudo que recebeu do pai por herança e sem posses volta à casa do pai sem lhe restar absolutamente nada do que herdara. Esse desejo de liberdade, ou de poder, não resiste à realidade fora do ideal e o filho retorna a casa do pai, humilhado. Vemos isso acontecer para aqueles que desejam “ser Deus” e quando percebem que a realidade é outra que o Eu-ideal não é Deus e sim o Eu-real. A herança, sua moral, não conseguem mantê-lo protegido da fome de pulsão. Para Freud não se pode fugir do que está dentro do psiquismo, o que não se obtém por conquistas próprias está fadada a se perder, pois é regido pelo princípio do prazer.

O contato com a realidade do Eu-Real pode abrir portas para diversas formas neuróticas, uma vez que a pessoa não saberá lidar com as exigências da pulsão. Há pessoas que dizem viver em uma porcaria de vida e, por mais que se tente terapeuticamente fazer com que elas visualizem tal situação, a saída é complexa, uma vez que elas têm que lidar com a pulsão muitas vezes através de rituais exigidos pela neurose obsessiva. Apesar dos sintomas servirem de mecanismos de defesa, o vazio permanece e, às vezes, aumenta de forma dura e cruel. O ritual está ligado também à culpa, como nos fala Tournier (1985). Em seu discurso, o filho diz não merecer SER chamado de filho e Tournier diz que acontece aí uma mudança do tipo de culpa do “fazer” para “ser”, havendo, assim, a possibilidade de sair da condenação neurótica. Na outra fase, a do “fazer” os conflitos são por demais perturbadores, já na fase do “ser”, as mudanças podem ocorrer de forma satisfatória.

Na passagem bíblica, vemos que o herdeiro, uma vez sem posses e retornando ao lar paterno e solicita ao pai para guardar os porcos, essa “guarda” pode ser vista como uma possibilidade deste mundo pulsional com o verdadeiro Eu, uma herança pessoal a ser reconquistada, a tomada de consciência dos atos que são desastrosos para o indivíduo como uma aceitação da castração.

Para Tournier (1985), tanto na psicanálise como na religião o indivíduo pode cair; ele acrescenta que tanto o Evangelho como a Psicanálise levam ao mesmo lugar, a comprovação de que somos falhos e de que não adianta se martirizar em busca da perfeição, porque somos

imperfeitos. A bíblia está repleta de relatos, de referências daqueles que passaram de desventurados para bem-aventurados.

A aflição do filho em mostrar ao pai que errou, que pecou contra ele o absorve, este sentimento de culpa que se instala tem levado adeptos, fieis, a tomar uma forma anal sádica, tornando-se escravos dos seus sentimentos e mais ainda escravos de formas religiosas patológicas, tentando através das compulsões anular os próprios erros, buscando um Deus feito a sua própria imagem, um Deus ameaçador. Este Deus funciona como um superego, moralizador, justiceiro, impondo normas e regras, as proibições são constantes.

A graça seria aqui justamente este encontro, ou a libertação da escravidão imposta por si mesma e pela religião, segundo a psicanálise. Para Boff (1976, p.15), “a palavra graça quer traduzir a experiência cristã mais originária e original: primeiro temos o lado de Deus, que tem uma profunda simpatia e amor para com o homem a ponto de se dar a si mesma e, por outro lado, do homem capaz de se deixar amar por Deus, a consequência disso tudo seria a própria graça, a beleza, a bondade, o amor de Deus refletido em toda criação”.

A resposta do pai ao filho que retorna ao lar, desprovido da herança, sem recurso algum é a do pai que encarna a graça, que não mede esforços para ajudar, para receber o filho independentemente do que ele fez. O amor incondicional do pai para com o filho é uma perspectiva oferecida por Jesus, a do amor. Tournier (1985) afirmam que a percepção da graça é um fator preponderante para obtenção da saúde psíquica.

O Deus justiceiro, ameaçador, castigador, que é pregado pelo cristianismo há séculos, é algo que vai de encontro ao Deus judaico-cristão, que traz um Deus que consola, que acolhe. A prática religiosa parece não trabalhar de forma que os fieis se sinta acolhidos em suas dores e lutar contra esse Deus que parece estar contra os seres humanos.

II - A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO

2.1 Os caminhos da construção da pesquisa

Espero, com esta pesquisa, obter a evidência de que a religião de maior número de adeptos no nosso país (o catolicismo) faz associação da culpa e da graça com o pecado, e investigar como a Igreja Católica trabalha o tema culpa e graça em suas pregações. Desejo pesquisar o que contém esse grupo religioso como pano de fundo, qual a influência dos mitos e o intenso sentimento de culpa inconsciente ou consciente, forjado na infância dessas pessoas e não trabalhado por elas, e quais as consequências nas relações interpessoais.

A fenomenologia surgiu na Alemanha com Edmund Husserl com o objetivo de pensar insistentemente sobre o saber, o que era consciência. Foi Husserl quem iniciou a fenomenologia como um método de descrever fenômenos da consciência. Um método em que o observador tem a capacidade de compreender, apreender e aprofundar de forma intuitiva o vivido do observado. CARVALHO (1987) fala da distinção entre motivos e causas no que diz respeito à entrevista numa abordagem fenomenológica; segundo a autora, as vivências pertencem à ordem dos motivos, precisando-se de que elas sejam transcritas tal qual foram narradas e principalmente vividas.

A análise do vivido na fenomenologia é de fundamental importância, o que difere com os fenômenos causais. CARVALHO (op. cit.) indica ainda que a descrição intencional do vivido caracteriza-se por estar situada num mundo, no qual se vive, se trabalha, se ama ou se odeia, se sofre as influências da educação e da cultura, se experimentam as frustrações e as alienações, em suma, o que envolve a cada um e a todos nós. A Fenomenologia faz a leitura dos fenômenos, preocupa-se ainda em mostrar como se dá a constituição de sentido pelo sujeito; pode-se, então, afirmar que ela é uma abordagem eminentemente qualitativa.

A entrevista se dá sob a forma de existência situada no encontro, de maneira imprevista, a posição do observador no momento da entrevista é estritamente o de observar, sem interferir, perceber que se trata de uma realidade diferente da dele, que tem identidade própria, buscando sempre uma compreensão empática com o entrevistado. Carvalho (1987, p.10) apud Annette Garret menciona que

Raras vezes o cliente tem suficiente consciência de suas dificuldades, sendo capaz de as conhecer e de informar os motivos que a causaram. A própria pessoa que entrevista é que deve descobri-los. Recomenda um aprofundamento no sentido dos fatos, percebendo a ansiedade, o temor, ou

seja, indo á causa do problema. Refere-se a que esta causa se encontra oculta no interior da personalidade, não aparecendo isoladamente, posto que o comportamento humano baseia-se em motivações inconscientes, escondidas, tornando-se fonte de ansiedade: as causas inconscientes são muito mais comuns do que originariamente se julga, quando se procura compreender as pessoas.

Os processos inconscientes, a exemplo da psicanálise, também são observados na abordagem fenomenológica, esse método de acesso às pessoas, “obriga” o entrevistador a comparar, conciliar, preencher lacunas no apuramento dos dados pertinentes à solução do caso. O método fenomenológico pode ser resumido da seguinte forma: uma metodológica, baseada numa atitude e postura vida; uma segunda baseada na análise dos fenômenos, como se dá a consciência dos sujeitos; a terceira fundamentada na análise descritiva das vivências desses sujeitos e a quarta através do conhecimento que tem como a base as essências, categorizações (significações, intencionalidades); e, por fim, ela fundamenta-se em todas as ciências, pois busca a razão de ser fenômeno. Carvalho (1987, p. 11) lembra o teórico Gordon Hamilton quando ele considera o “caso problema” como um “fato humano”, onde estão presentes aspectos econômicos, mentais, físicos que atuam sobre o indivíduo em interação com o seu meio. Outro ponto levantado por esta autora é que entender o significado da palavra compreensão dentro deste contexto é outro ponto de relevância, onde ela explica que a noção de compreensão deve-se a Dilthey, para quem,

compreensão não é explicação”, a explicação se refere a fatos e causas e a compreensão a vivências e sentidos. A compreensão é a apreensão dos fatos psíquicos que não podem ser objetos de explicações; é apreendido através de suas exteriorizações. O método compreensivo é mais que um método psicológico, é uma hermenêutica que se volta para interpretação da vida psíquica em suas estrutura objetivas (CARVALHO, op. cit., p. 14).

Não existe na investigação fenomenológico-hermenêutica uma sequencia ordenada de passos. O caminho da investigação fenomenológica é uma construção, já que a pesquisa é aberta, existe flexibilidade para as possíveis modificações no próprio curso de sua realização (MORAES, 1991). A compreensão deste contexto é gradual e nunca definitiva. De acordo com a colocação de Martins e Bicudo (1983), a investigação fenomenológica encara um paradoxo. O investigador precisa de uma compreensão mais ampliada da situação para que assim a percepção dele seja mais específica com relação ao fenômeno a ser investigado. Bicudo (2000) afirma que, em uma pesquisa através da abordagem fenomenológica, o pesquisador não busca especificamente um método, mas uma clareza teórica.

De acordo com a metodologia fenomenológico-hermenêutica, existem três diferentes momentos de investigação, que são: O primeiro consiste num olhar atento para o fenômeno, aqui a percepção deve ser mais ampliada, procurando clarear através de sua presença o que se insiste em manter escondido. O segundo momento é para se descrever o fenômeno, abstendo-se de pré-julgamentos, pré-conceitos e não permitir que juízo de valores, crenças do investigador influencie na pesquisa, neste caso a postura do pesquisador deve ser totalmente imparcial.

Para ajudar na descrição os passos são colocados pela autora separadamente, eles ocorrem de forma inter-relacionada, em processos de ida e volta até alcançar esclarecimentos tanto das enunciações dos autores, como os do próprio pesquisador. O método fenomenológico para Forghieri (2004) em geral consiste nos seguintes passos: 1. É o de buscar as obras cujas enunciações foram revisadas para selecionar aquelas que sejam relevantes para um levantamento de característica do problema investigado; 2. Este passo é para articular os enunciados e demonstrar-lhes de acordo com o texto de seus autores e conseqüentemente o modo como o autor vai compreendendo; 3. O outro passo que Forghieri se refere é o de organizar o levantamento da etapa anterior e, através da identificação de aspectos invariáveis, se chegarem ao levantamento de características básicas do problema investigado, enunciando e retornando às etapas anteriores, sempre que se percebe ser isto necessário até chegar a uma enunciação final.

O método fenomenológico tem, portanto, por objetivo o que transcende as particularidades empíricas de que se investe o fenômeno enquanto aparência. Em outras palavras, tem por objeto a “vivência” e não o fato psíquico ou o “estado de consciência atual através do qual o fenômeno se dá”. Caracterizando-se o fenômeno por esta “transcendência”, podemos dizer, como outros já observaram, que o saber buscado pela fenomenologia não é um saber “sobre” o fenômeno, mas “do” fenômeno. É o que se denomina “redução fenomenológica” (CARVALHO, 1987, p. 15).

De acordo com esta abordagem, o investigador procura retomar a experiência vivida com os sujeitos nos movimentos de uma síntese de identificação, já que também viveu a intencionalidade dos objetos de sua pesquisa. As interpretações do pesquisador ocorrem de acordo com as percepções em sua pesquisa de campo, favorecendo-o a delimitar os núcleos de significado que dará propriedade a esse todo, tendo em mente que a fenomenologia não é uma ciência exata, mas é rigorosa, uma vez que se procura dar conta do caráter fluente e variável da vivência.

A escolha do investigador não correrá de forma aleatória e sim de acordo com as publicações apresentadas pelos analisados. O pesquisador observará: fala, gestos, fisionomias, compreensões intrassubjetivas, ou seja, a forma como introjetamos as nossas primitivas experiências emocionais e as diversas impressões apresentadas pelo sujeito quando é observado. De acordo com Bicudo (2000), o núcleo (e seus significados) é o que move o sentido, constitui o todo e é subjacente à experiência dos sujeitos pesquisados, segundo a compreensão do pesquisador que se empreende de sua interrogação.

A abordagem fenomenológica considera os dados analisados de acordo com o que os sujeitos apresentam; aquilo que o permite que compreenda de forma inteligível o seu pensar. Essa observação passará por critérios e dados que possibilitem o investigador retirar dos aspectos apresentados, expressões e falas que impressionem.

Esses aspectos, das situações vividas pelos sujeitos e percebidas pelo pesquisador, vêm a se constituir nas unidades significativas para as suas análises. Portanto uma unidade de significados, dessa forma constituída é uma convergência de atos intervenientes remetendo uns aos outros, não sendo cabível tomá-los numa linearização (BICUDO, 2000, p. 145).

O método fenomenológico obedece a uma análise de informações individuais e coletivas; opta-se basicamente pela Entrevista Fenomenológica e elas se constituem em entrevistas dialógicas, semiestruturadas, gravadas e transcritas. As entrevistas são compostas por questões norteadoras explícitas e implícitas sobre o problema de investigação, uma vez que os sujeitos são livres para expressarem as suas vivências e experiências. A gravação garante aos entrevistados a fidedignidade de seu conteúdo.

A entrevista é semiestruturada, apresentando os seguintes dados: 1. Dados de identificação: nome, formação, atuação profissional e tempo de atuação. 2. Perguntas norteadoras da entrevista (explícita): O que significa o sentimento de culpa na sua trajetória de vida? – Objetivo: Compreender as vivências e experiências dos sujeitos com sentimento de culpa que possivelmente permeia o íntimo de cada um, levantar pontos relevantes sobre a questão da culpa e graça tratada pela Igreja Católica e como esse processo chega aos seus fiéis e quais as consequências no âmago de cada um. 3. Questões Norteadoras Implícitas: a) Qual a associação que os adeptos do catolicismo fazem entre culpa, graça e pecado; b) De que forma a igreja católica trabalha o tema junto aos seus fieis. Objetivo: Compreender as relações entre os fieis e a igreja, como os fieis entendem e absorvem o que lhes é transmitido. 4. Outros tópicos que possam surgir no decorrer do processo e que devem ser compartilhados pela sua

implicação com a pesquisa. 5. Avaliação da entrevista: por parte do participante e por parte do entrevistador.

Os passos para análise das informações das entrevistas obedeceram ao método proposto por Giorgi (1992). As coletas de Informações verbais: É a coleta de dados através das entrevistas gravadas e transcritas ou de respostas aos questionários aplicados.

A busca do sentido do todo: Ouvir várias vezes a descrição da experiência narrada pelo entrevistado. Ler e reler o texto até se captar o sentido do fenômeno como um todo e poder expressá-lo.

A discriminação das Unidades de significado: Essa fragmentação tem como objetivo a impregnação do pesquisador pelo fenômeno, visando à captação das essências do mesmo. A divisão do texto em unidades, uma perspectiva psicopedagógica. A unidade de significado é numerada em ordem crescente e discriminada no próprio texto com um travessão (/) ou separada do texto com um dos dois toques do teclado “enter” quando se percebe uma mudança no sentido da situação descrita pelo sujeito pesquisado. Nesta etapa, a linguagem do sujeito é mantida sem qualquer alteração.

A transformação da unidade de significado em linguagem do pesquisador: Esse movimento intenta constituir o objeto de pesquisa, mantendo-o ligado ao foco pesquisado. Nessa etapa, são feitas as transformações da linguagem diária do sujeito em linguagem científica, mantendo-se sempre a ênfase no fenômeno que está sendo pesquisado: é o processo de reflexão intuitiva. Portanto, essa etapa é basicamente interpretativa, originando uma leitura de cunho científico, hermenêutico e fenomenológico. Isso é feito através de um processo de reflexão imaginativa, embora com certa distância entre a especificidade da situação concreta e as dimensões mais gerais do ser tutor. Evocadas pela análise.

O objetivo do método, porém é atingir a essência através das expressões concretas narradas pelos sujeitos envolvidos, ou seja, suas histórias de vidas como ser tutor. Essas transformações são necessárias porque o sujeito expressa realidades múltiplas, muitas vezes de maneira obscura e, conseqüentemente, para compreender os significados é preciso elucidar os aspectos de seu discurso com profundidade.

Síntese da unidade de significados: Aqui se é mostrado os fenômenos vividos pelos sujeitos e será realizado um resumo valorizando a essência do fenômeno.

O encontro das dimensões fenomenológicas são pontos significativos a partir do foco da investigação que se pretendeu abordar. As sucessivas reduções fenomenológicas obtidas permitiram a organização dividida em seis categorias, sendo estas subdivididas em dimensões fenomenológicas.

CATEGORIA I: EDUCAÇÃO RELIGIOSA	
DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS (UNISIG)
A) Constatando a educação religiosa, rígida, e a metodologia dispensada por pais e/ou responsáveis.	1; 3 ;4 ;5 ;6 ;7 ;8 ;9 ;10

Quadro 1: Categoria I: Educação Religiosa.

Constatando a educação religiosa, rígida, e a metodologia dispensada por pais e/ou responsáveis. No depoimento que segue da UNISIG I A1, vamos analisar uma fala onde o entrevistado (a) coloca que obteve uma educação religiosa tanto em casa, através dos pais, de forma superficial, através de orações e através das missas; desse modo, a educação ia se fortalecendo e a ideia de Deus ia se formando dentro deste universo: igreja e casa dos pais.

Eu sou católica, mas não sou praticante a fé e a mesma. Escola dominical, minha mãe levava para igreja, forma de passar a religião. Deus era para mim, respeito, fé, Deus da tudo gratuitamente, correr atrás fazer nossa parte, recompensa abençoada. Participar de uma religião é bom para formação espiritual, é bom para tudo. a igreja agente vai, reza , ora. Escuta o padre falando, em casa é mais uma oração familiar, respeito a imagem, mas não só a imagem, também e sempre mostrando que sem a fé em Deus, não somos nada. Deus é infinito, Deus é tudo, é superior. Coloco sempre Deus em primeiro lugar. Você tem que interpretar. Deus é tudo (UNISIG I A1).

A educação teve e tem um papel secundário, pois se entendia que a responsabilidade de educar crianças e adolescentes era dos pais e da sociedade civil (personificada, sobretudo, nas instituições de cunho religioso ligadas, em sua maioria, à Igreja Católica). Um traço marcante da educação na Constituição Imperial foi a obrigatoriedade do ensino da doutrina católica em todos os estabelecimentos educacionais. Tal medida se justificava pelo fato do Estado imperial brasileiro possuir uma religião oficial a ser transmitida a todos os seus cidadãos. Sendo assim, as famílias colocavam os seus filhos para serem educados pelo vícios doutrinário católico.

UNISIG I A3 “Católica desde nascença. Não aquela católica fervorosa, que lê a bíblia, não, mas sigo os princípios da religião”. Aqui mais uma vez constatamos que a educação religiosa, fé, conflitos e metodologia dispensada por pais e ou responsáveis eram presentes na vida da entrevistada, ela não fugia às regras, ao modelo inserido na sociedade o qual se

estendeu ao longo dos tempos; uma educação baseada no catolicismo, porém, sem ler, sem estudar, sem se aprofundar.

Na UNISIG I A4, segue mais uma narração, em que afirma sobre a educação dispensada pela igreja católica.

A religião é algo que sempre permeou minha vida, recebi uma formação católica, educação cristã nos moldes tradicionais, a semana santa apenas vamos para igreja, sou uma pessoa racional, não sou fanática, sendo seletiva no sentido de observar o que era exigida pela igreja mas que iam de encontro aos ensinamentos do evangelho e os ensinamentos do Cristo. Colégio de freira também, extremamente rígido, cena terrível, algo que não fosse condizente com as normas da escola, uma criança não ser merecedora de beijar um crucifixo, escola fechada, sempre relevei, tinha cuidado para não abalasse a minha fé.

O depoimento acima citado por si só mostra o que estamos trabalhando, ele se revela de forma clara, onde a entrevistada relata o fato que ocorreu quando ela estudava em colégio de freiras e de como essa questão tomou espaço em sua memória. Todos tinham que obedecer de forma que não racionalizavam, não questionavam, e essa postura era seguida de geração a geração como podemos ver, nos diversos relatos.

Na UNISIG I A5, a entrevistada diz que tem “família católica, mãe passou todos os princípios, princípios católico. Mãe passava a imagem de Deus como um Ser castigador”, reforçando o que já foi colocado anteriormente.

Dando seguimento, vamos avaliar a UNISIG I A6 que traz o depoimento: “Católica apostólica romana praticante, o praticante está envolvido com os trabalhos da igreja e o não praticante é aquele que apenas assiste as missas. Já nasci sendo católica”. Nas diversas entrevistas, percebemos que as colocações são basicamente as mesmas, não há diferença. A submissão é uma realidade constante na fala dos entrevistados. A Igreja com o propósito de traçar um modelo de comportamento social que reflita a cidade celestial conduzindo, portanto, a vida das pessoas, como afirma Santo Agostinho.

Na UNISIG I A7, segue o depoimento abaixo:

(...) Sou católica, faço parte desde que nasci, sou batizada, crismada e casada, minha contava no coro da igreja. Participei de vários movimentos da igreja, fui da cruzada, do catecismo, da crisma, de todos esses movimentos da igreja, depois participei de grupos de jovens.

Numa primeira análise como parte desta dimensão, percebe-se na fala dos entrevistados um sentimento de religiosidade, uma constatação da educação religiosa recebida por pais, principalmente pela mãe e padres. Através destes depoimentos, percebemos claramente uma educação oferecida pelos pais e pela igreja dando continuidade a um modelo pré-estabelecido nos moldes mais antigos da constituição e, apesar de muitas mudanças nas diversas constituições, na prática, a realidade era outra.

Na UNISIG I A8, o declarante diz o seguinte:

Sou católico desde a infância. A aproximação com a igreja, foi antes da adolescência, através das celebrações que aconteciam, no bairro. Um pouco mais tarde aos 11 anos eu conhecia a igreja católica não mais levado um coleguinha me perguntou se eu não gostaria de ajudar na missa, ajudar ao padre e aí eu aceitei, o padre era um gaúcho, um jesuíta muito simpático e de um sorriso encantador, de paizão e então eu passei a ajudar na missa.

Na UNISIG I A9, temos a seguinte narração: “Sou católica, faço parte desde que nasci, sou batizada, crismada e casada. Minha mãe era bem católica.” Com este relato, constatando a educação religiosa e a metodologia dispensada pelos pais, a fiel, no caso, percebo que ela deu continuidade a religião da mãe, estendendo seus conceitos, a filha foi batizada, crismada e casada, dando seguimento na mesma religião.

Na UNISIG I A 10, o depoimento segue da seguinte forma: “Não sou praticante, Fui batizado e aprendi os princípios religiosos da igreja católica.” É mais um caso onde fica claro que os pais carregavam em si os princípios da igreja católica e, assim, o depoente recebeu sua formação religiosa.

Encontro, nos diversos depoimentos, um modelo de religiosidade rígida, não se tinha acesso a maiores informações e, porque não dizer, menores também; o indivíduo tinha apenas que ir à igreja, o entendimento ficava por conta do padre, ou dos pais como segue o depoimento da UNISIG I B2, que diz o seguinte: “ouvi missa em latim.” Ouvir missa em latim era uma prática da Igreja Católica, essa prática era comum, porém, é do conhecimento de todos que nos fiéis não entendíamos absolutamente nada, pela falta de conhecimento que havia em torno da língua.

Como falei anteriormente, o modelo de resposta é basicamente o mesmo, analisando, percebe-se claramente o quão rígido era a educação dispensada para muitos, uma mistura da educação básica de boas maneiras, por exemplo, com a educação religiosa, trazendo com isto sentimentos que abalavam a fé dos fiéis menos estruturados psicologicamente. Vimos de forma clara a preocupação de uma das entrevistadas, de como ficava a cabeça de uma criança

que não podia beijar a imagem do cristo por não ter obedecido as normas da escola e/ou das responsáveis.

Os exemplos de educação rígida permeiam o consciente e inconsciente dos depoentes. Na unidade de significados I, compreendemos que os entrevistados guardaram em si sentimentos múltiplos, sentimentos que influenciaram de forma particular e individual a forma como pais, mães e padres se utilizavam para repassarem os preceitos morais da igreja para educarem seus filhos, misturando a educação doméstica com a educação religiosa.

CATEGORIA II: EDUCAÇÃO REPRESSORA	
DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS (UNISIG)
A) O pecado como uma questão social	2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10
B) O olhar de Deus	3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10

Quadro 2: Categoria II: Educação Repressora.

Na unidade de significados II, educação repressora, percebemos na fala dos depoentes que a desobediência é algo que está intimamente ligado ao pecado, como segue no depoimento da UNISIG II 2 A: “Somos pecadores, todos nós somos pecadores, e isso vem não é de hoje, mas do pecado original, herdamos isso. Então eu peço, porque eu não iria pecar, se todo mundo peca”. Neste relato, a depoente se coloca como pecadora, ou seja, uma pessoa que não obedece as regras e normas estabelecidas pela religião. De acordo com depoimento, temos o da UNISIG II 3A, que diz o seguinte:

Acho que pecado é uma coisa séria, pecado... Nós cristãos católicos ou não católicos, todos nós pecamos, qual o ser humano que não peca, né? - então eu confesso aos pés do padre, contando aquilo que você acha que fez e acha que Deus não gostou de ter feito aquilo e pra você é como se tivesse pecado, eu vou lá e peço perdão a Deus. Acredito que com isso através da minha religião eu sou perdoada.

Quando o entrevistado coloca que fez algo que Deus não gostou remete à questão da desobediência e, à medida que se desobedece, se comete o pecado, trazendo com isso conflitos, conseqüentemente, dificultando as relações intra e interpessoal, a culpa é facilmente

instalada. Ir de encontro às normas estabelecidas pelos pais e pela igreja leva também à questão do pecado original, onde Adão e Eva, ao comer o fruto proibido, caem em pecado.

Teologia e pastoral decorrem dessa representação do primeiro pecado, sobretudo, a afirmação de Santo Agostinho (354-430), o mais célebre dos padres da Igreja latina, para o qual a humanidade, pecadora desde Adão e Eva, constitui uma massa de condenação eterna. Santo Agostinho considera que o pecado original não é evitável (exceção feita para a Virgem Maria), mas o pecado atual pode ser evitado. Se houvesse no homem a perfeição, o pecado seria evitável, porém, como a humanidade é imperfeita, viciada pelo pecado original, o pecado só pode ser evitado com a ajuda da graça divina. De acordo com Santo Agostinho, o pecado de Adão acabou afetando toda a humanidade, na transmissão pelo corpo ou pela alma. Acrescenta ele que, se o pecado vem da vontade, então ele tem sua origem na alma. Sendo a alma derivada da de Adão, então a humanidade carrega essa herança. Caso tenha sido pelo corpo, também assim carregamos a herança de Adão pela mudança física, por descendência natural.

A categoria II, educação repressora, nos leva a dimensão fenomenológica UNISIG II A4, que tem o seguinte depoimento:

Pecador, pecou por pensamentos e palavras, atos e omissões, minha culpa, minha tão grande culpa e pede a virgem Maria perdão, ele assume que naquele momento ta pedindo perdão pelos seus pecados e ta pedindo absolvição, tem de assumir que pecou para poder pedir perdão , se ele não assume que pecou então não teria sentido uma absolvição (UNISIG II A4).

Nesta fala, a questão do pecado se revela de forma mais intensa onde a depoente fala do pecado por pensamentos, por palavras, atos e omissões, aqui não se permite nem pensar em algo que vá de encontro aos princípios morais absorvidos, dando ideia clara das emoções envolvidas e certamente o quanto conflituosa é o interior da pessoa que infringe tais condições impostas.

Através das análises, percebo aspectos sociais, da cultura e da política sofrendo grande influência da Igreja Católica. As religiões viriam, para dar suporte ou atenuar os medos impostos por muitas denominações religiosas tradicionalmente instituídas. É essa religião, conforme discute Durkheim (1983), um mecanismo auxiliar para o fortalecimento do indivíduo frente à vida. Por que os fiéis admitem que “sua máxima é a culpa”, porém, em muitos casos, percebemos que a realidade é outra, as pessoas entram em conflito exatamente por receberem uma educação repressora que vai, a mais das vezes, de encontro aos seus

desejos e aspirações. Há sem dúvida um grande conflito entre o que se é e o que se deseja ser. Essa dualidade não é estranha já que existe dois lados em todas as coisas, como o bom e o mau, o alto e o baixo, a noite e o dia, o yin e o yang, produzindo a interação, a unidade. Os lados sombrios dos indivíduos são vistos claramente, assim como o lado bom, por isso, se escuta que todo ser humano tem qualidade, mas também dificuldades. O inconsciente do indivíduo é carregado de medos, recordações temerosas.

Boaventura (1997) nos trás que, dentre muitas questões em torno da educação, um dado marcante na Constituição Imperial foi a obrigatoriedade do ensino religioso da doutrina católica em todos os estabelecimentos educacionais, uma imposição independente da religião, indo, a mais das vezes, de encontro a valores conquistados que não conduziam com os colocados pela educação católica. As religiões viriam, desse modo, atenuar os medos impostos por muitas denominações religiosas tradicionalmente instituídas, mas, ao contrário de tal finalidade, ela foi introduzida na vida de muitas que a procuravam de forma dura e cruel e esta formatação não trazia paz de consciência, ao contrário, os conflitos pareciam mais constantes.

No depoimento da UNISIG II A5, que segue logo abaixo, o entrevistado narra sobre a questão do pecado, o que a igreja colocava para os fiéis, que era tomado de maneira temerosa, havia uma íntima ligação do que Deus queria e o que a igreja ensinava, a palavra era usada em nome de Deus de forma que os fiéis sentissem medo, terror psicológico.

(...) Qualquer pecado, se não fizesse o que a igreja dizia, pois segundo o que ela dizia era que tudo isso estava na Bíblia, tudo era pecado, tínhamos que fazer tudo que Deus mandasse se não agente ia ser castigada. As vezes eu fazia alguma coisa que achava que não era pecado, mais ela dizia que era pecado (UNISIG II A5).

De acordo com Tournier (1985), os cristãos consideravam a Bíblia como revestida de uma autoridade sagrada para impor um código moral, um conjunto de proibições e prescrições cuja estrita observância deveria nos assegurar uma existência isenta de culpa. Contudo, esse autor diz que os ensinamentos contidos na Bíblia não passam de uma utopia, que as pessoas não conseguem seguir de forma literal, entra em dissonância com os fiéis, dando origem a desespero, angústias, enfim, a uma culpa que não encontra fim.

Percebo que o pecado aqui está intrinsecamente ligado à questão da obediência, se os fiéis não seguissem o que era preconizado pela Igreja Católica, automaticamente eram punidos, punidos por Deus; o sentimento de que se fez alguma coisa errada surgia de imediato, mesmo que se achasse que tal atitude não era digna de condenação ou de punição.

Na UNISIG II A6, a depoente refere-se ao pecado que se estende para igreja, dando a entender que a igreja erra, comete suas falhas, que as questões humanas se sobrepõem às questões Divinas e que o pecado está arraigado nele de forma profunda. O fiel se declara totalmente pecado, apesar de se mostrar mais a vontade quando fala dos pecados cometidos pela igreja.

(...) não podemos dizer que a igreja é santa, ela é também pecadora. o humano fala mais alto, mim sinto pecadora, nesse sentido, porque assim, se eu lhe tratar mal é como se eu tivesse tratando Deus mal, pecado para mim é isso é você ofender o próximo em pensamento, atos, ações. Eu sou pecador (UNISIG II A6).

Percebo aqui que a doutrina de Santo Agostinho teve uma influência nos que guardavam a fé religiosa. Estes princípios fundamentais da crença se fortaleceram da dureza e permaneceu até os dias de hoje. Os ensinamentos de Agostinho tiveram consequências devastadoras, a forma como foi passada a doutrina do pecado original foi, e é ainda, transmitida às crianças e adultos também de forma hostil, assegura Ranke (1999).

Na UNISIG II A8, temos como discurso da entrevistada uma forma sintetizada, contudo, com o mesmo peso, “só em você pensar, você já ta pecando”; a frase vem carregada de forma torturante, onde dá demonstrações claras de que você é torturado só por pensar diferentemente dos princípios preconizados pela igreja católica. Em seguida vamos colocar o depoimento da UNISIG II A8, que não foge à regra, apesar da narrativa ser mais longa.

(...) pecado, do céu, do inferno, isso é comum a todos os cristãos não apenas os católicos, o desejo de ser a santidade, ele veio a perceber que eu tinha fraquezas, limitações que falhava, era inconstante e essa inconstância era presente e isso me angustiava também, me deixava um pouco perturbado e quando eu via o conselho do padre de procurar ter paciência comigo mesmo e nunca desistir de buscar a santidade possível e isso me ajudava e ele lembra por exemplo, dos exemplos dos santos. Agente entende a originalidade do pecado, entendemos que são os desvios que o humano tem é natural do ser humano desviar do caminho da palavra prevista por Deus, ser bom, ser justo, amar a Deus sobre todas coisas, não roubar, guardar todas coisas, a castidade, tudo isso para gente é muito interessante. Já origem do pecado é exatamente desobediência, o desvio, agente carrega isto. A igreja é pecadora porque está em processo de conversão constante, contínuo, agente só vai parar de se converter quando agente tiver passo a passo diante de Deus, mas o meu pecado, a busca da luta contra o pecado, nossa luta contra o pecado. Pecado é condenação.

Neste depoimento, vemos que o depoente faz a suas colocações de forma mais prolongada, mas não deixa de trazer questões inerentes à desobediência, à ansiedade que tudo

isto causava, à impaciência, à comparação com aqueles que já tinham alcançado um nível considerado ideal perante os “olhos” da igreja. Segundo Ranke (1999), Agostinho foi o pai da ansiedade de 1.500 anos diante do sexo e de uma hostilidade persistente a ele. Para Agostinho, prazer e perdição estão intimamente interligados. Os cristãos da época sentiram-se oprimidos. A carga moral foi muito opressora.

As declarações contidas na UNISIG II A 9 são as seguintes:

(...) Falava-se de céu e inferno, de pecado, qualquer coisa que se fizesse era pecado, até pensar era pecado. Sim, existia um temor, de certa maneira quando agente ia fazer alguma coisa, tinha medo de pecar. Comungar, confessar todo mês com o padre, minha mãe dizia que embora você não tenha pecado mais tinha que se confessar junto ao padre, porque só em você pensar, você já tá pecando.

Na UNISIG II 9C, a escuta do entrevistado nos levou a perceber que o pecado também estava ligado ao pensamento, pensar em algo que fosse de encontro aos preceitos morais que eram preconizados pela Igreja Católica, os fiéis eram levados à confissão quase que obrigatoriamente. Na UNISIG II A 10, encontramos o seguinte depoimento:

(...) nós pecamos, temos as nossas falhas, às vezes tento não errar mas o desejo é que me impede e termino por fazer aquilo que quero, evidentemente que existe alguns princípios morais que não cometemos, como roubar, matar, passar por cima de tudo e de todos para conseguir aquilo que se deseja, temos limite.

A convergência que ocorre entre as falas são incontestáveis, encontramos, nas diversas narrações, uma identificação precisa onde os depoentes trazem suas angústias, seus conflitos contidos de forma bem consciente, como vemos em uma parte na fala da UNISIG II A 10 “(...) às vezes tento não errar mas o desejo é que me impede e termino por fazer aquilo que quero (...)”. Tournier (1985 p.144) afirma que o fato de se sentir culpado por um ato cometido, dito ou realizado, está associado ao tabu. E o tabu seria “uma proibição mágica: Isto é impuro, não toque, isto é proibido, não faça”. Tabus são proibições carregadas de angústia ameaçadora. O moralismo procede disso, é a criação de um código rigoroso de proibições, de um código moral. O autor nos lembra também da lei mosaica e ainda dos primeiros livros do Antigo Testamento; ele fala do conteúdo moralista contidos nestes livros e a consequência dessas leis que tem características arcaicas, infantis e mágicas da moral, dos tabus, fonte de *culpas patológicas*. Acrescenta ele que a lei mosaica associa-se ao sentido formalista e mágico do tabu.

A pesar das leis anunciadas por Jesus fazerem parte do Novo Testamento, muitas religiões trabalham em torno do Velho e do Novo Testamento. Tournier considera que aqueles que cometem um pecado sem saber, sem que haja intenção, e o resultado disso é uma angústia neurótica. A culpa, segundo Tournier, pode surgir também de forma inconsciente, quando aquilo que é para tranquilizar acaba provocando o efeito é contrário; a angústia é maior e é mais intensa justamente porque ela é inconsciente.

Na Categoria II, que trata da Educação Repressora, tendo com ponto de convergência o Pecado como uma questão Social, nos diversos depoimentos, a questão do pecado é consenso entre os depoentes, isto é, o pecado é algo inerente ao ser humano, ele é comum a todos. Nesta dimensão fenomenológica, fica claro que há um incômodo por parte das pessoas neste particular, que é minimizado com o peso social que esse fato tem, se todos têm limitações, têm dificuldades, então, eu sou humano tenho direito de pecar, apesar de abalar a relação com Deus.

A figura do padre é comum na fala dos fiéis, uma figura que substitui aqui na terra a figura de Deus. Tournier lembra ainda que a Bíblia é um livro que mostra duas mentalidades: a primeira sendo infantil, formalista, moralista, a dos tabus; e a segunda mentalidade que é a profética. Ele reforça ao longo de sua narração que a primeira oferece uma moral limitada, definida, explícita, que localiza o pecado em uma ação, em algo impuro. Através de tais ensinamentos, a reverência e acatamento dos mesmos é algo que leva o adepto a um caos psicológico, a uma angústia sem limite, os conflitos são imensos.

Analizando a dimensão fenomenológica B da categoria II, Educação Repressora, vamos encontrar a UNISIG II B, O Olhar de Deus. Nesta dimensão, encontramos de forma mais contundente a convergência de quatro entrevistados. Na UNISIG II B 1 temos o seguinte discurso: “Deus é soberano, Deus é soberano, sem ele não somos nada”. Seguida da UNISIG II B 2 que afirma: “abismo imenso entre agente e Deus, a idéia que agente tinha era uma pessoa que castigava, era um monstro, um bicho papão...Deus é grande, é misericordioso, quando agente erra tem que pagar pelo erro. Mas as vezes acha que Deus não perdoa”.

Cerqueira (2005) afirma que os cristãos foram condicionados pelo pensamento judaico-cristão e, como consequência, a culpa foi instalada. O autor nos fala de uma distorção do pensamento cristão em relação à culpa e à punição. Por esse pensamento, tudo o que fazemos e que não está dentro dos padrões rígidos dessa pseudomoral instituída é um pecado e deve ser punido violentamente. O pensamento natural do judaísmo, do “olho por olho, dente por dente”, manipulado e distorcido durante séculos pelas doutrinas cristãs e por interesses próprios, vem prevalecendo dentro da cultura ocidental.

Seguindo o pensamento de Cerqueira (op. cit.), os termos são distorcidos e, assim, feitos para alertar os cristãos que tratam os Evangelhos, lembrando que não há citação alguma colocando que o Cristo se referiu ao erro, da forma como é colocada por diversas religiões cristãs, como pecado e como punição.

Tournier (1985) fala da questão do sinistro que a religião acomete a todos, o fato dela esmagar em vez de libertar. Diz ele que os pacientes realmente buscam a graça, porém, em algumas instituições religiosas, encontram a vergonha, a ameaça do castigo e um sentimento de julgamento.

Ao longo dos séculos, percebemos que a ideia de Deus é distorcida, como vemos na fala da UNISIG II B 3:

Sempre tive Deus como um ser maior, aquele todo poderoso e a ele eu recorro na minha alegria, na minha tristeza, nas aflições, sempre tudo eu entrego a Deus. Deus não gosta disso, eu penso que o castigo venha de uma outra forma, por isso eu não faço. Você ver Deus como um Ser superior, e essa coisa de castigo você diz que, penso muito antes de agir, falar, porque nós seres humanos falamos muito, Ele é um Ser maior, é um pai que eu acredito muito e eu tenho muito medo, eu sempre falo eu que tenho medo nessa vida, é: são dos castigos de Deus.

Na UNISIG II imagem de Deus, a escuta dos entrevistados me levou a perceber que a sua imagem se dá de forma ambígua, ao mesmo tempo em que se ama, se teme; o medo permeia a mente das pessoas, são vários sentimentos interligados e estes intimamente interligados, se algo vai de encontro, mesmo que inconscientemente aos princípios morais estabelecidos na igreja, isso traz um incômodo consciencial.

Os entrevistados colocam, através de suas falas, a onipotência e a onipresença de Deus como atributos mais atuantes de Deus, pois Ele está em tudo e em todo lugar, caminhando junto. O Deus colocado pelos entrevistados é um Deus antropomórfico que possui diversos adjetivos, como: Soberano; Misericordioso; Monstro; Bicho Papão; Ser maior; Carrasco, pois está sempre a castigar aqueles que são desobedientes, aqueles que não seguem as normas da igreja ou do Evangelho, a exemplo da entrevistada UNISIG II B 2: “(...) a idéia que agente tinha de Deus, era a de uma pessoa que castigava, era um Monstro, um Bicho Papão (...)”; contudo, percebemos que o discurso por vezes é dúbio, para termos uma ideia mais precisa, citaremos a fala da mesma entrevistada UNISIG II B 2, onde ela diz que: “ (...) Deus é grande, é misericordioso, quando agente erra tem que pagar pelo erro, mas as vezes acho que Deus não perdoa.(...)”.

Ainda no quadro da UNISIG II, no item “B” percebemos que o olhar de Deus é um ponto citado de forma mais contundente pelos entrevistados da dimensão fenomenológica UNISIG III B 3, onde eles deixam claro em suas narrações, a exemplo da citação que segue abaixo:

(...) Deus não gosta disso, eu penso que o castigo venha de uma outra forma, por isso eu não faço. Você ver Deus como um Ser superior, e essa coisa de castigo você diz que, penso muito antes de agir, falar, porque nós seres humanos falamos porque Ele é um Ser maior, é um pai que eu acredito muito e eu tenho muito medo, eu sempre falo eu que tenho medo nessa vida, é: são dos castigos de Deus. Não sei definir no momento porque tenho medo, porque sei que não dá certo, porque depois vem, como se diz no ditado popular: a rebordosa” porque? Porque Deus não quer isso. Deus quer que agente seja humilde, ajude o próximo, ele pede muito a humildade porque a arrogância não leva a nada (UNISIG III B-3).

A visão de Deus é um tanto quanto conflituosa, na percepção dos entrevistados, pois fica clara a dificuldade que eles têm de compreender a natureza íntima de Deus, o que na realidade me parece complicado, não apenas para os católicos e daí surge a dificuldade diante do ponto discutido. A ideia de Deus como Pai foi trazida por Jesus, ponto de vista novo diante do que Ele considera a Divindade e que vai de encontro aos ensinamentos do Velho Testamento. Um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia.

No início da criação o Criador era confundido com a criatura e as imperfeições humanas eram atribuídas a Deus, que seria semelhante aos seres humanos, à medida que o senso moral foi se desenvolvendo, os homens foram tendo melhores condições de entender a essência das coisas e, como consequência, poderão fazer uma ideia mais justa da Divindade, mas não é o que percebemos na exposição dos entrevistados, eles colocam o seu temor a Deus, o medo dos seus castigos de forma límpida, sem subterfúgios.

Na UNISIG II B5 segue a seguinte exposição:

(...) se agente cometesse alguma coisa errada ele ia nos punir, Deus que punia, passava aquele medo para mim de um Deus punidor. Não como um Pai misericordioso, mas aquele que punia . qualquer ação, tinha seguir aquela linha, tinha que ser tudo certo, obediência em tudo, aos pais aos mais velhos, ser educado, ter cuidado com o corpo, então se não fizessemos conforme as leis de Deus íamos ser castigadas. Era muito difícil, mas quando eu achava que estava cometendo alguma coisa que não era certa então eu rezava, pedia a Deus que me perdoasse as vezes eu dizia, não, eu tou fazendo, vou assumir, vou pedir a Deus que não me castigue, se era assim vou ter que assumir medo de tudo , da natureza, dos trovões, achava que os

trovões era castigo de Deus porque eu tinha feito algo de errado, é o relâmpago, tudo que vinha da natureza, para mim era um castigo, Ele sabe todas as coisas, se você ama a e você não vai fazer nada de errado, de mal, não tem que ficar se preocupando com isso (INISIG II B 5).

O entendimento do ser humano com relação a Deus me parece limitado, incerto, hora Deus é bom, hora Deus é cruel. O Deus que se conhece através da fé está ligado diretamente à religião ou à religiosidade, mesmo assim a dicotomia é presente, agora imaginar Deus como um bicho papão ou um velhinho de barbas brancas, sentado em um trono, é tornar esse Deus antropomórfico, dando a extensão da nossa visão, quanto mais ambígua for a nossa percepção, mais associamos Deus às coisas palpáveis, como trovão, tempestades, bosque e outros. À medida que a nossa percepção se amplia, a ideia de Deus se modifica.

Na UNISIG II B 6, encontraremos a seguinte fala:

A ideia de Deus era a de um Deus bom e justo, não tinha a idéia de um Deus que castiga. Visão de Deus pai, de Deus amigo, de Deus acolhedor às vezes eu vejo em alguns carros a seguinte frase: “Deus é fiel”, não concordo com isso, Deus é Deus, não tem adjetivos, Ele é Ele, quem deve ser fiel somo nós, então para mim, Deus é tudo. Deus quer, que Ele dá eu não acredito nesse Deus que fica dando as coisas, Deus dá oportunidade a todo mundo e cada um é que tem de ir atrás, ter suas oportunidades, tem uns que vai e outros não, cada um tem um dom. Deus vai me castigar.

Neste depoimento, vemos uma exposição que procura mostrar uma visão mais ampliada de Deus, apesar de se contradizer em alguns momentos; no início da fala, ela menciona um Deus justo e, no final, o Deus apresentado por ela é um Deus que castiga, fica confuso. A depoente coloca também a questão dos adjetivos que colocam para Deus e com que ela não concorda, a exemplo da frase que se vê em alguns carros, que é: “Deus é fiel”, ela não considera a possibilidade desta frase conter um sentido de agradecimento por ter se alcançado algo e esse algo ser obra Divina, aqui a depoente nos mostra que é fácil colocar que Deus é fiel, mas o difícil é o adepto ser fiel aos desígnios de Deus, ou seja, a depoente fala, em outras palavras, da dificuldade do adepto ser fiel. O tema aqui debatido revela também a necessidade do esforço pessoal para se adquirir aquilo que se deseja.

O medo de pecar é presente na UNISIG II B 7, que segue logo abaixo:

Deus era uma pessoa invisível que agente tinha que respeitar, por Ele está ali, tudo que agente fizesse de bom ou de ruim Ele estava lá, era assim, se você fizesse coisas boas, você ia ser premiada um dia com o reino eterno e se fizesse coisas ruins poderia pagar no inferno ou passar um bom tempo no

purgatório e depois dependendo do meu merecimento Jesus me levaria para ficar perto dele. Sim, existia um temor, de certa maneira quando agente ia fazer alguma coisa, tinha medo de pecar.

Nesta narração, percebemos claramente que a visão de Deus da depoente é congruente com as demais já citadas, o medo, o temor a Deus é algo presente, o medo de ir para o inferno ou céu, conforme suas atitudes, é algo explícito; a pessoa não podia fugir, pois Deus estava lá, observando todos os seus passos, então fazer algo implicava em conflitos, pois a liberdade de pensar e agir estava atrelada às condições ou aos valores já absorvidos através da igreja católica.

O depoimento da UNISIG II B 8 não foge a regra, o discurso é basicamente o mesmo, como segue adiante: “Confesso que a imagem de Deus era de um Deus castigador”, o Deus castigador se faz presente aí mais uma vez, o medo dos castigos de Deus mais uma vez manifestada.

Na UNISIG II B 9, temos o seguinte: “Deus era uma pessoa que olha para gente em todas as situações, sempre tá observando o que fazemos.” O olhar de Deus impedindo que a pessoa ficasse sozinha consigo mesma, com seus pensamentos, atos, a visão de Deus é de um ser que não dá trégua, é uma Pai que sufoca, que traz tensão já que Ele vigia a pessoa o tempo todo, daí surgem os grandes conflitos.

Na Unidade de Significados II B10, vamos encontrar o seguinte depoimento:

Não tinha muito a idéia de Deus, mas o que mais prevalecia era de um Deus duro, que castiga, o castigo era presente em tudo, até se ficasse uma roupa nossa pelo lado contrário se era utilizado o nome de Deus em vão. A idéia de Deus, mas como falei o que mais o que prevalecia era de um Deus duro, que castiga, o castigo era presente em tudo, nos observando. Eu tinha a impressão que a imagem de Deus era confundida com a de Jesus, posteriormente imaginava Deus como sendo um homem velho de barbas e com cajado, as pessoas, que ele estava por perto, que via tudo, tudo o que fazíamos. De um modo geral o que era passado limitava, inibia, castrava, fazia com que nos sentíssemos culpados por qualquer coisa que fazíamos.

A exposição da UNISIG B10 segue com as mesmas características dos demais entrevistados, onde a visão de Deus é de dureza, é de castigo, um Deus antropomórfico e os tormentos internos é bem visível e o abalo íntimo é inevitável, os fantasmas diabólicos parecem penetrar em seu âmago. As indecisões, os conflitos íntimos e conscienciais parecem encontrar guarida nas soluções oferecidas pelo diabo, como bem coloca Baschet (2002). Contudo, estas soluções que são de acordo com o desejo pessoal não são condizentes com que é pregado pelo cristianismo. Santo Agostinho afirma que a causa do mal se encontra na própria

criatura, a consequência é pessoal e intransferível. Ranke (1999) relata que Santo Agostinho foi o grande criador da imagem cristã de Deus, do mundo e da humanidade amplamente aceita ainda hoje. Ele relata que

Agostinho associou a transmissão do **pecado original**, que desempenha enorme papel em seu sistema de redenção, com o prazer da relação sexual. Para Santo Agostinho o **pecado original** significa morte eterna, a condenação para todos os que não forem redimidos pela **graça** de “**DEUS da massa damnata**” à qual todas as pessoas pertencem. Agostinho insiste em que nem todos serão redimidos, por exemplo: as crianças sem batismo estão perdidas. Era ele aferrado à condenação das crianças não batizadas (RANKE, 1999, p. 89, Grifo do autor).

Com uma imagem tão dura criada por um dos grandes ícones, um doutor, um santo da igreja católica, como ir de encontro, como pensar diferente, são muitos os séculos que se passaram, mas a palavra ainda é presente e seu pensamento influenciou e ainda influencia a visão que o ser humano tem de Deus. É verdade que a igreja, de forma sutil, vem se transformando, buscando uma atualização à contemporaneidade, embora os ensinamentos de Agostinho, desumanos, cruéis, permaneçam na atualidade, como nos fala Ranke.

Fazendo uma analogia das falas dos entrevistados com a mitologia, com os símbolos, percebemos que o ser humano, desde os primórdios de sua existência, teve sua evolução e o desenvolvimento de sua sociedade vinculados às suas crenças. Com isso vieram formas de manifestação dessas crenças através de simbolismos que buscavam representar aquilo em que se acreditava, bem como participar de seus ritos como um caminho de ligação entre o homem e o sagrado. Seus símbolos acompanharam esse constante desenvolvimento e transformação. É verdade que os símbolos vem se misturando e se transformando devido à inter-relação entre as crenças, marcando mais uma etapa na nossa história.

Uma das primeiras formas de expressão e comunicação da humanidade foi através dos símbolos, antes mesmo da fala; as marcas deixadas em paredes é um exemplo do que estamos afirmando. Com o tempo o homem foi se organizando em sociedades e estas se agruparam compartilhando pensamentos e ideias. Os símbolos tem um papel forte no catolicismo, a exemplo da cruz que os católicos consideram o símbolo da humildade, evidentemente existem muitos outros símbolos que buscam transmitir alguma mensagem de uma religião, fazem parte de um rito ou mesmo vieram de mitos, tornando-se formas de identificação.

A ciência ajudou a diminuir a conduta das pessoas em relação a uma religião específica, ela ajudou a desvendar mistérios que até então não eram explicados, nada antes

podia provar os mitos presentes nas religiões e se não havia resposta nem alternativa era muito fácil acreditar nos mitos, porém, apesar de ciência ter aberto um leque de possibilidades, percebemos que as pessoas não “vivem” sem os mitos, eles permanecem presentes, mudando apenas a roupagem que outrora se vestiam, então é importante se colocar aqui a questão do mito como bem coloca Bierlein (2003, p. 341): “Ser humano é ter mitos. A visão de mundo mítica não pode ser eliminada.” Uma vez que através do mito se pode obter esclarecimentos do mundo e dos seres humanos em que nele vivem, buscando através dos símbolos os seus significados, revelando o significado e mostrando o modo como um povo entende e interpreta a existência.

O conjunto de narrativas desse tipo e o estudo das concepções mitológicas encaradas como um dos elementos integrantes da vida social são denominados mitologia. A nossa vida é moldada, segundo May (1992), em seu próprio mito e ele afirma que este ou estes mitos nos dão condições de viver o presente em sua totalidade, sem perdermos de vista a condição de nos delocarmos entre o passado e o futuro; então, sendo a igreja católica carregada de símbolos, mitos, ritos, não podemos deixar de considerar a questão mitológica como parte integrante para avaliar tais narrativas.

CATEGORIA III: CULPA, MINHA MÁXIMA CULPA	
DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS (UNISIG)
A) Culpa como Reforço da religião	4; 5; 6; 7; 8; 9; 10
B) A culpa Inconsciente e consciente	4; 7; 8; 9; 10

Quadro 3: Categoria III: Culpa, minha máxima culpa.

Na categoria III, culpa, minha máxima culpa, é clara a escuta dos entrevistados; a narração deles nos levaram a perceber nitidamente que a culpa é algo inerente ao ser humano, que essa culpa, segundo a narrativa deles, vem do pecado original e que isto foi reforçado pelo cristianismo de um modo geral e, mais especificamente, pela igreja católica, como vemos na citação a seguir da UNISIG III – A4.

A culpa ela permeia o ser humano, a pessoa já nasce praticamente culpado, isso reside em qualquer religião. Reforçada pelo cristianismo e não

especificamente pela igreja católica, igreja católica tem dogmas, ritos, essa ritualística tenha influenciado. Expição de culpa, ela passa da ritualística de você adorar, de se ajoelhar, de orar, de se confessar. Relação entre a culpa e o pecado, história de vida, alguns atos gera culpa. Certos casos a culpa é até benéfica, se ninguém sentisse culpa seria o caos, você matava roubava, iria acontecer as barbáries mais absurdas. A culpa de certa forma é necessária, ninguém pode viver isento de culpa, não pode ser exagerada do ponto de vista da igreja, atrapalha a relação com Deus, a culpa toma o lugar do amor.

O sentimento de culpa procede de uma peculiar sensação de estar-se realizando algo errado, esse sentimento proporciona uma correlação entre a capacidade de agir correta ou erradamente. O sentimento de distonia não apenas com a religião, mas consigo mesmo leva claramente aqueles que se sentem culpados a sentimentos profundos de amargura e desajuste emocional. A culpa surge dilacerando o ser, seja conscientemente ou não, impondo reparações que, por vezes, são severas. Originada na conceituação ancestral do pecado, herança atávica do pecado original, que seria a desobediência de Adão e Eva, como narra a UNISIG IV A7:

(...) você é sempre culpado, você é responsável pela culpa, o que acontecer é você, você já nasce culpado, carregada pelo pecado original, esse pecado vai carregar até o fim da vida. A culpa permeando em tudo, a culpa tá em tudo. Para mim, sim, a culpa e o pecado estão intimamente ligados, fica muito claro quando você diz: Trabalho as minhas culpas, as culpas que carreguei por conta dessa religião. Ainda a culpa prevalece, elas caminham, mas a culpam ainda é muito grande e presente a questão da culpa. Todas as instituições trabalham muito mais a culpa (...).

Esse processo de autoculpabilidade é um agente cruel e punitivo que desequilibra psicologicamente a pessoa, desse modo as pessoas se torturam, geram seus próprios tormentos por não conseguirem se livrar de tal incômodo. Na UNISIG III A5, a exposição do entrevistado segue da seguinte forma: “A culpa ficou para mim muito forte eu tenho culpa quando faço qualquer coisa errada e isso foi muito forte para mim, por isso me sinto culpada”. A autoestima baixa faz com que os valores reais permaneçam submersos, a valorização de si, as conquistas de novos valores não são abraçados, dificultando, por vezes, a saúde emocional.

A teoria freudiana guarda um sentido positivo da religião, apesar de Freud a considerar como uma neurose, mas também como uma necessária neurose do crescimento.

Para Freud (1930), não foi tão fácil encontrar explicações para justificar a existência e o arrebatamento da culpa nas pessoas. Pouco convencido com o crime inconsciente de Édipo, que deve ter sentido a mesma perplexidade de Adão e Eva, o mestre cria o mito do assassinato consciente do pai da horda primitiva, para ter um motivo concreto e palpável para a culpa.

Na obra Totem e Tabu, a fúria assassina da irmandade da horda primitiva contracenava com sentimentos amorosos relativos ao mesmo pai que queriam matar, que representava um obstáculo a seus anseios de poder e a seus desejos sexuais. Depois que se livraram dele, aquietou-se seu ódio. Como acontecia na refeição totêmica, identificaram-se com ele e viram ressurgir a afeição por ele recalcada havia tempo. Essa afeição vem sob a forma de remorso, de sentimento de culpa (FREUD, 1913).

Freud (1930) define o mal-estar como sendo essencialmente sensação de culpa, e o caracteriza como o maior entrave ao projeto civilizatório. O que se delineia sob a análise freudiana do mal-estar é o impasse do sujeito – sua impossível adequação ao ideal de universalidade que lhe é imposto pelo outro. Esse ideal seria o articulador do sentimento de culpa, na medida em que estabeleceria um determinado critério para a satisfação do sujeito. Na UNISIG III A8, vemos mais um exemplo da culpa incutida pela religião, dando origem ao mal-estar:

(...) feliz culpa de Adão, porque fez com que Deus enviasse um salvador, seu filho para salvar agente, no pecado, na desobediência de Adão e Eva, algo nos ensino a superar, nem tudo é totalmente ruim. A culpa existe, porque existe remorso, culpa, remorso, arrependimento, anda juntas, culpa é sentimento, traduz a nossa crença de algum desvio da vontade de Deus. A culpa vem da decorrência do erro, a exemplo do aborto, homicídio doloso ou culposos. Com a confissão vem o arrependimento e com a confissão vem a absolvição. A culpa é pesada (...).

Esses sentimentos conflitantes, fundindo emoções, causando efeitos danosos e fazendo submergir imagens odientas dos pais, de professores, pessoas com quem tiveram uma convivência, reforçando conceituações da moral arcaica e hipócrita, assinalaram muitos dos comportamentos religiosos ortodoxos que eram utilizados para dominar fiéis.

Na UNISIG III A9, temos outro exemplo de culpabilidade por seus atos, omissões:

A passagem de Jesus defendendo Maria Madalena e dizendo quem tiver pecado que atire a primeira pedra já nos leva ao sentimento de culpa, todos nós carregamos algo de errado, ninguém é perfeito, Isso já vem antes da crucificação do Cristo, a morte dele só aumentou a nossa culpa, pois fomos nós que o levamos a crucificação. Acho que vem desde o pecado original, com Adão e Eva. Procuro não me culpar tanto, mas não tem jeito vez ou outra estou eu lá me culpando. As culpas que carreguei por conta da religião, a forma que me foi passada me trouxe muito o sentimento de culpa.

No discurso anteriormente citado, podemos ver mais um depoimento de dor, de conflito, a culpa exposta de forma dolorosa, imposta pela religião. Evidente que a adoção de uma conduta religiosa que trabalhe o indivíduo, nele edificando valores de bem-estar é um

valioso contributo psicológico para a saúde, mas, nas diversas narrativas, é transparente, aqui no caso trabalhado, uma forma contrária a uma boa saúde emocional, o que fez Freud informar que a religião, é, por si mesma, uma neurose compulsiva. O sentimento de culpa inconsciente se localiza no campo do desejo. No caso clínico *O Homem dos Ratos*, o sentimento de culpa é mais explícito. O trio: culpa (imaginária), dívida (simbólica) e morte (real) alimentam o sofrer da neurose obsessiva.

Na UNISIG III A10, temos: “A consciência nos cobra e aí nós freiamos, parece que já ta incutido na nossa consciência, já nascemos com este sentimento de culpa que no meu ponto de vista foi reforçado pela igreja ao longo dos séculos”. Segundo Tournier (1985, p. 166), a Bíblia, através das diversas religiões, busca a salvação do homem, enquanto que a Psicologia busca a cura; esta visão se dá pelo combate interior que ambas oferecem para conduzir o indivíduo a uma conscientização. Ele coloca que a consciência culpada é a constante da nossa vida. Afirma ainda que a educação é uma forma de repreensão, constituindo assim um sentimento de culpa. Ele diz que, quanto mais rígida for a educação, quanto mais os pais se preocupam com a formação moral e o desenvolvimento de seus filhos, mais haverá um cultivo intensivo do sentimento de culpa.

Na terceira categoria, temos a “culpa, minha máxima culpa” onde se constata que a culpa de fato é máxima, as pessoas não se veem sem ela, a igreja católica reforçou esse sentimento nos seus adeptos. Os entrevistados demonstram um sentimento contraditório não apenas com relação à religião, mas consigo mesmo, levando-nos a perceber claramente o desajuste emocional instalado. As emoções dilacera o ser, às vezes, de forma consciente; por vezes as pessoas não entendem o porquê de tanta angústia, tornando as relações intra e interpessoal desajustadas e as punições imposta por si mesma também são presentes, as pessoas se boicotam, não se permitem sentir prazer, serem felizes, os atos chegam ser obsessivos, corroborando com a tese freudiana.

O conceito de culpa perpassa toda a obra de Freud, já que sua teoria se baseia em uma concepção do psiquismo humano, onde o conflito, recalque, Édipo e inconsciente são peças fundamentais. Para Freud, o ser humano não encontraria um equilíbrio emocional racional de suas pulsões através da religião; para ele, esse equilíbrio só ocorre quando há um ajustamento em todas as suas condições, trazendo mudança real. Ainda segundo Freud, a religião foi uma tentativa de controlar as pessoas através de suas necessidades biológicas e psicológicas, na época em que a teoria de Freud foi desenvolvida a religião era muito mais controladora que nos dias atuais. Freud (1927) afirma que a religião desempenha uma série de funções sociais, como espantar os terrores da natureza; inculca a resignação; tenta trabalhar junto aos seres humanos a

realidade dos destino e, especialmente, da morte; promete compensações para as dores que a vida civilizada impõe; leva o saber, como também trabalhar as questões morais.

Para Freud existe uma analogia entre religião e neurose e, mais particularmente, a neurose obsessiva. A neurose obsessiva funciona como uma caricatura da religião. A religião serviria de um mecanismo de defesa de uma cultura para neurose. Para Freud, a religião é uma necessidade decisiva de proteção e apoio, uma vez que o indivíduo necessita de autoridade da qual depender, a perda dessa dependência implica em um acentuamento da neurose.

A religião minimiza o instinto pulsional que é inerente a todo ser humano e que carrega consigo uma quantidade considerável de energia libidinal, canalizando as energias sexuais. Murano (2003 *apud* FREUD, 1910, p.65) afirma que “os que vivem sob amparo das ilusões amorosas próprias da religião encontram nela, portanto, a mais firme proteção contra a neurose”. A teoria nos leva a analisar que as neuroses coletivas supõem proteção contra a neurose individual. O discurso social proferido pelas religiões oferece apoio e tira o indivíduo do difícil conflito de ambivalência afetiva em face ao pai. A religião entra aí como apaziguadora entre as desarmonias entre pais e filhos. No desenvolvimento da dissertação, discorri sobre a dificuldade de Freud para justificar a existência da culpa nas pessoas. E assim como ele ficou perplexo com o crime inconsciente de Édipo, certamente não fugiu a regra diante do mito de Adão e Eva, com isto o pai da psicanálise cria o mito do assassinato consciente do pai da horda primitiva, para ter um motivo concreto e palpável para a culpa.

O ideal de universalidade imposto pelo outro, torna um impasse na intencionalidade do sujeito, como se amoldar aos interesses alheios, mesmo que esse outro seja uma instituição religiosa, essa adaptação seria justamente o articulador do sentimento de culpa, uma vez que o sentimento de culpa se encontra no desejo e o desejo é uma promessa de prazer, o ser humano na sua atuação mais primitiva não se negava ao prazer, porque ele não conhecia o bem e o mal, ele não fantasiava, ele simplesmente atuava, se permitindo a satisfazer suas pulsões instintiva.

De acordo com a teoria psicanalítica, para sentir a presença de Deus, faz-se necessário confessar os pecados, a desobediência, a culpa, para que, assim, possa haver uma comunicação entre o criador e a criatura. A confissão dos pecados seria então um “movimento compulsivo” como sugere Murano (2003).

CATEGORIA IV: GRAÇA SEM GRAÇA	
DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS (UNISIG)
A) Falta de compreensão da graça	A2; A3; A4; A8; A9; A10
B) Barganhando a graça	B1; B3; B9;

Quadro 4: Categoria IV: Graça sem graça.

Na categoria IV, graça sem graça, encontramos três pontos de convergência que foram: A) Falta de compreensão da graça; B) Barganhando a graça; C) Percepção da graça. Essas dimensões a cerca da graça vem demonstrar quanto os fiéis da igreja católica têm em comum no que diz respeito à graça, ao que eles entendem ou deixam de entender e a barganha que ainda persiste entre alguns; como estes fieis lidam com a graça, algo que foge ao conhecimento dos próprios fiéis. Nas entrevistas realizadas, percebo que os entrevistados falam muito mais sobre a culpa do que sobre a graça.

Em termos de bibliografia, também não foi fácil de encontrar, a literatura é reduzida, sendo assim, o entendimento sobre a graça, do que foi possível extrair dos entrevistados, explicito a seguir:

Na UNISIG IVA, no universo de 10 entrevistados, encontramos 6 que não entendem a graça, como segue na narração da UNISIG IV A2: “(...) somos pecadores, não somos merecedores da graça, Deus na sua infinita bondade, que é grande, então culpa quando agente erra, agente tem que pagar pelo erro, agente acha que por ser pecador, porque pecou, acha que é incapaz de Deus perdoar, mas agente é que não se perdoa (...)”. Neste depoimento, o entrevistado se acha não merecedor da graça, faz uma mistura da graça com o pecado, com os erros que comete, fala do não perdão de Deus, porém não demonstra claramente o que entende sobre a graça.

Dando seguimento, na UNISIG IV A, temos: “(...) A graça eu sempre digo sendo católico ou de qualquer outra religião eu sempre digo que tenho muita fé, (...) Na minha concepção a graça é a fé, eu entrego, peço, entrego, se for para minha felicidade, para felicidade da minha família que eu consiga essa graça”. A graça aqui é sinônimo de fé, de entrega, a graça só é concedida, se for solicitada, se houver agradecimento, são colocações confusas a mais das vezes ambíguas.

Na UNISIG IV A4, a entrevistada coloca que “A graça dada, porque uns teriam e outros não, porque uns recebem e outros não, fé é algo de responsabilidade minha, obrigação, sou católica, obrigação de ter fé, é um contrato de adesão, fé é uma graça e que agente deve pedir fé”. Aqui os sinônimos se expandem, graça passar a ser um contrato de adesão.

Na UNISIG IV A8, vamos encontrar outra colocação sem aprofundamento “A graça sai de Deus, Ele deu a vida” o que se é percebido é que as frases são feitas e sem demonstração clara de que existe uma compreensão exata do que seja graça.

Segue mais um depoimento da UNISIG IV A9: “Não entendo muito a graça, falamos muito sobre, mas não entendemos, não sabemos como recebemos a graça, às vezes é um pouco confuso (...) Sei que Deus olha por nós, mas a igreja não fala muito na graça”; neste depoimento, o entrevistado é direto e diz claramente que não entende a graça. Já na UNISIG IV A10, temos a seguinte colocação sobre a graça: “A graça é dada por Deus, mas não entendo bem a graça”.

Na dimensão fenomenológica UNISIG – IV- B, vamos trabalhar questões relacionadas à barganha, ou seja às promessas, aos compromissos assumidos por fiéis em troca de algo, como nos fala Yancey (2007) ao firmar que, quando as pessoas procuram graça em suas denominações religiosas, encontram a não graça. Acrescenta ele que, “na verdade, uma pressão virulenta de falta de graça aparece em todas as religiões” (YANCEY, 2007, p. 36).

De acordo com Swindoll (2009), para entender o significado da graça (temos que voltar a um velho termo hebraico que significava “curvar-se, dobrar-se”, que com o tempo, passou a incorporar a ideia de “favor condescendente”). Este autor diz que “mostrar a graça é estender favor ou bondade a alguém que não a merece e que nunca poderá fazer nada para ganhá-la” (SWINDOLL, 2009, p. 23). Ele ainda nos fala que a graça não é recebida por merecimento, atitudes, atos ou palavras, mas misericórdia divina. A graça é absolutamente gratuita. A graça que se recebe não é uma condição, por isso, não se faz necessário se pagar a Deus por alguma coisa recebida.

Na citação acima, vemos que não é necessário que haja esforço ou aceitação divina através das obras realizadas. A graça não funciona dessa forma, mas os fiéis demonstram, através de suas falas, que ainda têm a graça como algo que se pode negociar com Deus, faça isto que lhe dou em troca algo, seja um esforço, um sacrifício, uma doação, até se arrepender faz parte deste “pacote”.

O conceito de graça em uma perspectiva cristã, católica vem passando por mudanças; as transformações culturais e as transformações cristãs ligadas a lugar são visíveis. Essas mudanças ocorrem por diversos fatores, onde podemos considerar a dimensão

socioeconômica do poder exercido pelos elaboradores da Teologia. Em sua teoria, Boff (1976) nos conduz a um caminho importantíssimo a cerca da graça para entendermos todo esse processo ao longo da história. Ele mostra que no AT a fala sobre a graça surge em termos históricos, a exemplo do caso da libertação do Egito, o fato da criação e dos bens da criação e da eleição de Israel. Já no NT, a graça é um comportamento que salva, é uma bondade e simpatia de Deus que se fez pessoalmente bondade e benignidade em Jesus Cristo. No NT, a graça foi e é Jesus Cristo, como presente de Deus.

A teologia escolar criou todo um sistema sobre a graça, e a reunião dos ensinamentos sobre a graça está no aspecto doutrinário. A Teologia administra um pensar já organizado, estruturado e aprovado oficialmente. Com isso, a Teologia deixa de fundamentar o pensar e a experiência de fé perante os seus fiéis. Boff (op. cit.) diz que a grande questão não está em falar sobre a graça e sim deixar que ela fale, se mostre, fazendo com que a comunidade de fé entenda o poder da graça. Ele diz que o cristão experimenta a graça sem saber que aquilo é graça, e acrescenta ainda que a teologia precisa conscientizar o homem da graça, fazer com que as pessoas a entendam. Porém, ao contrário disto, a teologia monopoliza, fazendo com que as pessoas acreditem na salvação através da igreja, fazendo com que a graça funcione de acordo com os moldes doutrinários passados pela essa, reduzindo a graça nas dimensões do homem. Assim vamos atingir um nível alto de analfabetos funcionais em torno da graça.

Na UNISIG IV B1, temos o seguinte depoimento: “(...) Acho que a graça é você fazer o bem sem olhar a quem, agente faz aquilo de bom”; nesta frase, a entrevistada mostra incerteza na sua fala quando a inicia usando o verbo *achar*, demonstrando dúvidas sobre aquilo que fala. Na UNISIG IV B3, temos a seguinte colocação:

A graça eu sempre digo sendo católico ou de qualquer outra religião eu sempre digo que tenho muita fé, (...) pago essa promessa, tenho muito disso, recentemente fiz exames, deu tudo certo então eu fui a missa para agradecer, agradeço, comungo, então isso, eu tenho isso como parte da minha vida. Agradecer também, eu sou muito de agradecer. Na minha concepção a graça é a fé. eu entrego, peço, entrego, se for para minha felicidade, para felicidade da minha família que eu consiga essa graça.

Há um conceito já arraigado na maioria das pessoas de que graça é somente algo que recebe. Daí a expressão “graça alcançada”. Muitos há que oram para “receber a graça” da saúde ou de emprego. Neste depoimento, a depoente não foge à regra, narra que quando consegue algo de bom para si ou para família ela vai à igreja agradecer, ela paga as promessas que faz para conseguir alguma coisa em troca e depois agradece se consegue, a barganha aqui

é bem visível. Em muitos momentos dos diversos depoimentos, fica confuso avaliar se para os cristãos católicos, os então entrevistados têm a graça como algo que se recebe ou que se doa. Temos ainda de forma explícita, o depoimento da UNISIG IV B9:

Não entendo muito a graça, falamos muito sobre, mas não entendemos, não sabemos como recebemos a graça, as vezes é um pouco confuso, meus pais me ensinaram que para receber alguma coisa tínhamos que fazer promessas, é dando que se recebe. Sei que Deus olha por nós, mas a igreja não fala muito na graça.

A depoente aqui narra a sua dificuldade de entender a graça, do quanto lhe é confuso para entender a graça e da questão da promessa para se receber alguma coisa. Fica a questão, quem crê na Graça faz barganhas com Deus? Essa comercialização com o sagrado parece algo ainda presente entre os fiéis da igreja católica; a barganha é presente através das promessas.

Na categoria VI, Padre, representação de Deus na Igreja, iremos trabalhar questões inerentes à fé do fiel, à postura do padre e às mensagens recebidas por esses fiéis na Igreja Católica.

CATEGORIA V: PADRE, REPRESENTAÇÃO DE DEUS NA IGREJA	
DIMENSÕES FENOMENOLÓGICAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS (UNISIG)
A) Fé Cega	A1; A2; A4; A5; A6; A7; A8; A10
B) O padre como figura máxima	B1; B2; B6; B7; B9; B10

Quadro 5: Categoria V: Padre, representação de Deus na igreja.

Na dimensão fenomenológica V, vamos encontrar duas dimensões a (A) Fé cega, (B) O Padre como figura máxima; nestas dimensões, temos oportunidade de visualizar e analisar a narrativa dos entrevistados de forma que percebemos que para os católicos os Padres são os sucessores dos Apóstolos, e eles acreditam que Jesus deu toda autoridade aos seus discípulos para expulsar demônios, curar enfermos, ressuscitar os mortos, perdoar os pecados, e essa autoridade foi passando aos sucessores dos Apóstolos.

Apesar de na Bíblia não encontrarmos nada que indique que os padres são representações dele na terra, muito menos que tem que se confessar para homens. Essa

mediação instalou-se diante da necessidade de ambas as partes, uma a dos fiéis e a outra dos próprios representantes das igrejas, para que assim eles tivessem um maior controle sobre os diversos adeptos. Em João (2.1) diz: Se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.

Na UNISIG VA, Fé Cega A1, temos o seguinte depoimento: “olhamos sempre para gente, não damos uma palavra de Deus para as pessoas. (...) o jejum, a confissão. sim, ao padre.” A falta de entendimento no que se faz, por ser uma norma, regra da igreja, é presente neste discurso. Temos ainda, na UNISIG V A2, a fala da entrevistada trazendo o seguinte contexto: “com passar do tempo, o mundo mudou, hoje em dia, o padre fala que é diferente”. Nesta passagem, percebemos o peso da fala do padre; a entrevistada das questões mundanas e da narração dos padres de acordo com o tempo. Já na UNISIG V A4, temos a seguinte declaração:

Dentro de uma missa, as pessoas vão então fazer a sua própria interpretação, alguns vão acreditar e levar ao pé da letra, outras não vão fazer suas próprias avaliações. As religiões no passado foram fundamentadas mais no medo, o temor a Deus. As igrejas cristãs tiveram essa dificuldade e talvez tenha sido uma fuga, para ter um controle sobre a situação ou uma pessoa.

Nesta declaração a depoente nos traz de forma bastante clara que as pessoas que vão a igreja fazem suas próprias avaliações, outros seguem ao pé da letra o que é colocado e ressalta o fato de a igreja se utilizar do fato dos fiéis não buscarem uma fé raciocinada, pois crer e duvidar são práticas antagônicas. NA UNISIG V A5, temos a seguinte questão:

O tempo todo era aquilo que ela passava para mim. na igreja, fui preparada para fazer eucaristia, minha mãe vivia dentro da igreja ela vinha me preparando desde cedo, fiz a minha eucaristia com sete anos todo domingo ia para missa e nunca faltava a missa, conhecimento profundo de ler, de estudar, pesquisa não existia, a igreja é passava pra gente, essa obediência era passado pela igreja católica. Alguns princípios mudaram, mudou muito coisa na nossa igreja, cada padre que veio, o papa João Paulo II, houve muita reforma, mais abertura, já podemos ler a Bíblia, antes não podíamos fazer isso, eles é que ditavam tudo, hoje tem mais liberdade de ir lá, de perguntar, fazer estudo bíblico.

Aqui se é percebido a orientação religiosa recebida pela família e pela igreja católica, porém, as informações vinham de forma verbal, os fiéis não tinham acesso à leitura; as leituras, interpretações eram realizadas pelos sacerdotes e, anterior a isto, eram realizadas missas em latim e, ai é que não se entendia nada, ficando os adeptos a mercê das orientações e encaminhamentos dos padres.

Com estes relatos, percebemos o quanto que a igreja católica influencia de forma muito direta a vida das pessoas, elas não tinham acesso a informações, estudos, pesquisas e hoje, de forma acanhada, é que percebemos essa abertura, segundo os relatos.

Na UNISIG V A6, o relato segue da seguinte forma:

Os pastores se aproveitam dessa fragilidade das pessoas, para se promoverem na vida e aí tá o humano, porque o Cristo fica de lado. Se um tem uma missão a frente da igreja, essas pessoas é para dar exemplo, exemplo de humanidade, de amizade, são essas coisas que não aceito, os fiéis, não existe coisa mais bonita, que você chegar em uma igreja e ver as pessoas tendo aquela fé, a convicção de que aquela coisa que eles almejam vai acontecer e acontece, pela fé que move e me revolta de alguns se aproveitarem disso, dessa questão de fidelidade do povo.

A revolta se encontra bem explícita nessa fala quando a entrevistada coloca que aqueles que estão à frente da igreja tiram proveito da ignorância, dos momentos difíceis de alguns para se autopromoverem e, além disso, vemos o quanto que os fiéis se deixam levar pela opinião dos sacerdotes, o quanto que eles têm influência em suas vidas. Os fiéis confiam cegamente naquilo que é dito em nome de Deus.

Na UNISIG V A7, o relato da entrevistada tem o seguinte contexto: um depoimento forte, doloroso e cheio de revolta:

(...) história de comungar, de confessar todo mês com o padre, minha dizia que embora você não tenha pecado mais tinha que se confessar junto ao padre, a igreja era muito mais castradora, muito mais forte, mais severa, porque se agente não seguisse aquelas normas era como se fosse uma quebra de contrato, não podia ir de encontro ao que a igreja colocava e pregava. Hoje tenho essa visão, quando eu rezo o Pai Nosso, percebo que é uma oração que é carregada de..., na oração diz: “Perdoai os nossos pecados, assim como perdoamos aos nossos devedores”, que devedores são esses, em toda vida eu estou devendo a alguém, passa essa idéia muito forte, escuto as homilias, as leituras que faço dos textos bíblicos, tudo é seletivo, mais agente percebe, assisto a missa e faço seleção do que quero, do que acho certo, do que quero escutar é tradicional, mas tem tido algumas aberturas, agente ver que alguns padres que tem mudado, tem tentado relacionar o evangelho de acordo com a vida das pessoas, o cotidiano, tem chegado mais próximo dos fiéis, mas ainda agente só chega até o altar, do altar para frente só padre mesmo.

Com base na psicanálise, vamos ver que Freud considerava a religião como uma tentativa frustrada de dominar o mundo dos sentidos, por meio de aspirações que se desenvolveram a partir de uma série de necessidades biológicas ou psicológicas, uma vez que a

religião da época era muito mais coercitiva que nos dias atuais. Para Freud, a religião é uma forma de defesa que a cultura oferece contra a neurose. A religião aparece como uma necessidade decisiva de proteção e apoio, uma vez que oferece uma autoridade da qual depender. Percebo isto através dos diversos relatos onde as pessoas têm uma necessidade de frequentar, de buscar nos padres ou, ainda através das orações, essa forma de se proteger, de ter essa proteção, até mesmo para frear suas pulsões libidinais de forma inconsciente.

Ao mesmo tempo, conscientemente percebem o quanto que a igreja, através daqueles que estão à frente delas, passa ensinamentos de forma castradora, repressora, “não pode isso, não pode aquilo, isso é pecado...”. De modo mais profundo, entendemos que a religião, na condição de neurose coletiva, supõe uma proteção contra a neurose individual. O discurso social proferido pelas religiões oferece apoio e tira o indivíduo do difícil conflito de ambivalência afetiva em face ao pai. A religião serve como pacificadora de conflitos entre pais e filhos, não permitindo que o sujeito entre em conflito. Neste sentido, percebo que a teoria freudiana guarda um sentido positivo da religião, apesar de Freud a considerar como uma neurose, mas também como uma necessária neurose do crescimento.

Na UNISIG V A8, o relato da depoente segue de forma muito semelhantes aos demais, colocações que carregam um mister de aprendizado através de uma educação castradora, onde a pessoa se sentia de forma desconfortável diante do erro, diante das falhas, ambivalência que se fazia presente dentro dos seu interior, do erro, do acerto, a busca da perfeição, o alívio quando se percebe que a igreja e os padres não são perfeitos.

Correções que eu recebi na igreja, a questão de falar baixo, de perdoar ao irmão, eu não aprendi somente em casa, mas também na igreja. Se agente percebia que muitas vezes ia de encontro, não apenas aquilo que os ensinamentos nos fala, que a lei da igreja nos diz, é claro que agente se sente mal, eu me sentia mal, então eu procurava a confissão com muita sinceridade, muita vontade de mudar, as vezes eu conseguia outras não, a primeira vez que eu vi o padre zangado, nossa senhora!, eu fiquei muito impressionado, por conta daquela visão, idéia que agente imaginava, agente pensa ele não pode ficar bravo, eu posso, depois agente percebe e diz: olha ele é humano, parece com minha mãe, mas nada disso me afastou da igreja, comecei a pensar, poxa, essa igreja é humana, igreja que diz que também tem pecados, não é uma igreja que não se conforma com o pecado mais que o admite, ela tem falhas e percebe isto, não existe santidade da noite para o dia, ela é um processo constante (UNISIG V A8).

Tournier (1985) coloca que a localização do mal é o grande problema, uma vez que o mal penetra até no bem. A ambivalência desses sentimentos de bem e de mal é que nos faz

viver em conflito com nós mesmos, e Tournier (1985) exemplifica lembrando os nossos esforços para obedecer a Deus indo de encontro aos nossos próprios desejos.

Desejamos despertar naqueles que convivem conosco uma admiração, ao mesmo tempo em que tememos perder o amor de Deus, ou ainda, ser julgados por outro. Tournier (1985) mostra que tais sentimentos ou desejos são totalmente infantis. De acordo com ele, as descobertas que o indivíduo faz sobre si mesmo no processo psicanalítico e do seu encontro com Deus, por vezes, podem ser assombrosas; o que sobra de autêntico na nossa vida é o que vem de Deus e não de nós mesmos;

Na UNISG V A10, temos o seguinte depoimento: “a igreja colaborou muito com isso, creio que ela se aproveitava da fragilidade da ignorância das pessoas e para obter aquilo que ela desejava, o a fé cega de muita gente, sem entender, sem compreender nada do próprio evangelho, dos ensinamentos do Cristo”. Neste depoimento, deparamo-nos novamente com a fé cega, sem entender nem compreender, porém, seguindo fielmente as normas e regras da igreja e dos padres em detrimento ao Evangelho de Jesus, cartilha máxima para os cristãos. Aqui o depoente fala também claramente do reforço da igreja no que diz respeito à orientação dispensada aos fiéis.

Como foi colocado no desenvolvimento teórico desta dissertação, o cristianismo surge dentro de um contexto histórico onde o mundo encontrava-se espiritualmente desiludido e havia um interesse por uma mudança de realidade, as pessoas tinham interesse de ser valorizadas, aqui na terra como em mundo extraterreno, um mundo que não fosse opressor; havia um desejo de um mundo onde pudessem vivenciar a paz e a tranquilidade. Com o passar do tempo, surge a necessidade do cristianismo organizar-se a fim de administrar melhor os assuntos eclesiásticos. É aí que surge a Igreja com o propósito de traçar um modelo de comportamento social que reflita a cidade celestial, conduzindo, portanto, a vida das pessoas, como afirma Santo Agostinho.

Apesar dessa estrutura em busca de um modelo, o cristianismo, através da igreja católica, não obteve êxito e o modelo já existente se estendeu ao longo dos séculos de forma dura e cruel; as pessoas foram sendo oprimidas nos processos mais básicos que tem o ser humano como o de pensar; a cultura falou mais alto e o desejo de permanecer no poder falou mais alto, como lemos nos diversos depoimentos: o “humano falou mais alto”.

Na UNISIG V, O Padre como figura máxima, deteremo-nos em analisar fenomenologicamente as categorias que seguem. Na UNISIG V B1, temos o seguinte relato: “(...) olhamos sempre para gente, não dá uma palavra de Deus para as pessoas. sim, o jejum, a confissão. sim, ao padre (...)”. O posicionamento deste depoente nos fala da falta que sente da

palavra de Deus e da submissão ao padre. A este posicionamento segue o da UNISIG V B2: “(...) com passar do tempo, o mundo mudou, hoje em dia, o padre fala que é diferente (...)”. Aqui percebemos que o fiel também segue e tem o padre com uma figura que serve de parâmetro para aqueles que seguem a religião, ele (o padre) é a expressão máxima da instituição na qual está inserido, e os adeptos acreditam no que lhes é transmitido, a mais das vezes, de forma literal, é evidente que há exceções.

Na UNISIG V B6, o discurso é mais intenso, vejamos:

Os pastores se aproveitam dessa fragilidade das pessoas, para se promoverem na vida e ai ta o humano, porque o cristo fica de lado. Se um tem uma missão a frente da igreja, essas pessoas é para dar exemplo, exemplo de humanidade, de amizade, são essas coisas que não aceito, os fiéis, não existe coisa mais bonita, que você chegar em uma igreja e ver as pessoas tendo aquela fé, a convicção de que aquela coisa que eles almejam vai acontecer e acontece, pela fé que move e me revolta de alguns se aproveitarem disso, dessa questão de fidelidade do povo.

A depoente coloca que, na igreja, o humano prevalece, que fiéis são presas fáceis nas mãos daqueles que estão à frente, que estão ali para conduzir, encaminhar os fieis de acordo com o Evangelho; mas ao contrário disso, se utilizam desse espaço para se promover, e ai entra o pessoal que vai de encontro aos ensinamentos reais do cristianismo.

Na UNISIG V B7, a depoente tem várias preocupações, podemos ver na exposição que segue logo abaixo:

(...) história de comungar, de confessar todo mês com o padre, minha mãe dizia que embora você não tenha pecado mais tinha que se confessar junto ao padre, a igreja era muito mais castradora, muito mais forte, mais severa, porque se agente não seguisse aquelas normas era como se fosse uma quebra de contrato, não podia ir de encontro ao que a igreja colocava e pregava.(...) alguns padres que tem mudado, tem tentado relacionar o evangelho de acordo com a vida das pessoas, o cotidiano, tem chegado mais próximo dos fiéis, mas ainda agente só chega até o altar, do altar para frente só padre mesmo.

As expectativas depositadas sobre a figura do padre são as mais diversas, como narra a entrevistada da UNISIG V B7: comungar, confessar aos pés do padre, independente de se considerar pecadora ou de ter feito alguma coisa considerada errada perante as leis dos humanos, a expositora fala com sofreguidão da castração. O termo castração na língua do povo é conhecido por capar, ou seja, retirar os órgãos essenciais para reprodução, contudo,

após o advento da psicanálise, o termo castração foi simplificado e passou a ser “sinônimo” de reprimir, onde o entendimento é o de: vexar, oprimir, não deixar manifestar, punir, proibir.

Entendo que a depoente coloca a frase “a igreja era muito mais castradora” no sentido acima citado, apesar de entendermos que, apesar do termo na psicanálise não corresponder à acepção habitual que encontramos nos dicionários comuns, ela fala que, para que se possa desejar é necessário que haja falta, assim, poder-se-á afirmar que só há desejo se houver castração. E desejo é algo que permeia a fala dos depoentes de maneira consciente ou mesmo inconsciente. A falta de poder de decisão, de tomada de escolhas é algo que impera na narração dos entrevistados.

A psicanálise entende por castração uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade. Esse processo é decisivo para a realização da sua futura identidade sexual, porém, o complexo de castração não se reduz a um simples momento cronológico na sexualidade infantil. Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, essa experiência ocorre de forma inconsciente, são fases que se renovam ao longo de toda existência e corre de forma particular no processo analítico do paciente adulto. O complexo de castração compõe, juntamente com o complexo de Édipo, a base onde a estrutura dos desejos que funda e institui o sujeito na sua relação com o mundo, opera a sua subjetividade.

Assim, para que a pessoa reconheça que os limites do corpo estão aquém dos seus desejos é necessário admitir a quebra de um certo sentimento de onipotência que o eu insiste em sustentar, na nossa relação imaginária com o outro. O sujeito desejante, na sua origem, através da ameaça da castração para o menino e da inveja do pênis para a menina é fincar os pés na existência tendo-a marcada pelo trauma que recalca o desejo incestuoso do objeto para sempre perdido. O complexo de castração atua nas escolhas objetais até o fim da nossa existência. É através das fantasias inconscientes de castração que o complexo encontra a sua principal via para estruturar o sujeito. É no terror da angústia inconsciente de castração que habita a gênese das manifestações neuróticas.

Sintomas diversos que surgem no plano consciente são mecanismos de defesa contra a emergência desta angústia que nos é incômoda. Para um entendimento mais fundamentado, lembramos aqui Freud, onde ele fala de uma criança que, ao observar a mãe nua, ao invés de ver ali os órgãos sexuais da mulher, ele vê a falta, então a mãe é vista como castrada, o sexo é diferenciado na percepção infantil como presença ou ausência do pênis, o sexo feminino é interpretado como castrado. Neste ponto, Freud fala do complexo de Édipo como terceiro termo, ele denomina esse termo de função paterna, que está ligada intimamente à lei.

Então, perceber a mãe como castrada significa reconhecer a castração do outro, a mãe é vista como um ser limitado; é aí que o filho renuncia a mãe por medo de perder o seu pênis, o que implicaria em uma perda da integridade narcísica. Com a menina, o reconhecimento de que a mãe não tem pênis, ou seja, é privada de *phalo*, faz com que a menina entre no Édipo e se volte para o pai.

A participante UNISIG V B 9 traz a seguinte questão:

Por pura ignorância, eles aceitavam tudo de forma muito fiel o que a igreja passava, tinham essa visão. Eles eram muito religiosos. Na igreja era tudo proibido, ninguém podia fazer nada, o padre era santo, um homem acima de qualquer suspeita. Não podia ir de encontro ao que a igreja colocava e pregava, casei, separei ainda em época que a igreja não aceitava a separação, o divórcio e isso fica impregnado na sociedade como um todo, é um ranço da igreja que fica nas pessoas. Hoje entendo que as pessoas que não aceitam muitas coisas, então a igreja tenta se adaptar a essa nova realidade (...).

Neste depoimento, percebemos a fidelidade dos fiéis em relação ao padre, de fazer tudo que ele ensinava, apesar da ambiguidade aqui existente, ou seja, ao mesmo tempo em que se fala em aceitação, se fala em proibição. Entendo que o proibido vai de encontro aos desejos reais. As pessoas esperavam que o padre fosse de uma conduta exemplar, apesar de ao longo do tempo esta imagem cair por terra, os adeptos passaram a ampliar a percepção acerca da igreja e dos que a conduzem.

Na UNISIG V B10, o depoente afirma que “a igreja (...) creio que ela se aproveitava da fragilidade da ignorância das pessoas e para obter aquilo que ela desejava, o a fé cega de muita gente, sem entender, sem compreender nada do próprio evangelho, dos ensinamentos do Cristo.” O relato aqui exposto é colocado com revolta pela vulnerabilidade dos adeptos frente aos padres, a falta do entendimento por parte dos participantes da igreja católica do próprio Evangelho, dos ensinamentos que o Cristo deixou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero importante, ao fim desta investigação, compartilhar alguns pontos examinados em torno da pesquisa como um todo. As questões aqui apresentadas serão de acordo com o desenvolvimento do trabalho.

O tema proposto foi *Culpa e Graça na perspectiva da Igreja Católica: um Estudo Fenomenológico*; através de uma análise hermenêutica existencial-fenomenológica, levantando-se pontos relevantes sobre a questão da culpa e graça tratada pela Igreja Católica e como esse processo chega aos seus fiéis e quais as consequências no âmago de cada um.

Viver estas dimensões: A Culpa como uma questão Social, Educação Repressora, O Padre como representante de Deus na Igreja, Graça sem Graça, Culpa Minha Máxima Culpa E Imagem de Deus, entendê-las em seus diversos aspectos, as questões que envolvem e permeiam a o consciente e inconsciente dos adeptos da igreja católica. Isto significa que a construção desta pesquisa e as reflexões que a acompanharam, não ocorreram de forma isolada; passaram elas por uma trajetória em que as experiências vivenciadas com os que de forma direta ou indiretamente compartilharam a reviver minha prática enquanto filha de adeptos do catolicismo, com certeza, o resultado desta pesquisa me levou a reflexões e a um crescimento pessoal como também o profissional, já que foi na clínica psicológica que me deparei com muitos relatos que me despertou para um desejo maior de pesquisar o tema em questão.

Desenvolvi este estudo apoiando-me nos critérios de pesquisa científico-qualitativa, reconhecendo, portanto, que as conclusões podem ser perfeitamente compreendidas por outros pesquisadores de forma diferenciada, pois o fenômeno investigado numa perspectiva fenomenológica não pode ser esgotável. Com relação às categorias trabalhadas, somaram-se cinco, que são: 1. Educação religiosa, 2. Educação Repressora; 3. Culpa , minha máxima culpa; 4. Graça sem graça; 5. Padre, representação de Deus na igreja.

A primeira emergiu da importância de se trabalhar a influência do catolicismo na educação, não apenas dos adeptos da igreja católica, mas, sobretudo, daqueles que não faziam parte da religião, um traço marcante da sociedade na época imperial e que se estendeu ao longo do tempo. Essa obrigatoriedade de todos os estabelecimentos educacionais terem um cunho religioso ligado à igreja católica e às famílias era seguida sem protesto; sendo assim, os ensinamentos da igreja católica passaram a ser um código de ética e da moral, mesmo para aqueles que não pertenciam à religião, a educação imposta era seguida cegamente. O modelo

aplicado na educação era basicamente único, obediência total, sem questionamentos, sem uma leitura, sem estudo que aprofundasse as questões inerentes à própria religião.

O imaginário dos entrevistados perpassa revolta; mostra o quanto é intenso seus conflitos; a submissão é algo inerente aos entrevistados. O molde esperado pela igreja é visto de forma simples na fala dos depoentes, o comportamento social direcionado. O sentimento de religiosidade é confundido com o de religioso, obedecendo ainda a um modelo imposto; apesar das novas aberturas, da teoria da libertação, esse sentimento ainda é bastante forte entre os fiéis da igreja católica. Aqui ocorre um fato interessante que é o da fidelidade aos pais, à igreja, à religião em si; há um orgulho em se dizer que é católico, é quase que uma obrigação, mesmo que não seja praticante.

O modelo de religiosidade é rígido, o “contrato” dos adeptos já era realizado pelos próprios pais, você tinha que ir à missa mesmo que não entendesse o que ali era dito. A educação era uma mistura de boas maneiras com educação religiosa. A obediência de tais regras e normas, sem que a pessoa pudesse argumentar abalava a fé dos fiéis, assim os conflitos eram instalados automaticamente tanto de forma consciente, como inconsciente. Os sentimentos contêm uma multiplicidade, são ambíguos estes influenciaram e influenciam de forma determinante na vida interna e externa destas pessoas. A formação religiosa católica dispensada por pais e padres teve influência pontual na vida destas pessoas.

A segunda categoria exposta, “educação repressora” constitui-se numa verdadeira constatação de que a desobediência é um ponto intimamente ligado ao pecado, infligir os ensinamentos recebidos por pais e padres através da igreja católica é um ponto factual para que a culpa se instalasse imediatamente, pois o desejo, a vontade se sobrepunha à infração, aos preceitos ensinados. Em todas as entrevistas, quando se fala em pecado, eles se remetem a terceiros, afirmando que eles não são os únicos pecadores, que outras pessoas cometem erros. Este fato nos remete a Santo Agostinho quando ele dos erros humanos, afirmando que o pecado é uma herança do pecado original, ao mesmo tempo ele nos fala da possibilidade de se evitar o pecado quando se tem a perfeição, embora veja que, na humanidade, a imperfeição é viciada pelo pecado original.

Então, entendemos que o pecado é uma questão social, onde todos pecam, todos são desobedientes, vão de encontro aos ensinamentos não apenas do Evangelho, o qual muitos não tinham acesso, mas a todos os ensinamentos agregados, aos impostos pela educação castradora, sem conscientização, mas imposição. Uma demonstração de incômodo, de inquietação perante o pecado são os pensamentos, ou seja, pecar por pensamento, a falta de liberdade de pensar é colocada nesta dimensão fenomenológica.

Os conflitos parecem ser mais intensos, e isto ocorre porque se vai de encontro aos princípios morais absorvidos, porém, não internalizados. O fato é que a religião passa a não dar o suporte espiritual esperado, por se fazer tão impositiva, tão condenadora, incompreensiva, esperando dos fiéis não apenas uma fidelidade, mas acima de tudo, uma santidade, indo então de encontro ao que colocava Durkheim (1983), que a religião seria um mecanismo auxiliar para o fortalecimento do indivíduo frente à vida; esse fortalecimento colocado por Durkheim refere-se ao fato de a própria igreja não entender ou não acolher o pecador e sim o afastar mais ainda, instalando nele o sentimento de culpa, de erro e colocando de forma impositiva preceitos morais que, para aquele indivíduo, é difícil de absorver pelos menos em um determinado momento de sua vida.

De acordo com Tournier (1985), o fato dos cristãos considerar a Bíblia um livro sagrado, revestido de autoridade sagrada por impor um código moral, ou seja, um conjunto de proibições e prescrições deveria assegurar uma vida sem culpa, contudo, o que ocorre é o inverso. Tournier diz que a Bíblia não passa de uma utopia, pois os ensinamentos ali contidos são inalcançáveis e isso vai de encontro aos desejos e vontades dos fiéis, fazendo com que se instale em seu íntimo o desespero, a angústia. Sendo assim, percebemos uma constatação quando falamos que o pecado é uma questão social, onde todos desobedecem, vão de encontro aos valores morais recebidos através da igreja católica de forma distorcida do que contém na Bíblia e de forma distorcida, implantando o medo, o terror esperando assim uma obediência constante.

Desta forma, O Deus apresentado aos fiéis foi, e ainda é, embora com menos intensidade, um Deus duro, castrador, um Deus que não perdoa as mínimas infrações. Com o decorrer das entrevistas, percebi que a doutrina de Santo Agostinho foi decisiva naqueles que guardavam a fé religiosa. A maneira como receberam a doutrina do pecado original fez com os fiéis, tanto na sua fase infantil como adulta, se sentissem cada vez mais culpados e torturados psicologicamente por guardarem tais princípios. Os cristãos da época se sentiram oprimidos, a carga moral foi opressora.

Na terceira categoria, temos a “culpa, minha máxima culpa” é onde se constata que a culpa de fato é máxima, as pessoas não se veem sem ela. Os entrevistados demonstram um sentimento contraditório não apenas com relação à religião, mas consigo mesmo, levando-nos a perceber claramente o desajuste emocional instalado, as emoções dilaceram o ser, às vezes de forma consciente, por vezes as pessoas não entendem o porquê de tanta angústia, tornando as relações intra e interpessoais desajustadas e as punições impostas por si mesmas também

são presentes; as pessoas se boicotam, não se permitem sentir prazer, ser felizes, os atos chegam a ser obsessivos, corroborando com a tese freudiana.

O conceito de culpa perpassa toda a obra de Freud, sua teoria se baseia em uma concepção do psiquismo humano, onde o conflito recalcado, o complexo de Édipo são questões inconscientes, porém de fundamental importância. Para Freud, o ser humano não encontraria um equilíbrio emocional racional de suas pulsões através da religião; para ele, esse equilíbrio só ocorre quando há um ajustamento em todas as suas condições, trazendo mudança real. Para Freud, a religião foi uma tentativa de controlar as pessoas através de suas necessidades biológicas e psicológicas. Na época em que a teoria de Freud foi desenvolvida, a religião era muito mais controladora que nos dias atuais. Freud (1927) afirma que a religião desempenha uma série de funções sociais, como espantar os terrores da natureza; inculca a resignação; tenta trabalhar junto aos seres humanos a realidade dos destinos e especialmente da morte; promete compensações para as dores que a vida civilizada impõe, é para levar o saber, como também trabalhar as questões morais.

Para Freud, existe uma analogia entre religião e neurose e, mais particularmente, a neurose obsessiva. A neurose obsessiva funciona como uma caricatura da religião. A religião serviria de um mecanismo de defesa de uma cultura para neurose. Para Freud, a religião é uma necessidade decisiva de proteção e apoio, uma vez que o indivíduo necessita de autoridade da qual depender, a perda dessa dependência implica em um acentuamento da neurose. A religião minimiza o instinto pulsional que é inerente a todo ser humano e que carrega consigo uma quantidade considerável de energia libidinal, canalizando as energias sexuais. Murano (2003 *apud* FREUD, 1910) afirma que “os que vivem sob amparo das ilusões amorosas próprias da religião encontram nela, portanto, a mais firme proteção contra a neurose”.

A teoria nos leva a analisar que as neuroses coletivas supõem proteção contra a neurose individual. O discurso social proferido pelas religiões oferece apoio e tira o indivíduo do difícil conflito de ambivalência afetiva em face ao pai. A religião entra aí como apaziguadora entre as desarmonias entre pais e filhos. No desenvolvimento da dissertação, discorri sobre a dificuldade de Freud para justificar a existência da culpa nas pessoas. E assim como ele ficou perplexo com o crime inconsciente de Édipo, certamente não fugiu a regra diante do mito de Adão e Eva; com isto o pai da psicanálise cria o mito do assassinato consciente do pai da horda primitiva para ter um motivo concreto e palpável para a culpa.

O ideal de universalidade imposto pelo outro torna um impasse na intencionalidade do sujeito, como se amoldar aos interesses alheios, mesmo que esse outro seja uma instituição

religiosa, essa adaptação seria justamente o articulador do sentimento de culpa, uma vez que o sentimento de culpa se encontra no desejo; e desejo é uma promessa de prazer, o ser humano na sua atuação mais primitiva não se negava ao prazer, porque ele não conhecia o bem e o mal, ele não fantasiava, simplesmente atuava, permitindo-se a satisfazer suas pulsões instintivas.

De acordo com a teoria psicanalítica, para sentir a presença de Deus, faz-se necessário confessar os pecados, a desobediência, a culpa, para que assim possa haver uma comunicação entre o criador e a criatura. A confissão dos pecados seria então um “movimento compulsivo” como sugere Murano (2003).

Na categoria IV, “graça sem graça” encontramos dois pontos de convergência, o primeiro que fala da falta de compreensão da graça e a segunda que fala da barganha da graça. Estas dimensões fenomenológicas nos mostram com bastante propriedade a percepção dos fiéis da igreja católica em relação à graça. Quando resolvi intitular esta categoria de: “graça sem graça” não foi por acaso, sentimos, desde o início na busca de bibliografia que falasse sobre a graça, e percebemos que era escassa, a literatura é limitada, principalmente no que se refere à igreja católica. A graça é um tema que é falado de forma superficial entre os fiéis, quando se faz algum questionamento, eles não sabem como responder, tem dificuldade em abordar o assunto, alguns se acham merecedores, outros não. A graça, em alguns momentos, é fé, é entrega, é reivindicar algo, é troca, são colocações confusas a mais das vezes ambíguas. Alguns entrevistados falam literalmente que não entendem a graça. A barganha ainda é algo presente entre os fiéis da igreja católica, eles prometem algo em troca de algo. Yancey (2007) afirma que, quando as pessoas buscam a graça, independente de qual seja a religião, elas encontram a “não graça”, ele é categórico quando fala que as denominações religiosas de um modo geral não trabalham de forma adequada a graça.

A graça é confundida, a ideia está de acordo com o que é colocado por Swindoll (2009), que foi incorporado ao seu sentido de “favor condescendente”; ele acrescenta que não existe uma precondição para se receber a graça, ela vem de forma gratuita.

Segundo o discurso dos entrevistados, vem ocorrendo mudanças, mesmo que sutil com relação à graça nas liturgias católicas, nas homilias, mas ela ainda surge de forma acanhada nas missas. No AT, surge em fatos históricos, enquanto que no NT, a graça é um comportamento que salva, é simpatia de Deus. Boff (1976) afirma que o grande problema não é falar sobre a graça, mas deixar que ela fale ao fiel, se mostre, fazendo com que a comunidade de fé entenda o poder da graça. De acordo com este autor, as pessoas experimentam a graça sem saber que aquilo é graça; ele ainda afirma que a doutrina católica

monopoliza ao invés de esclarecer seus adeptos, mas isso tem uma razão que é a de manipular os fiéis para que eles acreditem na salvação através da igreja; os modelos doutrinários ocorrem nos moldes doutrinários passados pela igreja, reduzindo a graça às dimensões do homem. Há um conceito já arraigado na maioria das pessoas de que graça é somente algo que recebe. Daí a expressão “graça alcançada”. Muitos há que oram para “receber a graça” da saúde ou de emprego.

Em minhas observações, percebi que algo surpreendente acontece aos fiéis entrevistados; fica bem claro que eles auto se libertaram, não existe de forma contundente uma escravidão, uma obsessiva preocupação com o certo e errado, ocorre uma mudança na vida do sentimento religioso; parece-me que esse é um encontro com a graça, mesmo que de forma acanhada.

Na categoria V, “Padre, representação de Deus na igreja”, trabalhamos duas dimensões fenomenológicas, a primeira Fé cega; e a segunda, O padre como figura máxima. A fé aparece nas diversas narrações aqui obtidas, porém, ela nos aparenta caduca, molestada, pois nos parece cega na exposição dos entrevistados. O supranaturalismo prevalece, fugindo a mais das vezes a razão. A fé revelada nas falas parece ser desprovida de compreensão da própria atuação de Deus, fugindo assim ao bom-senso. Ao mesmo tempo em que se fala em fé, vai-se descortinando uma nova paisagem, e a fé é obscura, sem esperança, a fé é feita de palavras sem base e sem entendimento em torno dela.

Nas mãos de teólogos (padres) e sábios (filósofos e cientistas) a fé e a razão foram temas que pareciam espadas nas mãos dos que tinham interesses a defender, para alimentar a credulidade e a razão cética motivada pelos filósofos e cientistas alimentando a incredulidade. Na contemporaneidade, a discussão entre ciência e religião ocorre de forma sutil, a polêmica não é tão forte como outrora.

Há um ditado popular que diz: “Que o pior cego é aquele que não quer ver”, partindo deste ponto, entendo que nem tudo que vemos, enxergamos, percebemos, conforme a metáfora aqui utilizada no ditado popular, mas afinal de contas o que vem a ser a fé cega? – Falei aqui das pessoas que não veem nada além de suas opiniões; neste caso, a pessoa fica cega pelo que pensa e crê, essa postura, via de regra, está ligada às pessoas de pouco conhecimento, sem experiências e sem a calma da convicção pela vivência. A fé cega tem levado, tanto no passado como no presente, civilizações a agressões e guerras em nome da própria certeza contra a certeza do outro.

Nas declarações da dimensão fenomenológica “fé cega”, deparamo-nos com relatos, onde o depoente diz seguir literalmente o que é colocado pelos padres.

A fala sobre a fé aqui expostas me parece carente de base, pois não há compreensão em torno dos assuntos religiosos, a base gira em torno do ver, que seria a fé de São Tomé “ver para crer”; baseada naquela premissa de dar para obter, mas essa fé não me parece suficientemente forte para converter, fazer mudanças e transformações, pois entendo que a fé sólida é alicerçada nas bases seguras da compreensão e aceitação.

No quadro V, “Padre, representação de Deus na igreja”, damos seguimento às considerações finais desta categoria no item dois, que trata do padre como figura máxima. Neste grupo, é perceptível a submissão dos fiéis entrevistados aos padres; para eles, uma orientação ou uma ordem do padre é algo indiscutível, que não pode ser contrariado, seria ir de encontro a Deus, pois seriam eles os representantes de Deus aqui na terra. A autoridade que Jesus passou aos seus discípulos foi passando aos sucessores dos Apóstolos, isto ocorreu diante das necessidades pessoais, para que fossem mantidos sobre controle os que da igreja se aproximavam.

Verificamos, nesta classe, alguns posicionamentos que são importantes ressaltar, mostrando a submissão do fiel ao padre e da fidelidade do fiel para com o padre e este estando a frente, conduzindo e orientando, não deixa de ser uma figura modelo; contudo, muitos se queixam das atitudes desses sacerdotes e o descontentamento se deve, segundo os depoimentos, aos pastores se utilizarem, da ignorância para se prevalecerem, se sobressaírem de forma pessoal, atendendo a seus propósitos e não às orientações primárias do Evangelho, tirando as suas exceções, os “condutores de rebanhos” que atuam em causa própria.

Um dos sentimentos que caracteriza o ser psicologicamente maduro é a graça ou de gratidão, quando ocorre desenvolvimento emocional o indivíduo se liberta de si mesmo, alcançada através da razão.

A graça, em determinados momentos, apresenta-se às pessoas como uma forma de retribuição, de barganha pelos favores ou bens recebidos. Essa començão estabelecida ao longo dos séculos apresenta-se como um efeito mercadológico de oferta e de procura ou vice-versa. O sentimento real. O recebimento da graça é algo que transcende as ações retributivas, é algo de profundo e significativo. Segundo Franco (2011), por ser a gratidão tão grandiosa, tem um caráter psicoterapêutico. Fica claro que aquelas pessoas que realmente entendem, compreendem a graça e são verdadeiramente gratos gozam de saúde física e psíquica, afirma o autor; ele coloca também que, ao contrário da graça, aqueles que são ingratos se envolvem em um desequilíbrio que tem como origem a culpa que o afeta de forma consciente ou mesmo inconscientemente. O self imaturo sofre o efeito do ego dominador e atribui-se méritos que não possui, dando lugar à soberba, ao orgulho, à prepotência, entre o indivíduo em um campo

de desculpismo, presunção, assumindo uma postura de orgulho e de um destaque pelo falso poder externo, para compensar os sentimentos conflituosos que carregam em seu íntimo.

O sentimento de ingratidão que está ligado diretamente à culpa faz com que o sujeito tenha uma postura agressivo-defensiva, onde descobre inimigos, ficando em vigília constante.

Os conteúdos psicológicos quando não trabalhados, renovados, tornam o indivíduo limitado, a percepção de vida é materialista e imediatista. Jung afirmou que a finalidade da vida não é a aquisição da felicidade, mas a busca de sentido, de significado. De acordo com a teoria junguiana, o prazer e o ter são efêmeros, cede a mais das vezes não tão venturoso, porque o sentido, o significado existencial caracteriza-se pela busca interna, é um sentido profundo. Franco (2011) afirma que “a gratidão é a assinatura de Deus colocada na sua obra”.

Apesar de muita coisa ter mudado no mundo das religiões, mas é verdade que o catolicismo imperava e as dificuldades eram imensas para os que não frequentavam as igrejas, as missas, as sacristias; embora percebo, como expõe uma das entrevistadas, que houve mudanças, “não tem como se negar mas muito da igreja só para os padres”. Pelo visto, o “ranço” do passado ainda vive entre aqueles que fazem parte da igreja católica.

Através da pesquisa realizada, percebo claramente que o sentimento de culpa é um fato incontestável entre os entrevistados, e essa culpa ocorre tanto no campo do consciente, como do inconsciente. Estes sentimentos trazem conflitos diversos para os adeptos da religião católica, em seu íntimo, há muitas mágoas, ressentimentos, recalques, o sentimento de repressão é um dado inquestionável nos diversos discursos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. 10. ed. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. Revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulus, 1984.
- AMOROSO L, Alceu. *Notas para a História do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Paulinas, 2001.
- AMORA, A. S. *Sermões: problemas sociais e políticos do Brasil*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- ARAÚJO, E. a arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. in: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- ATHAYDE, P. Artigo da revista carta capital texto: Deus me Livre, 2007.
- AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: um projeto autoritário*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BASCHET, J. Diabo. Trad.: José Carlos Estevão. In: LE GOFF, J.; SCHIMITT, J. C. (Org.). In: FRANCO JÚNIOR, H. (Coord.) *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. 1.
- BÍBLIA Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1995. 2.ed.
- BICUDO, V. A. M. *Fenomenologia, Confrontos e Avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BIERLEIN, J. F. *Mitos Paralelos*. Trad.: Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BOAVENTURA, Edivaldo. *A educação brasileira e o direito*. Belo Horizonte: Nova Alvorada, 1997.
- BOFF, L. *A Graça Libertadora no Mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CAMPBELL, J. *Tu és isso: transformando a metáfora Religiosa*. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Editora Madras, 2003.
- CARVALHO, S. A. *Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1987.
- CENSO 2000, IBGE. *População residente por cor ou raça e religião*.
- CERQUEIRA FILHO, A. *Saúde espiritual*. 4. ed. São Paulo: EBM, 2005.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1988.

_____. *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Lisboa: A regra do jogo, 1983.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ELIADE, M. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia Fenomenológica – Fundamentos, Método e Pesquisas*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2004.

FRANCO, D. *Psicologia da Gratidão*. Salvador: Leal, 2011.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREUD, S. *Totem tabu*. Rio de Janeiro. In: E. S. B., Rio de Janeiro: Imago, 1905. vol. VII.

FREUD, S. (1909). *Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva*. O homem dos ratos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. X. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1913[1912-13]). *Totem e Tabu: Alguns Pontos de Concordância entre a Vida Mental dos Selvagens e dos Neuróticos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1930[1929]). *O Mal-Estar na Civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GIORGI, A. *Psicologia como Ciência Humana*. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GIRARD, M. *Os símbolos da Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. São Paulo: Paulus, 2005.

GOMES, E. S. L. *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social*. João Pessoa: UFPB, 2009.

HEINRICH K. In: SPRENGER, J. *Malleus Maleficarium*. 6. ed. Tradução: Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos Ltda, 1991.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o Inconsciente coletivo*. 2. ed. Tradução Maria L. Appy e Dora M. R. Ferreira da Silva. Petrópolis-RJ: Vozes 2000.

LACAN, J. M. E. *O Seminário – Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINS, J.; BICUDO M. *Estudos sobre o existencialismo, Fenomenologia e Educação*. São Paulo: Moraes, 1983.

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORAES, R. *Fenomenologia: Uma Introdução*. Educação. Porto Alegre. Ano XVI, nº 24 1993

MORAES, R. *Educação em tempos Obscuros*. São Paulo: Cortez, 1991.

MURARO, Rose Marie. *O martelo das feiticeiras: breve introdução histórica*. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/textos/martelo.htm>>. Acesso em: 5 mar. 2009.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

HEINRICH K; SPRENGER, J. *Martelo das Feiticeiras. Malleus Maleficarium*. Ed. Rosa dos Tempos, 14ª edç. 1991

MAY, Rollo. *A procura do Mito*. São Paulo: Editora Manoele, 1993.

RANKE, U. *Eunucos pelo Reino de Deus*. 4ª tiragem. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos, 1999.

RIORE, M.D. *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 2002.

SWINDOLL. R. C. *O despertar da graça*. Trad.: Emirson Justino. São Paulo: MCMundo Cristão, 2009.

TEIXEIRA, M. C. S. *Os paradoxos sociais na pós-modernidade*. Cadernos de Educação, Cuiabá: EdUNIC, v. 2, n. 1, p. 15-35, 1998.

TORNIER, P. *Culpa e graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. Trad.: Ruth Silveira Eismann. São Paulo: ABU, 1985.

YANCEY, P. *Maravilhosa graça*. Trad.: Yolanda Krievin. São Paulo: Vida, 2007.

ANEXOS

1. SÍNTESES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

INICIAIS: MPR

IDADE: 31

PROFISSÃO AUTÔNOMA

RELIGIÃO: CATÓLICA

GRAU DE ESCOLARIDADE: SEGUNDO GRAU COMPLETO

Eu sou católica, mas não sou praticante a fé e a mesma. A índole tudo é ligado à religião qualquer uma delas. Eu ia para escola dominical, minha mãe levava para igreja, isso foi uma forma de passar a religião. Deus era para mim respeito, fé, Deus da tudo gratuitamente, correr atrás fazer nossa parte, recompensa abençoada. Meus pais são católicos sim, mas sou católica não por influencia e sim de boa vontade. Participar de uma religião é bom para formação espiritual, é bom para tudo. Meus pais deram apoio levaram sempre na igreja e agente foi crescendo e aprendendo. A Igreja agente vai, reza, ora. Escuta o padre falando, em casa é mais uma oração familiar, uma leitura da passagem da bíblia, enfim. Respeito à imagem, mas não só a imagem, também e sempre mostrando que sem a fé em deus, não somos nada, nem aqui e nem em outro lugar onde estivermos. Deus é infinito, Deus é tudo, Superior, é claro. Ele me dá o discernimento, coloco sempre Deus em primeiro lugar. Deus, Ele Tem, Como Falo, discernimento tem a palavra de sonhos, você tem que interpretar. Esse Poder sem Ele Não somos nada, por isso existe violência, não haveria nenhum tragédia, Deus é tudo. Todos nós pecamos, então, não digo matar, roubar, mas todos nós temos as nossas falhas, estamos sempre q ajustar, cada um, fico procurando o que errei, peço perdão e fico, como se fala? - fico corrigindo para não acontecer os mesmos erros novamente. Sempre, quando agente peca, pede sempre para não falhar novamente. Não sempre, não é. Pausa.... Deus é soberano, não é isso? - Deus vem assim, por isso existe tanta violência, se cada um tivesse a consciência, nesse mundo de violência que agente tá vivendo, não tava acontecendo tanta tragédia, então deus para mim, não tenho nenhuma explicação, deus para mim é tudo. Sim, nós somos falhos, então, digo matar, roubar, mais outros pecados, assim que são menores, como somos humanos, estamos sempre tendo que ajustar, eu mesma procurando ver no que errei e peço perdão a deus e como se fala? - me,me corrigindo para que não repita o erro. Quando agente peca, é, agente pede sempre o perdão e pede para não falhar novamente e é isso. Não sempre, mas agente comete falha. as grandes agente tenta não fazê-las, não é,não é da vontade da índole da pessoa . Sim, porque até aquele que não tem falha atire a primeira pedra, então, nós vamos sempre cometer erros, sempre estamos falhando, no menor que seja, mais é assim, temos que pedir é perdão a Deus. Em nossas vidas e tentar seguir o que Ele fala na palavra de Deus. Deus é soberano, ele, cada um que tenha consciência, se as pessoas tivesse consciência não haveria tanta tragédia. Atitude sua. Deus é soberano, sem Ele não somos nada, nas mínimas coisas ela diz que sente culpa, das nossas falhas, não fazer caridade, olhamos sempre para gente, não dá uma palavra de Deus para as pessoas. sim, o jejum, a confissão, enfim é isso. Sim, ao padre. é agente pensa que quando gente falhava recebe o castigo, então a forma de falar para o padre ou a questão que estou falando pra o padre é de confessar, é uma forma de aliviar mais a culpa, os pecados. Acho que a graça é você fazer o bem sem olhar a quem,

agente faz aquilo de bom e uma caridade, ou sempre faz algo de bom , você recebe algo de bom em troca. Não é material, mas espiritual, você fica mais leve, você quando não faz nada por interesse , quilo vai fazer bem ao ser humano , a sua espiritualidade. Culpa e graça, os dois caminham iguais, não é a graça é um pouco maior, tem que ter uma balança, graça é também espiritual. A graça.

INICIAIS: MFO

IDADE: 49

ESTADO CIVIL: CASADA

PROFISSÃO: DO LAR

Participo da religião católica há dez anos Para perseverar é difícil. Fui batizada, casei na igreja, mas não era praticante. Bem. Eu cresci em um sítio e lá só havia missa de tempos em tempos, pai nosso, creio em deus pai, salve rainha e era isso mesmo. Não tinha idéia nenhuma de Deus, lembro que ouvi missa em latim, o que passava era que: não faça que Deus castiga, era um abismo imenso entre agente e Deus. Acha que ele era o que, não era o todo poderosos de hoje, era “não!, mais... a idéia que agente tinha era uma pessoa que castigava, era um monstro, um bicho papão...com passar do tempo, o mundo mudou, hoje em dia, o padre fala que é diferente. Somos pecadores, não somos merecedores da graça, Deus na sua infinita bondade, que é grande, então culpa quando agente erra, agente tem que pagar pelo erro, agente acha que por ser pecador, acha que é incapaz de Deus perdoar, mas agente é que não se perdoa. Todos nós somos pecadores, e isso vem não é de hoje mas do pecado original, herdamos isso. Então eu peço, porque eu não iria pecar, se todo mundo peca. Mas Deus é grande, é misericordioso, quando agente erra tem que pagar pelo erro. Mas as vezes acha que Deus não perdoa. Sinto-me mal, Deus criou o ser humano para ser feliz e não para fazer mal aos outros.

INICIAIS: RRSa

IDADE: 52

PROFISSÃO: FUNCIONÁRIA PÚBLICA APOSENTADA.

GRAU DE ESCOLARIDADE: SEGUNDO GRAU COMPLETO

ESTADO CIVIL: CASADA

Católica desde nascença. Não aquela católica fervorosa, que lê a bíblia, não, mas sigo os princípios da religião. Desde criança. Toda a minha família é católica. Culpa, culpa, culpa, a culpa eu nem sei como definir, realmente quando agente faz alguma coisa que magoa as pessoas agente fica com aquilo, depois eu reflito e vejo que não foi aquela coisa extrema, acho que o significado da culpa é isso o arrependimento , quando agente fala alguma coisa que não devia agente se sente culpada, pedimos perdão a Deus, se eu falei demais, eu não sei nem dizer, é como se falar demais, como eu falo muito, as vezes eu falo demais até entre a família mesmo, aí eu penso, ai meu Deus pra que eu falei aquilo, então é nesse sentido. Acho que pecado é uma coisa mais séria, pecado... Nós cristãos católicos ou não católicos, todos

nós pecamos, qual o ser humano que não peca, né? Mais o que nós católicos sempre confessamos duas vezes por ano, então quando eu vejo e me pergunto será que aquilo foi um pecado, então eu confesso aos pés do padre, contando aquilo que você acha que fez e acha que Deus não gostou de ter feito aquilo e pra você é como se tivesse pecado, eu vou lá e peço perdão a deus. Acredito que com isso através da minha religião eu sou perdoada. Eu sempre tive Deus como um ser maior, aquele todo poderoso e a ele eu recorro na minha alegria, na minha tristeza, nas aflições, sempre tudo eu entrego a Deus. fui criada assim, sempre, minha mãe, pai, muito católicos, qualquer coisa, na escola por exemplo pedíamos a Deus para ser bem sucedida nas provas por exemplo, e depois agente sempre agradece após o ocorrido, eu credito que ele ta sempre presente em minha vida, fui criada assim. É assim, olhe eu não vou roubar, não matar, levantar falso, porque... que Deus não gosta disso, eu penso que o castigo venha de uma outra forma, por isso eu não faço, as vezes como ser humano. Você ver Deus como um Ser superior, e essa coisa de castigo você diz que, penso muito antes de agir, falar, porque nós seres humanos falamos muito e eu tenho muito medo, eu sempre falo eu que tenho medo nessa vida é: são dos castigos de Deus. Porque de repente pode vir de várias formas, então eu temo, eu temo, Porque ele é um Ser maior, é um pai que eu acredito. A graça eu sempre digo sendo católico ou de qualquer outra religião eu sempre digo que tenho muita fé, tudo que vou fazer, em termos de saúde, financeiro, eu digo que Deus me ajude, que Deus me ajude, olhe se der tudo certo eu pago essa promessa, tenho muito disso, recentemente fiz exames, deu tudo certo então eu fui a missa para agradecer, agradeço, comungo, então isso, eu tenho isso como parte da minha vida, não apenas eu, os meus irmãos também são assim, sempre que agente quer conseguir alguma coisa, agente pede, agente agradece. Agradecer também, eu sou muito de agradecer. Na minha concepção é a fé. Eu entrego, peço, entrego, se for para minha felicidade, para felicidade da minha família que eu consiga essa graça. Olhe, Acho tão difícil, não sei, o passado, o presente, o passado não lembro muito do que era passado na igreja, até porque eu acredito que de vinte anos para cá é que tenho frequentado mais a igreja, quando criança, pré adolescente e adolescente eu não era de fazer oração em casa, ia apenas a missa, sou uma católica, que rezo, mas não leio a bíblia, isso aí, tem apenas algumas passagens que leio mas sou mais de ler uma oração tipo santo expedito, leio a mais de vinte anos. Santo expedito é o santo das causas impossíveis e desesperadas. Às vezes sim, às vezes sim, não sei definir no momento como, mas às vezes sim. Muitas vezes eu penso antes de fazer algo, porque tenho medo, porque sei que não dá certo, porque depois vem, como se diz no ditado popular: a rebordosa” porque? Porque Deus não quer isso, eu sempre penso assim. Deus quer que agente seja humilde, ajude o próximo, e seja aquela pessoa, ele pede muito a humildade porque a arrogância não leva a nada. eu acho assim, pessoas arrogante elas sofrem muito e as pessoas humildes quando vivem de acordo com as suas possibilidades sempre ta ajudando o próximo, não apenas em termos financeiros mas em todos os sentidos, conversando, entregar as coisas Deus, eu sou muito assim, de entregar.

INICIAS: MCSC

IDADE: 61

RELIGIÃO: “CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA”

EST. CIVIL: CASADA
PROFISSÃO: AUDITORA DO TRIBUNAL DE CONTAS DA PARAÍBA E
PSICÓLOGA.

Católica apostólica romana, razoavelmente praticante. A religião é algo que sempre permeou minha vida, recebi uma formação católica, eu estudava em colégio de freiras católicas, tive uma educação cristã nos moldes tradicionais da igreja católica, a semana santa apenas vamos para igreja, é claro que sou uma pessoa racional e não sou fanática com nada, pertenci e pertencço a linha progressista da igreja, a teoria da libertação, por posicionamento político e de vida, tive sempre minhas simpatias pela esquerda e pertenci a esse grupo e a igreja católica razoavelmente tradicional, tendo o cuidado e sendo seletiva no sentido de observar o que era exigida pela igreja mas que iam de encontro aos ensinamentos do evangelho e os ensinamentos do cristão. Minha mãe foi aluna de um colégio de freira também, extremamente rígido, eu lembro que minha mãe descrevia uma cena que achava terrível, algo que não fosse condizente com as normas da escola, não podiam beijar o crucifixo, uma criança não ser merecedora de beijar um crucifixo, escola fechada, eu sempre vivi com esse tipo de coisa eu sempre relevei, tinha cuidado para que esse tipo de coisa não abalasse a minha fé, essa freira certamente tinha milhões e milhões de razões para agir desta forma, e também tem outra coisa existe a interpretação dos homens, não era deus e nem a igreja. Questões de ordem pessoal por vezes influenciam nas interpretações, acontece de acordo com sua estrutura, o histórico de vida de cada pessoa. Dentro de uma missa, as pessoas vão então fazer a sua própria interpretação, alguns vão acreditar e levar ao pé da letra, outras não vão fazer suas próprias avaliações.

Acredito que isso não é uma coisa só da igreja católica e sim de todas as religiões, a culpa ela permeia o ser humano, a pessoa já nasce praticamente culpado, é mais isso reside em qualquer religião. Reforçada pelo cristianismo e não especificamente pela igreja católica, igreja católica como tem mais dogmas, ritos, é provável que essa ritualística tenha influenciado. Essa expiação de culpa, ela passa da ritualística de você adorar, de se ajoelhar, de orar, de se confessar. Existe uma relação entre a culpa e o pecado, história de vida, alguns atos geram culpa é um processo natural. Em certos casos a culpa é até benéfica, se ninguém sentisse culpa seria o caos, você matava roubava, iria acontecer as barbáries mais absurdas e se sentia muito bem obrigada. A culpa de certa forma é necessária, ninguém pode viver isento de culpa, agora ela não pode ser exagerada do ponto de vista da igreja, isso atrapalha a relação com Deus, a culpa toma o lugar do amor. Essa questão do amor não foi tão trabalhada pela igreja católica, as religiões no passado foram fundamentadas mais no medo, o temor a Deus. As igrejas cristãs tiveram essa dificuldade e talvez tenha sido uma fuga, talvez uma medida educativa, para ter um controle sobre a situação ou uma pessoa é repressora. Culpa, pecado, comigo e boa parte da população acontece isso, quando os preceitos morais não dão para conter, aquilo que é imoral, você é reprimido pelo que é legal, então vem a lei e lhe reprime, religião o ser humano infringe as regras morais, infringe as regras legais e as vezes é barrado pelas regras de todos os preceitos religiosos ou seja, pela noção de pecado, resta isso que são as grandes forças de contenção do ser humano, dos impulsos, ou seja, a moral, a religião e o direito.

Pecador e confessou a Deus todo poderoso e aí ele diz que pecou muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, minha culpa, minha tão grande culpa e pede a virgem Maria e a todos os santos e aí ele pede perdão, ele assume que naquele momento tá pedindo perdão pelos seus pecados e tá pedindo absolvição, então ele tem de certa forma que assumir que pecou para poder pedir perdão, se ele não assume que pecou então não teria sentido uma absolvição, absorver o que, não é.

O conceito de graça, tenho uma certa dificuldade, a graça que tem me sido passada ao longo, que tem sido mais enfocada hoje pela igreja católica e acredito que influenciado identidades religiosas que trouxeram de volta para igreja católica alguns conceitos que tinham se perdido. Jamais enfocaram a questão da graça e, então, a fé é uma graça, a graça filial que Deus dá as pessoas, então, quando alguém diz uma tive uma graça muito grande, isso é uma dádiva de Deus. A graça seria dada, porque uns teriam e outros não, porque uns recebem e outros não, inclusive a própria fé é algo de responsabilidade minha, eu tenho uma fé, essa obrigação, sou católica, tenho essa obrigação de ter fé, é um contrato de adesão, ou tenho fé ou não tenho, ninguém tá me obrigando ter fé ou não, eu tenho que ter fé ou eu teria que ter fé, certo, mas há quem diga que fé é uma graça e que agente deve pedir fé, eu já pedi fé em orações. A Igreja católica assumiu um pensamento muito difundido pelos evangélicos e criticado as vezes que o católico acredita num Cristo morto e por isso que a semana santa é tão importante, não é. A semana santa você está ali para pedir perdão, todo tempo na semana santa os textos são em relação ao perdão, perdão por ter matado o Cristo, perdão por todo sofrimento que ele passou, se você é cristão você é refém da morte de Cristo, você também matou Cristo, você já nasce culpado, já se sente culpado, você entrou em uma religião onde matou o Pai, matou o pai, é como a história da horda primeva em Freud.

INÍCIAS: WMSD

IDADE: 53

ESTADO CIVIL: CASADA

RELIGIÃO: CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

EST. CIVIL: CASADA

PROFISSÃO: PROFESSORA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: SUPERIOR INCOMPLETO

Desde que nasci, pois minha família já era católica e minha mãe já passou todos os princípios, fui criada até hoje dentro dos princípios católicos, desde o nascimento. Nunca. No princípio minha mãe passava a imagem de Deus como um Ser castigador, que se agente cometesse alguma coisa errada ele ia nos punir, qualquer pecado, se não fizesse o que a igreja dizia, segundo o que ela dizia era que tudo isso estava na Bíblia, tudo era pecado, tínhamos que fazer tudo que Deus mandasse, se não agente ia ser castigada. Tudo era pecado, agente tinha que seguir fielmente o Deus mandava, se não fosse assim agente ia ser castigado, ela colocava que um dia Deus ia castigar agente por aquele ato, era um Deus que punia, passava aquele medo para mim de um Deus punidor. Não como um Pai misericordioso, mas aquele que punia. Geralmente para tudo, se desobedecesse tudo, ela colocava que era em qualquer ação, tinha que seguir sempre aquela linha, tinha que ser tudo certo, obediência em tudo, aos pais aos

mais velhos, ser educado, ter cuidado com o corpo, então se não fizéssemos conforme as leis de Deus íamos ser castigadas. Era muito difícil, mas quando eu achava que estava cometendo alguma coisa que não era certa então eu rezava, pedia a Deus que me perdoasse as vezes eu dizia, não, eu tou fazendo, vou assumir, vou pedir a Deus que não me castigue, se era assim vou ter que assumir. As vezes eu fazia alguma coisa que achava que não era pecado, mais ela dizia que era pecado, então eu pensava, vou assumir minha responsabilidade e ia levando e pedindo a Deus que tivesse pena, misericórdia de mim, sempre rezando. Há imediatamente, por exemplo, na minha época chamar um palavrão não podia, então eu ficava me policiando, não posso falar isso porque é pecado, Deus ta vendo, se tava no banheiro tomando banho, não podia nem me olhar muito que achava que Deus tava vendo e ia me castigar porque eu estava querendo olhar alguma coisa que não era para ver, era automático, ficava me policiando o tempo todo era aquilo que ela passava para mim. Bem, na igreja, desde cedo, pequena ainda e com sete anos frequentava a igreja e fui preparada para fazer eucaristia e me lembro que me acharam nova, os padres diziam, mas como minha mãe vivia muito dentro da igreja ela vinha me preparando desde cedo, fiz a minha eucaristia com sete anos todo domingo ia para missa e nunca faltava a missa e assim ia seguindo, conhecimento profundo de ler, de estudar, pesquisa não existia, a igreja é passava pra gente, essa obediência era passado pela igreja católica. até um certo momento da minha vida, até uns vinte anos comecei a perceber a diferença, que deus não era aquele deus punidor, aquele Deus que o Padre falava das próprias coisas que tinha na igreja, então foi abrindo mais a minha cabeça e via que não era tanto quanto mamãe falava, aquela coisa tão séria, não é, para meus irmãos também era da mesma forma tinham que fazer tudo aquilo que ela dizia. Eu não me sentia obrigada, gostava de algumas coisas que estava fazendo, embora tudo fosse muito rígido, MS me sinto bem, como me sinto até hoje, mas meus irmãos muito se desviaram, porque não conseguiram seguir, não era aquilo que eles queriam. Bem a culpa ficou para mim muito forte, no meu casamento, com meus filhos, porque eu comecei a perceber que estava passando para ele tudo que havia recebido e por esse medo de castigo, medo de pecar, passei muito para meus filhos, principalmente para um filho e ele recebeu tudo isto e aí começou com alguns problemas, de tudo ele tinha medo, medo de pecar, eu tenho culpa quando faço qualquer coisa errada e isso foi muito forte para mim, por isso me sinto culpada por isso também de ver o meu filho passar por tudo aquilo que eu passei, de forma inconsciente eu sofri e passei adiante. Então para mim foi a maior culpa foi eu ter passado de forma errada tudo que aprendi. Então os valores mudaram e Deus é um pai misericordioso, bom e justo, que tá ali para lhe ouvir, para dar apoio e não aquele pai que castiga e fica olhando tudo que agente faz 24 horas. Eu mudei, comecei a ver a orientação, comecei a pesquisar, escutar de um e de outro e fui formando outros conceitos dentro de mim e esses conceitos mudaram, a idéia de um Deus castigador, depois de adulta mesmo, até os meus filhos eu tinha medo de tudo, da natureza, dos trovões, achava que os trovões era castigo de Deus porque eu tinha feito algo de errado, é o relâmpago, tudo que vinha da natureza, para mim era um castigo, porque foi o que aprendi, sempre me senti culpada e perguntava: “ai meu Deus o que foi que eu fiz, será que vou morrer hoje”, depois desse processo todo de crescimento, vendo meu filho sofrendo muito por conta disso, comecei a me aprofundar, a me conhecer, comecei a conhecer outro mundo abriu-se, um leque imenso de possibilidade, desenvolvi outros pensamentos, outras visões. Foi através de terapia que eu fiz, também através da igreja que meu filho também entrou e aí nós, eu e ele passamos a estudar mais a

Bíblia, então ele fez a primeira eucaristia, começamos a participar mais ativamente da igreja e foi através disso que passei a pensar de forma diferente. Não, alguns princípios mudaram, vejo que mudou, hoje tou participando de outros estudos e tou vendo que mudou muito coisa na nossa igreja, cada padre que veio, o papa João Paulo II, houve muita reforma, mais abertura, já podemos ler a Bíblia, antes não podíamos fazer isso, eles é que ditavam tudo, hoje tem mais liberdade de ir lá, de perguntar, fazer estudo bíblico com eles ou com pessoal da igreja, mudou, acho que mudou muito, para mim muito a igreja. Muito melhor, muito melhor, porque agente fica mais tranquila, não existe mais aquele peso de dizer que Deus está me vigiando, vendo o que estou fazendo de errado, esse peso não tenho mais, vejo que Deus tá ali só para me ajudar, me orientar. Existe essa relação, mas não é que tou mais livre para cometer esses pecados, mas agente sabe mais o que deve fazer, agente tá mais consciente do erro que agente tá cometendo, não é mais aquela coisa que agente fica pensando será que tou certa, será que não estou, agora tenho essa consciência do que tou fazendo. Sei o que é certo, não vou querer fazer nada de errado, procuro fazer o certo, tou mais segura, tranquila, sei o que pode e o que não pode fazer. Exatamente. Agente pode errar e saber porque errou, saber avaliar e saber porque aconteceu, não é - tou mais segura nesse ponto também, de mudar minha vida. Sinto-me menos culpada, porque entendi que somos humanos e a gente faz coisas que não é certo, não por maldade, mas pode acontecer no dia a dia. É um dom, é uma coisa que Deus dá pra gente, não é que Ele diz vou dá graça só para alguns, mais para aquelas que estão abertas para Deus, para viver a palavra de Deus, com suas atitudes eu acredito que a pessoa seja agraciado. Para mim a pessoa tem que viver o evangelho, viver a palavra de Deus, porque eu acredito que se você não vive num caminho do bem, agente nãoo pode receber coisas boas, quem fez o mal, recebe o mal, se fiz o bem recebe o bem automaticamente a gente recebe bênçãos, graça e cada vez mais vai crescendo no lado positivo da vida. Eu acho, bem, para mim, eu peço a graça, mas nunca prometo nada em troca, se eu merecer aquela graça, eu peço, se eu merecer, se faça cumprir, mas nunca prometo, Deus não quer sacrifício da gente, ele já fez tanto sacrifício por nós, já morreu na cruz por nós , a única coisa que ele pede é pra amar, a Ele sobre todas as coisas, amar o inimigo, ao nosso próximo, Ele sabe todas as coisas, se você ama a E você não vai fazer nada de errado, de mal, não tem que ficar se preocupando com isso. Nesse momento que estou vivendo agora eu diria que é dentro do movimento carismático, se trabalha mais a graça e não a culpa, eles falam muito para agente pedir e mesmo sofrendo chegar perto de Deus e agradecer a Ele e dizer: Obrigado Jesus pela força que estais me dando para enfrentar esse problema, pela dor que tou passando, sempre agradecer, nunca agente pedir. é isso, é verdade, é isso mesmo, são vários segmentos, porém, no movimento carismático é mais libertador, o Deus não é punitivo. Eu também quero agradecer, por esse momento de falar sobre o que sinto da minha igreja, desse momento que tou vivendo, que é um momento bom, tou aprendendo muito sobre Jesus, tou me aprofundando e me sentindo bem.

INICIAS: JSS

IDADE: 41

ESTADO CIVIL: SOLTEIRA

RELIGIÃO: “CATÓLICA APÓSTÓLICA ROMANA”

PROFISSÃO: PROFESSORA**NÍVEL DE ESCOLARIDADE: SUPERIOR INCOMPLETO**

Católica apostólica romana praticante, a diferença é que o praticante está envolvido com os trabalhos da igreja e o não praticante é aquele que apenas assiste as missas. Desde sempre, minha família é católica, então eu já nasci sendo católica. A idéia de Deus era a de um Deus bom e justo, não tinha a idéia de um Deus que castiga. Em um determinado momento da minha vida, com vinte e poucos anos resolvi ser freira, passei seis anos e depois resolvi sair. Não me arrependo do meu tempo como freira, foi bom na parte doutrinária, tive uma visão mais ampla da igreja, me apaixonei mais ainda, conheci os lados, mas essa experiência foi boa. Bem!, na época não entendi, não gostava do trabalho, eu não era feliz, me sentia angustiada, mas hoje entendo que eu tinha uma missão na vida que era a de cuidar de meus pais, meus irmãos casaram e saíram de casa e eu que cuido deles. Não! Não me sinto culpada, porém, quando me sinto culpada de alguma coisa eu procuro tratar as pessoas bem. Não! Porque eu tinha uma visão de Deus, pai, de Deus amigo, de Deus acolhedor, que assim, se eu ferir meu semelhante, mais se for algo que seja da doutrina de Deus, da igreja, não eu não tenho constrangimento, eu não tenho culpa, porque eu acredito em um Deus além de religião, religião é como se fosse, é...um caminho a seguir, para não ficar vagando, certo, e com isso tem que se conhecer mais e eu amo essa igreja porque conheço a igreja, tanto as coisas boas, como as ruins, e..., nós somos chamados a ser santos, mas nós somos pecadores, eu tento conhecer as falhas da igreja católica, mais não sendo mais uma a contribuir, tento fazer a minha parte, a minha maneira de fazer o diferencial. Não é a igreja em si mas as pessoas que congregam dela e de certa forma denigrem a imagem da igreja, porque agente sabe que antigamente teve a época da inquisição e era a igreja católica, não adianta tapar o sol com a peneira, porque era a igreja que fazia tudo acontecer, eram os homens que faziam parte dessa igreja e assim não podemos dizer que a igreja é santa, ela é também pecadora, mais depende de cada um. “Eu acredito que muitas coisas acontecem porque o humano fala mais alto e não o cristão, porque quando agente leva a vida cristã, quando se acredita no cristo, o cristo que veio para salva, para libertar esse cristão, se passa a atuar mais com o lado humano, muita coisa acontece na igreja por causa disso, isso é em qualquer igreja, isso acontece porque o humano fala mais alto, assim como a questão temperamental. Eu não sei se muitas pessoas tem consciência dessa questão, quem tem mais é quem tá a frente da igreja, mas as pessoas, os fiéis não, os pastores sim, se aproveitam dessa fragilidade das pessoas, para se promoverem na vida e aí tá o humano, porque o cristo fica de lado, Jesus fica de lado e aí as pessoas que estão ali como são tratadas, não é, nós somos todos irmãos, herdeiros do pai, nós somos iguais independente de títulos, de cargos e se um tem uma missão a frente da igreja, essas pessoas é para dar exemplo, exemplo de humanidade, de amizade, são essas coisas que não aceito, os fiéis, não existe coisa mais bonita, que você chegar em uma igreja e ver as pessoas tendo aquela fé, a convicção de que aquela coisa que eles almejam vai acontecer e acontece, pela fé que move e me revolta de alguns se aproveitarem disso, dessa questão de fidelidade do povo, as vezes eu vejo em alguns carros a seguinte frase: “Deus é fiel”, não concordo com isso, Deus é Deus, não tem adjetivos, Ele é Ele, quem deve ser fiel somos nós, então para mim, Deus é tudo. É, exatamente. Quer ver uma coisa que eu pequei é você chegar para mim e eu

tentar lhe ajudar e não ajudo, as vezes o humano é muito assim, você chega para trabalhar e ta perturbado com alguma coisa mas ninguém é culpado dos meus problemas, então eu não posso jogar para ninguém meus problemas, eu sou chata, exigente, sou teimosa, mas não posso lhe ofender, lhe tratar mal, ai eu me sinto culpada, mim sinto pecadora, nesse sentido, porque assim, se eu lhe tratar mal é como se eu tivesse tratando Deus mal e você não é minha irmã, eu não lhe conheço e chegar dar logo uma tacada, entendeu, não pode ser assim. Sinto-me pecadora, suponhamos que peguei determinada coisa de alguém e eu tento passar isso para outra pessoa, não gostaria que ninguém fizesse isso comigo, quando em uma situação como essa eu mim sinto mal. Para mim pecado não é o que faço comigo mesmo, mas o que faço a meu próximo. Para mim o pecado se resume nisso, as vezes agente vê o pecado como, hál!, eu saio com alguém, eu pequei, estou dizendo eu solteira, não sou casada, não, vou me confessar, não, não é isso, não maltratei alguém, não fiz ml a ninguém, não maltratei, pecado para mim é isso é você ofender o próximo em pensamento, atos, ações, é você não tratá-la como irmão, apesar de que o humano ter tendência a pecar, nem todo dia você estar bem com todo mundo.

A graça é uma dádiva de Deus, você recebe todos os dias, a graça de Deus ela vem só de você todo dia levantar, já é uma graça de você ter um pouco que você tem, agente só aquilo que lutamos para ter e não aquilo que Deus quer, que Ele dá. Tem frase de caminhão que diz o seguinte: “Foi Deus que me deu.”, que Deus é esse que dá a uns e outros não, eu que vou a luta e consigo, eu não acredito nesse Deus que fica dando as coisas, Deus dá oportunidade a todo mundo e cada um é que tem de ir atrás, ter suas oportunidades, tem uns que vai e outros não, cada um tem um dom. Para mim graça de Deus acontece diariamente, acontece desde que acordo, a graça de Deus é constante. Eu acredito que é a culpa, ta tentando trabalhar mais a questão da graça agora, mas sempre trabalhou com a culpa. Eu sou pecador, Deus vai me castigar. A igreja ta tentando porque a humanidade é outra, as pessoas buscam um Deus que faz milagres que sempre que sempre fez, mas, as pessoas estão buscando mais, a questão da oração, mais que a igreja esqueceu um pouco e precisa retomar essa questão da missão. Obrigada, espero ter atendido as suas expectativas, mas é assim que penso.

INICIAIS : MMSG

IDADE: 57

ESTADO CIVIL: CASADA

FILHOS: 3

PROFISSÃO: PROF. UNIVERSITÁRIA

Sou católica, faço parte desde que nasci, sou batizada, crismada e casada, minha contava no coro da igreja. Tanto na igreja como em casa por minha mãe ser filha de Maria, eu participei de vários movimentos da igreja, fui da cruzada, do catecismo, do crisma, de todos esses movimentos da igreja, depois participei de grupos de jovens. Que Deus era uma pessoa invisível que agente tinha q2ue respeitar, por Ele está ali, tudo que agente fizesse de bom ou de ruim Ele estava lá, era assim, se você fizesse coisas boas, você ia ser premiada um dia com o reino eterno e se fizesse coisas ruins poderia pagar no inferno ou passar um bom tempo no

purgatório e depois dependendo do meu merecimento Jesus me levaria para ficar perto dele. Sim, existia um temor, de certa maneira quando agente ia fazer alguma coisa, tinha medo de pecar, não é, por exemplo: comer demais era um pecado, dizer a mãe que para um lugar e ir para outro era outro pecado, pecado, então, tinha aquela história de comungar , de confessar todo mês com o padre, minha dizia que embora você não tenha pecado mais tinha que se confessar junto ao padre, porque só em você pensar, você já ta pecando. Que mais fazia isso era minha mãe, ela que tinha essa visão, essa direção, porque meu pai era assim, uma pessoa muito espiritualizada, ele tinha uma espiritualidade muito grande, mas não era religioso. Não, na igreja era muito mais castradora, muito mais forte, mais severa, porque se agente não seguisse aquelas normas era como se fosse uma quebra de contrato, não podia ir de encontro ao que a igreja colocava e pregava. Com certeza, hoje tenho essa visão, quando m eu rezo o Pai Nosso, percebo que é uma oração que é carregada de..., na oração diz: “ *Perdoai os nossos pecados, assim como perdoamos aos nossos devedores*”, que devedores são esses, em toda vida eu estou devendo a alguém, porque, o credo, o creio em Deus Pai, passa essa idéia muito forte, de você crer na ressurreição e ao mesmo tempo nenhum momento, bem, você é sempre culpado de algo que vai acontecer, você é responsável pela culpa, o que acontecer é você, você, você já nasce culpado, carregada pelo pecado original, esse pecado vai carregar até o fim da vida. Com certeza, hoje eu tenho um novo olhar sobre a religião católica, eu escuto as homilias, as leituras que faço dos textos bíblicos, tudo é seletivo, mais agente percebe a culpa permeando em tudo, a culpa ta em tudo. Já, algumas vezes, já. Para mim, sim, a culpa e o pecado estão intimamente ligados, fica muito claro quando você diz: “ Pai perdoa-nos assim como nós perdoamos aos nossos devedores. Sim, sim, houve alguns momentos da minha vida que sim, inclusive faço terapia, trabalho as minhas culpas, as culpas que carreguei por conta dessa religião, por exemplo: “ Fui mãe solteira, mãe solteira, minha mãe dizia que estava suja, porque eu pequei, eu não podia receber a hóstia, isso foi terrível em minha vida, foi um período muito difícil, forte, que carreguei nas costas , tive que entrar em processo psicoterápico para desmistificar essa coisa, dessas crenças, porque isso eu levei muito tempo nas costas. Sim, hoje eu tiro a minha culpa, eu...bem...como poderia dizer..., qual a palavra, eu assisto a missa e faço seleção do que quero, do que acho certo, do que quero escutar. A graça eu sinto como um merecimento meu e não porque faço essa relação, assim, eu vou acender uma vela porque vou receber uma graça, não tenho mais esse sentimento, de fazer ou para muitas pessoas a questão da promessa ainda de vez em quando, mas é uma promessa de compromisso e não uma promessa no sentido de fazer algo em troca de outra, ter que dar alguma coisa em troca, hoje é mais como um compromisso e hoje é assim, eu vou na igreja católica, eu vou em outras instituições religiosas, que acho interessante e até para comparar uma com a outra. Ela ainda é tradicional, mas tem tido algumas aberturas, agente ver que alguns padres que tem mudado, tem tentado relacionar o evangelho de acordo com a vida das pessoas, o cotidiano, tem chegado mais próximo dos fiéis, mas ainda agente só chega até o altar, do altar para frente só padre mesmo. Não, porque para mim o importante é a minha relação espiritual, a minha espiritualidade é maior, não vai ser a instituição q eu, ou seja, a igreja que vai me aproximar de Deus. Ainda a culpa prevalece, elas caminham, mas a culpam ainda é muito grande e presente a questão da culpa. Todas as instituições trabalham muito mais a culpa. Por nada, precisando de mais algum esclarecimento estou a sua disposição.

INICIAIS: JCS

IDADE: 49

GRAU DE ESCOLARIDADE: SUPERIOR

PROFISSÃO: 15 ANOS DE SERVIÇO PRESBITERIAL - PADRE

Sou católico desde a infância, família católica tradicional, então íamos a missa de Natal, semana santa, meus pais são católicos, não fervorosos, minha mãe um pouco, hoje em dia ela é mais, minha mãe me ensinou a rezar Pai Nosso, as vezes ela esquecia, eu também. Como se deu a sua aproximação com a igreja, foi antes da adolescência, através das celebrações que aconteciam no bairro que morava em Recife, lá tinha uma capelinha que eles chamavam São Bartolomeu, minha mãe me levava uma vez ou outra para missa, mas eu também fui deixando, as vezes aos domingos, com aquela roupa nova agente ia para igreja perto de casa. Um pouco mais tarde aos 11 anos eu conhecia a igreja católica não mais levado por minha mãe ou meu pai, eu passei a ir aos domingos porque lá havia crianças e ficavam na frente da igreja brincando, eu gostava de estar ali com as crianças e um dia um coleguinha me perguntou se eu não gostaria de ajudar na missa, ajudar ao padre e aí eu aceitei, o padre era um gaúcho, um jesuíta muito simpático e de um sorriso encantador, de paizão e então eu passei a ajudar na missa, depois passei a frequentar mais, mas durante a semana, porque além da missa durante a semana tinha o terço mariano, daqueles que são devotos de Nossa Senhora, mãe de Jesus. Nessa época descobri que duas outras crianças estudavam na mesma escola que eu, a mesma série, então agente trocava deveres e isso ajudou muito, a minha experiência com Jesus e Cristo, ou de igreja, perdão, foi assim, algumas correções que eu recebi na igreja, a questão de falar baixo, de perdoar ao irmão, eu não aprendi somente em casa, mas também na igreja e com outros familiares. Confesso que a imagem de Deus era de um Deus castigador, às vezes até uma certa indiferença com relação a deus por parte dos meus pais, meu pai sempre preocupado em trabalhar, trabalhar, trabalhar, ele estava mais preocupado em trabalhar e era um pouco ausente e minha mãe era mais do lar, era a educadora, vamos assim dizer e por ter casado muito nova, ela era as vezes muito ríspida, firme demais, inflexível, hoje em dia agente poderia dizer assim, mais nada que eu poderia dizer que fiquei traumatizado. É, foi da educação que ela recebeu e infelizmente não soube administrar essa herança para com os filhos. Minha mãe era presente na vida da gente, ela era mãe, educadora, era pai, porque meu pai estava sempre ausente. Sim, a honestidade, nunca levar nada para casa, nem de brincadeira, porque se não o pau comia, então uma caneta, um lápis, mesmo que agente achasse, na sala, no corredor, não podíamos levar para casa, recebíamos puxão de orelha, se não uma correção física, ao menos uma chuva de carão. Fui mudando de idade, mudamos também de endereço e no novo endereço passei a me envolver com grupos de jovens me reaproximei da igreja e aí sim tive uma experiência mais forte com Jesus Cristo, não é, era bem jovem, mais que o restante do grupo, eu era o pirralho e gostava muito de cantar, eu costumo dizer que a minha experiência mais íntima com Jesus Cristo foi através das músicas de Padre Zezinho e das pregações de D. Helder Câmara, tinha um programa as 6 horas da manhã e as 6 da noite, um olhar pela cidade esse era o nome do programa e aí eu ouvia os poemas e crônicas de D. Helder e lá na nossa paróquia foi que aprendi a viver e comecei a

sentir Jesus bem mais próximo, para mim era bem mais agradável estar na igreja que qualquer outra coisa, aprendi a procurar o Jesus escondido, quem era o Jesus escondido, era o sacrário para nós católicos, ali fica guardado a presença de Jesus, a eucaristia: “faça isso em memória de mim”, então eu ia muito conversar com Nosso Senhor ali. Foi a experiência com Jesus que me encantou e que fez minha cabeça ao longo da juventude, a noção de pecado, de perdão, céu e inferno se dá exatamente nesse contexto. Se a minha base foi essa, eu posso dizer que aquela base dos dez mandamentos, do pecado, do céu, do inferno, isso é comum a todos os cristãos não apenas os católicos, isso sempre foi uma preocupação para gente, hoje e conceito amadurecido me faz perceber de outra forma, tenho outro olhar, mas sempre tive essa preocupação de ser um jovem que buscasse e pudesse merecer o céu, então, se eu errava mesmo que ninguém soubesse a culpa me doía, incomodava, de forma que para você ter uma idéia, eu vim conviver e sair um pouco mais da minha casa, ir para o centro da cidade já muito adulto com 21 anos, então eu era muito caseiro, muito família, era o trabalho, os estudos, então existia uma preocupação de buscar a santidade. Se agente percebia que muitas vezes ia de encontro, não apenas aquilo que os ensinamentos nos fala, que a lei da igreja nos diz, é claro que agente se sente mal, eu me sentia mal, então eu procurava a confissão com muita sinceridade, muita vontade de mudar, as vezes eu conseguia outras não, essa era a luta em uma palavra de São Paulo que um dia na confissão o padre me disse, eu me emocionei e disse a ele da minha luta para superar algumas dificuldades e ele disse: “Olha meu filho, São Paulo dizia que o mal que eu quero fazer este eu faço, mas o bem que quero fazer este eu não o faço.” O que o padre falava era da angústia que o apóstolo Paulo sentia, o desejo de ser a santidade, ele veio a perceber que eu tinha fraquezas, limitações que falhava, era inconstante e essa inconstância era presente e isso me angustiava também, me deixava um pouco perturbado e quando eu via o conselho do padre de procurar ter paciência comigo mesmo e nunca desistir de buscar a santidade possível e isso me ajudava e ele lembra por exemplo, dos exemplos dos santos e aí vem o amor pela leitura, esse padre colocava a disposição da gente livros, então isso me ajudava, não para tirar da minha consciência mas para me ajudar a refletir se eu estava agindo de forma correta ou não. Faz com que o indivíduo olhe mais para frente, o padre da minha paróquia fez com que eu gostasse mais de Santo Agostinho, aí, eu já estava na adolescência, era um jovem, não pensemos que no grupo jovem ou qualquer outro da igreja é só céu, tem muitos problemas, a primeira vez que eu vi o padre zangado, nossa senhora!, eu fiquei muito impressionado, por conta daquela visão, idéia que agente imaginava, agente pensa ele não pode ficar bravo, eu posso, depois agente percebe e diz: olha ele é humano, parece com minha mãe, mas nada disso me afastou da igreja, comecei a pensar, poxa, essa igreja é humana e aí nos anos 80 D. Helder falava que uma igreja santa também é pecadora, eu tenho muito orgulho da minha igreja, poxa, pensava, eu estou no lugar certo. Uma igreja que diz que também tem pecados, não é uma igreja que não se conforma com o pecado mais que o admite, ela tem falhas e percebe isto, não existe santidade da noite para o dia, ela é um processo constante, essa é a igreja que eu quero, quando comecei a perceber sou católico, sou cristão, acredito em Jesus Cristo, Jesus de Nazaré, sou católico, essa igreja eu quero, nessa igreja eu tou. Agente se preocupa com as questões sociais e espirituais. Agente entende a originalidade do pecado, entendemos que são os desvios que o humano tem é natural do ser humano desviar do caminho da palavra prevista por Deus, ser bom, ser justo, amar a Deus sobre todas as coisas, não roubar, guardar todas as coisas, a castidade, tudo isso para

gente é muito interessante. Já origem do pecado é exatamente desobediência, o desvio, agente carrega isto, vai chamar isso de..., na páscoa agente diz, oh, feliz culpa de Adão, porque fez com que Deus enviasse um salvador, seu filho para salvar agente, no pecado, na desobediência de Adão e Eva, algo nos ensino a superar, nem tudo é totalmente ruim. A igreja é pecadora porque está em processo de conversão constante, contínuo, agente só vai parar de se converter quando agente tiver passo a passo diante de Deus, São Tomaz de Aquino vai dizer isso, agente muito escuta, não é que estou salvo, sim e ainda não porque enquanto agente tiver vivo agente ta nesse dilema de santo e pecador, entre Deus e o Diabo. Isso, perfeitamente. Também, muitas vezes eu prego não assim em função do pecado do outro, mas o meu pecado, a busca da luta contra o pecado, a busca da santidade, durante esses quarenta dias agente lembra que o Cristo passou fazendo jejum, agente lembra da luta, da briga com Deus, depois se reconcilia com Deus, até conseguir chegar na terra prometida, quarenta anos lide4rada por Moisés e na quaresma agente lembra também da busca da santidade, de restaurar essa busca e eu convidava o povo a fazer o jejum da língua, que é um órgão tão pequeno, mais é capaz de destruir palácios, reinos, então nossa luta contra o pecado. A culpa existe, porque existe remorso, culpa, remorso, arrependimento, anda juntas, culpa é sentimento, traduz a nossa crença de algum desvio da vontade de Deus. Sobretudo consciência de que não foi vontade de Deus. A culpa vem da decorrência do erro, a exemplo do aborto, homicídio doloso ou culposos. Com a confissão vem o arrependimento e com a confissão vem a absolvição. A culpa é pesada, afasta de Deus ou aproxima. A graça sai de Deus, Ele deu a vida. Pecado é condenação. A culpa e a graça é uma realidade.

INICIAIS: MCA

IDADE: 58

ESTADO CIVIL: CASADA

FILHOS: 5

PROFISSÃO: APOSENTADA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Sou católica, faço parte desde que nasci, sou batizada, crismada e casada. Morava no interior e a minha casa era ponto de encontro de padres que iam a cidade, minha mãe era bem católica. Deus era uma pessoa que olha para gente em todas as situações, sempre ta observando o que fazemos. Falava-se de céu e inferno, de pecado, qualquer coisa que se fizesse era pecado, até pensar era pecado. Sim, existia um temor, de certa maneira quando agente ia fazer alguma coisa, tinha medo de pecar. Comungar, confessar todo mês com o padre, minha mãe dizia que embora você não tenha pecado mais tinha que se confessar junto ao padre, porque só em você pensar, você já ta pecando. Por pura ignorância, eles aceitavam tudo de forma muito fiel o que a igreja passava, tinham essa visão. Eles eram muito religiosos. Na igreja era tudo proibido, ninguém podia fazer nada, o padre era santo, um homem acima de qualquer suspeita. Não podia ir de encontro ao que a igreja colocava e pregava. Sem dúvida, a passagem de Jesus defendendo Maria Madalena e dizendo quem tiver

pecado que atire a primeira pedra já nos leva ao sentimento de culpa, todos nós carregamos algo de errado, ninguém é perfeito, Isso já vem antes da crucificação do Cristo, a morte dele só aumentou a nossa culpa, pois fomos nós que o levamos a crucificação. Acho que vem desde o pecado original, com Adão e Eva. Hoje vou as missas, assisto, mas para ser sincera não levo tudo ao pé da letra, não consigo, sou humana, procuro não me culpar tanto, mas não tem jeito vez ou outra estou eu lá me culpando. O pecado é algo inerente ao ser humano e consequentemente a culpa vem junto. As culpas que carreguei por conta da religião, a forma que me foi passada me trouxe muito o sentimento de culpa, casei, separei ainda em época que a igreja não aceitava a separação, o divórcio e isso fica impregnado na sociedade como um todo, é um ranço da igreja que fica nas pessoas. Hoje entendo que as pessoas que não aceitam muitas coisas, então a igreja tenta se adaptar a essa nova realidade, procuro seguir os ensinamentos do Cristo, que ama e perdoar tudo e não sai condenando as pessoas o tempo todo. Não entendo muito a graça, falamos muito sobre, mas não entendemos, não sabemos como recebemos a graça, as vezes é um pouco confuso, meus pais me ensinaram que para receber alguma coisa tínhamos que fazer promessas, é dando que se recebe. Sei que Deus olha por nós, mas a igreja não fala muito na graça. A igreja mudou, vem mudando na medida do possível, mas poderia mudar mais ainda, o fiel sente falta disso.

INICIAS: MSPF

IDADE: 53

PROFISSÃO: FUNCIONÁRIO PÚBLICO – AUDITOR FISCAL DO ESTADO

RELIGIÃO: CATÓLICA

GRAU DE ESCOLARIDADE: SUPERIOR COMPLETO

Não sou praticante, Fui batizado e aprendi os princípios religiosos da igreja católica. Não tinha muito a idéia de Deus, mas o que mais prevalecia era de um Deus duro, que castiga, o castigo era presente em tudo, até se ficasse uma roupa nossa pelo lado contrário se era utilizado o nome de Deus em vão. As questões religiosas influenciam em nossa vida, por mais que não seja praticante, mas a sociedade de um modo geral cobra das pessoas de forma não apenas no âmbito legal, judicial, mas, sobretudo das normas e regras impostas pela religião, ou religiões, utilizando o nome de Deus. A idéia de Deus, mas como falei o que mais o que prevalecia era de um Deus duro, que castiga, o castigo era presente em tudo, nos observando. Deus dá tudo gratuitamente sem esperar nada em troca, mas sei que temos que correr atrás, Ele nos dá condições e temos que aproveitar do que nos é proporcionado. Eu tinha a impressão que a imagem de Deus era confundida com a de Jesus, posteriormente imaginava Deus como sendo um homem velho de barbas e com cajado, as pessoas, meus pais não explicavam muito, acredito que também não sabiam, agora passavam que ele estava por perto, que via tudo, tudo o que fazíamos. De um modo geral o que era passado limitava, inibia, castrava, fazia com que nos sentíssemos culpados por qualquer coisa que fazíamos e a igreja colaborou muito com isso, creio que ela se aproveitava da fragilidade da ignorância das pessoas e para obter aquilo que ela desejava, o a fé cega de muita gente, sem entender, sem

compreender nada do próprio evangelho, dos ensinamentos do Cristo. Todos nós pecamos, temos as nossas falhas, as vezes tento não errar mas o desejo é que me impede e termino por fazer aquilo que quero, evidentemente que existe alguns princípios morais que não cometemos, como roubar, matar, passar por cima de tudo e de todos para conseguir aquilo que se deseja, temos limite. A consciência nos cobra e aí nós freiamos, parece que já tá incutido na nossa consciência, já nascemos com este sentimento de culpa que no meu ponto de vista foi reforçado pela igreja ao longo dos séculos. Acho que a graça é você fazer o bem sem olhar a quem, assim nós recebemos de Deus por merecimento, de acordo com aquilo que se plantou, como se diz por aí a semeadura é livre mas a colheita é obrigatória, creio que recebemos as consequências dos nossos atos. Demorei, mas aprendi desta forma. A graça é dada por Deus, mas não entendo bem a graça, sei que a culpa faz parte da vivência do cristão e a igreja coloca isso de forma muito clara.